



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ARQUITETURAS SUFRAGADAS E MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS:
Uma arqueologia da memória da Remanso submersa-BA.

Nina Rosa Pereira Ledoux

Laranjeiras -SE
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

**ARQUITETURAS SUFRAGADAS E MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS: UMA
ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA DA REMANSO SUBMERSA-BA.**

Nina Rosa Pereira Ledoux

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Arqueologia e Interfaces Disciplinares.

Orientador (a): Dr. Jenilton Ferreira Santos

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Laranjeiras - SE
2017

Dedico a luz da minha vida, minha família, aos meus amigos e aos moradores de Remanso Velho, em especial a avó Ismênia que faleceu alguns dias antes de ser entrevistada, a avó Izaulina e seu filho José Wilton e Dona Libório que partiram depois das entrevistas, mas antes da finalização do texto.

AGRADECIMENTOS

Agradecer parece simples, mas não se trata de uma tarefa fácil. A memória falha, ela apesar da sua complexidade e importância, deixa perder alguns nomes durante sua metamorfose. Mesmo diante de tamanha responsabilidade eu me ponho aqui para agradecer de forma terna e simples a todos que contribuíram nessa fase tão importante.

Primeiro agradeço a minha família, minhas mães e irmãs, que sempre me apoiam transbordando amor, sem vocês nada seria possível. Ao meu tio Adalton e sua linda família, Ana, Andreza e Gabi por vibrarem a cada conquista minha.

Agradeço a meu orientador, por pela paciência, colaboração e pela amizade. Obrigada por acreditar nessa pesquisa e contribuir em todas as etapas, obrigada por ser luz!

Agradeço aquelas que são minha família também, minhas amigas, que contribuem diariamente na minha vida, sem vocês os meus dias perderiam as cores, Carol, Rafaela, Iunny, Suele e Alessadra.

A Ingrid, minha “*roommate*”, mais que isso, minha família em Aracaju, minha amiga da graduação para vida. Obrigada por dividir todos os momentos dessa fase tão importante das nossas vidas, o caminho até aqui seria mais difícil sem você.

Meu agradecimento à Sarah, sua amizade e colaboração contribuíram grandemente para conclusão desse trabalho.

Aos amigos Charles, Quelvim e Talles que mesmo que essa fase tenha nos distanciado o amor permaneceu o mesmo. A Lázaro (o tio fofura) e Felipe Sales pelas oportunidades.

Meus queridos amigos de Aracaju que foram essenciais para minha permanência na cidade, o sempre prestativo e companheiro de GOT Rodrigo, a doçura em pessoa Nico, o grande Arnaldo, o sempre bem humorado Sr. Luiz, Paula e Rogério pela recepção no Hostel e indicação do apartamento, aos queridos Edmundo e Maria que me acolheram como membro da família.

A meus queridos amigos da turma 2015.1, vocês são incríveis e do bem, a Arqueologia certamente é mais rica com vocês. Meu agradecimento especial à Zé Thiago por estar no mesmo barco desde a graduação e se tornar esse grande amigo no mestrado, à querida Bia por ser tão fofa e tão cheia de energia, a Aline pelos bons momentos compartilhando lutas e risos, Jene pela doçura inigualável (e afeto em forma de café) Gustavo por ser esse cara tão do bem e Moysés por ensinar tanto e de forma tão humilde.

A minha amiga e companheira de laboratório e vida Loriane, só a gente sabe “das correrias” para chegar nessa fase. Obrigada emanar luz e positividade e por me fazer dar gargalhadas infinitas.

As Professoras Dra. Suely Amâncio e Msc. Laura Almeida pelo carinho e contribuições para a pesquisa.

Aos professores do Programa que somaram no meu aprendizado durante essa fase.

Aos que contribuíram no início dessa jornada, meus eternos e queridos Professores da UNIVASF, em especial Gisele Daltrini, Celito Kesting, Nívia Assis, Fátima Barbosa e Guilherme Medeiros. A Vanessa Gonçalves por ter disponibilizado um lugar para ficar durante a seleção, Selenia e Rafael pelas contribuições.

Aos entrevistados que abrilhantaram essa pesquisa e contribuíram para meu crescimento pessoal e amadurecimento enquanto pesquisadora.

Todas as pessoas que fizeram possível a realização do evento Tarde da Saudade: memórias da Velha Remanso. Dona Mariza Muniz pelo espaço no Museu do Sertão Antônio Coelho e ajuda com as comidas, Meninha, Zilda, Tia Tereza, Tio Raimundo e todos os que participaram das manifestações culturais no evento, minha eterna gratidão. Ao Edyvan Brabosa pela ajuda com som, microfones e o momento da “difusora primavera”, meu cunhado Paulo, o amigo Leidinho por dirigir todos os dias nas correrias da pesquisa.

Agradeço o apoio financeiro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), sem o qual não poderia ter realizado a pesquisa.

A todos que, no caminho até aqui contribuíram de alguma forma, minha gratidão!

*“O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco, lá pra cima da Bahia
Diz que dia, menos dia, vai subir bem devagar
E passo a passo, vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar”.*

Trecho da música: “Sobradinho”, de Sá e Guarabyra.

RESUMO

As águas que engoliram a cidade marcaram uma nova dinâmica na memória dos cidadãos da antiga Remanso. A materialidade construída sufragou, mas as memórias a ela associadas tomaram novas dimensões simbólicas. Em virtude do represamento do Rio São Francisco para formar o atual Lago de Sobradinho, o município de Remanso, localizado no norte do estado da Bahia, foi transferido para uma nova sede na década de 1970. Grande parte do antigo município ainda dormita nas águas do lago, entretanto as memórias relacionadas a ele compõem um importante fragmento da identidade dos ribeirinhos. O presente trabalho propõe entender a dinâmica na elaboração das novas memórias associadas à materialidade construída da antiga Remanso-BA submersa no Lago de Sobradinho. A pesquisa foi instrumentalizada a partir das análises de fontes orais que vivenciaram a transferência da cidade “velha” para cidade “nova”. Ainda como fonte, utilizo a documentação fotográfica e cartográfica sobre a cidade em questão, com objetivo de construir um cenário de contraponto às diversas “Remansos” que submergiram do imaginário coletivo e das memórias individuais. Assim podemos apontar, fundamentado nos resultados desta pesquisa, que as memórias dos cidadãos são construídas a partir de eixos temporais distintos, levando em consideração tempo de vivência na antiga cidade, o bairro que residia e a atribuição de valor variável aos diferentes lugares construídos. O primeiro eixo se molda nas memórias da cidade antes da notícia da mudança somadas a valorização do espaço e cotidiano da antiga cidade, o segundo eixo diz sobre as memórias durante o recebimento da notícia somadas ao nascimento do “valor menor” da cidade velha e adaptação à nova cidade, por último as impressões atuais sobre a mudança, somadas ao nascimento do “valor nostálgico” em relação a Remanso Velho. Ainda é produto dessa pesquisa o evento Tarde da Saudade: memórias da velha Remanso-BA, que promoveu um encontro dos antigos moradores no Museu do Sertão Antônio Coelho para rememorar através do acervo do museu e das apresentações culturais o município que foi submerso.

Palavras-chave: Remanso-BA, Arqueologia e Memória, Arquitetura.

ABSTRACT

The waters that swallowed the city marked a new dynamics in the memory of the citizens of old Remanso. The constructed matter succumbed, but the memories of it created new symbolic dimensions. Due to the impoundment of the São Francisco River to form the present Lake Sobradinho, the city of Remanso, located in the north of the state of Bahia, was transferred to a new location in the 1970s. Great part of the old town still rests under the waters of the lake; however, the memories related to it are a big part of the identity of the waterside population. The present work aims to understand the dynamics in the elaboration of the new memories related to the constructed matter of old sunken Remanso in Lake Sobradinho. The research was based on the analysis of oral narratives from people who experienced the city's transition from "old" to "new". There's also as source material photographic and cartographic documentation in order to show counterpoints between the actual city and the different ones that exist in the collective imagination and individual memories. Thus, based on the results of this research, it's possible to point out that the memories of the city's population were constructed based on different temporal bases, taking into account the period of living in the old city, the neighborhood in which they resided and the different attributed values to the different places built. The first basis concerns the memories of the city before the news of the change, plus the appreciation of the physical space and daily life in the old city; the second basis is about the memories during the time of reception of the news, added to the origin of the idea of "low value" attributed to the old city and the adaptation to the new city; finally, the last basis consists of the current impressions of the change, plus the "nostalgic value" relating to the old Remanso. It was also a product of this research the event "Afternoon of Nostalgia: memories of the old Remanso-BA", which promoted a meeting of the former residents in the Antônio Coelho Rural Museum so as to remember, through the museum's collection and cultural acts, the city that submerged.

Keywords: Remanso – BA. Archeology & Memory. Architecture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
	CAPÍTULO I - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, MEMÓRIA, TEMPO E IDENTIDADES. 21	
1.1	Arqueologia Histórica.....	21
1.2	Memória	25
1.3	Identidade: memória em ação na Arqueologia.	33
1.4	Tempo: receptáculo da memória e identidade (?)	37
	CAPÍTULO II - HISTÓRIA ORAL COMO FERRAMENTA NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA	40
2.1	História Oral	40
2.2	História Oral no Brasil.....	43
2.3	Entrevista Semi-Estruturada	44
	CAPÍTULO III - CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO	52
3.1	História e arquitetura: de Remanso Velho ao Remanso Novo.	52
3.2	Pesquisas Arqueológicas no Submédio São Francisco.....	84
	CAPÍTULO IV - ARQUITETURAS SUFRAGADAS E MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS	91
4.1	Apresentando os protagonistas	91
4.2	Construção da Memória.....	99
	CAPÍTULO V – TARDE DA SAUDADE: MEMÓRIAS DA VELHA REMANSO; “FAIXA BÔNUS DA PESQUISA”.	109
5.1	Surgimento da ideia	109
5.2	Museu do Sertão Antônio Coelho: Acervo Marisa Muniz, a guardiã da memória.	112
5.3	Realização do evento	118
5.4	Impressões e resultados: Evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”. 128	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	130

Anexo 1 – Documentação do Ex Prefeito de Remanso Velho, Dércilo Castelo Branco do acervo pessoal da sua esposa Lúcia Libório.....	138
Anexo 2 – Termo de cessão de direitos sobre o depoimento oral.	142
Anexo 4 – Cópia da Ata de presença do Museu do Sertão Antônio Coelho do dia do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”	163

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem aérea da localização de Remanso – BA.	55
Figura 2 - Localização do Arraial de Remanso.	56
Figura 3 - Documento Lei Estadual nº 369 de 9 de Agosto de 1900.....	58
Figura 4 - Redemoinho formado no leito do Rio São Francisco em Remanso Velho.	59
Figura 5 - Rua da Latada em 1971.	59
Figura 6 - Via elevada denominada “Banca” em 1970, Remanso Velho.....	61
Figura 7 - Imagem do bairro Capão de Cima, Rua 21 de Abril em Remanso Velho.....	62
Figura 8 - Imagem do bairro Capão do Meio.	63
Figura 9 -Imagem do bairro Capão de Baixo.	63
Figura 10 - Bairros de Remanso Velho.	64
Figura 11 - Casas de taipa nos bairros mais periféricos.	65
Figura 12 - Imagem da Delegacia de Polícia de Remanso Velho.	66
Figura 13 - Imagem da Delegacia de Polícia de Remanso Velho.	66
Figura 14 - Imagem aérea destacando a parte central do município de Remanso Velho.....	66
Figura 15 - - Imagem aérea da parte central município de Remanso Velho começando a submergir nas águas do Rio São Francisco.	66
Figura 16 – Bar do O na Praça Duque de Caxias, Remanso Velho.	67
Figura 17 - Capela do bairro Capão, antes e depois da reforma que ocorreu em 1965.....	68
Figura 18 - Capela do bairro Capão parcialmente submersa.	68
Figura 19 - Igreja Cristã Evangélica Ebenézer em Remanso Velho.	68
Figura 20 - Sede do Sistema de abastecimento de água, Caixa d’água de Remanso Velho e a Hospital Público de Remanso Velho (SESP).	69
Figura 21 Sede do Sistema de abastecimento de água, Caixa d’água de Remanso Velho e a Hospital Público de Remanso Velho (SESP) início da submersão da cidade pelas águas do Rio São Francisco.....	69
Figura 22 - Ruínas da Sede do Sistema de abastecimento de água e Caixa d’água de Remanso Velho.	69
Figura 23 – “Rua Chile” em Remanso Velho, década 1970.	69
Figura 24 - Grupo Escolar Getúlio Vargas, Remanso Velho - BA.	70
Figura 25 - Ruínas do Grupo Escolar Getúlio Vargas, Remanso Velho.	70

Figura 26 - Grupo Escolar Cel. José Castelo Branco.	71
Figura 27 - Entrada do Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Velho.	71
Figura 28 - Vista frontal do Colégio Municipal Ruy Barbosa por volta de 1970.	71
Figura 29 - Ruínas do Colégio Municipal Ruy Barbosa no período de seca de 2007.....	72
Figura 30 - Cemitério de Remanso velho, em vista frontal.....	72
Figura 31 - Ruínas do Cemitério de Remanso Velho.....	72
Figura 32 - Dercilio Castelo Branco, Prefeito de Remanso em 1939.	73
Figura 33 - Prefeitura de Remanso Velho (esquina) e parte do sobrado do Sr. Adolfo Castelo Branco.....	74
Figura 34 - Prefeitura de Remanso Velho sendo demolida em 1977, na transferência para nova sede.	74
Figura 35 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho - BA, 1975.....	74
Figura 36 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho – BA, parcialmente submersa em 1977.	74
Figura 37 – Altar da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho – BA.	75
Figura 38 - Ruínas do altar da Igreja Matriz evidenciado no período de seca do Lago de	75
Figura 39 - Rua Barão do Rio Branco, conhecida como “Rua do Comércio”, parte central de Remanso Velho.	76
Figura 40 - Rua Barão do Rio Branco, conhecida como “Rua do Comércio” na parte central de Remanso Velho às vésperas de ser submersa, década de 1970.	76
Figura 41- Mercado Municipal de Remanso Velho em 1940.	76
Figura 42 - Mercado Municipal de Remanso Velho na década de 1970.....	76
Figura 43 - Rampa principal de ancoradouro das embarcações por volta de 1970.....	77
Figura 44 – Ruínas do Cais de Remanso Velho, período de seca no ano 2012.	77
Figura 45 - Ruínas da rampa principal de ancoradouro das embarcações de Remanso Velho, período de seca do ano de 2015.....	77
Figura 46 – “Porto das Barcas” em Remanso Velho.....	77
Figura 47 - Vapor Benjamin Guimarães ancorado no Cais de Remanso Velho.	78
Figura 48 - Vapor São Francisco, Cais de Remanso Velho.	78
Figura 49 - Vapor Barão de Cotegipe.....	79
Figura 50 - Carta da Bacia do Rio S. Francisco.	80
Figura 51 - Reunião solene para anunciar a criação da Barragem de Sobradinho – Candido de Albuquerque Coelho, prefeito de Remanso em 1971.....	82
Figura 52 – Vias Públicas de Remanso Velho – BA.....	83

Figura 53 - Mapa localizado as duas sedes do município de Remanso e cidades vizinhas.....	84
Figura 54 - Imagem de satélite com a localização aproximada da antiga sede de Remanso (em círculo), e da nova sede (em retângulo).....	84
Figura 55 – Área central da cidade de Remanso Novo no primeiro ano da mudança.....	84
Figura 56 - Distribuição espacial dos sítios arqueológicos identificados em 1977.....	86
Figura 57 - Ponta de projétil, em quartzo, com aletas retas e pedúnculo com base reta.	87
Figura 58 - Seixos rolados com marcas de uso.	87
Figura 59 - Registro após a entrevista de Christóvam Lopes Régis Júnior, Prainha de Amaralina em Remanso – Ba.	92
Figura 60 - Marisa Muniz no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso	92
Figura 61 – Registro pós entrevista de Veraneide Pinheiro, Izaulina de Jesus e José Wilton Martins.....	93
Figura 62 - Registro após a entrevista de Cândido de Albuquerque Coelho.....	93
Figura 63 - Registro após-entrevista de Ângela Ribeiro Alves e Claudemira Barbosa Miranda.	94
Figura 64 - Registro após-entrevista de Carmelita dos Santos Alves.	94
Figura 65 - Registro após entrevista de Maria Santos Pereira, 2016.....	95
Figura 66 - Registro pós-entrevista de Maria Lima Santos	95
Figura 67 - Registro após a entrevista de Dona Maria Madalena Magalhães, 2016.	96
Figura 68 - Ex-prefeito de Remanso-BA Carlos Dias Ribeiro.....	96
Figura 69 - Registro pó-entrevista de Nioleene Nascimento, 2016.	97
Figura 70 – Entrevistada Edileide Evangelista de França.	97
Figura 71 - Terezinha Santos no evento no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso	98
Figura 72 - Adelaido Viana pós-entrevista, 2016.....	98
Figura 73 - Entrevistada Noêmia Souza	99
Figura 74 - Entrevistada Maria Wilma Almeida	99
Figura 75 - Publicação do entrevistado Adelaido Viana sobre a notícia da implantação da Barragem de Sobradinho.	106
Figura 76 - Alto falante e antigos aparelhos de rádio remanescentes da cidade de Remanso Velho. Acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho.....	111
Figura 77 - Convite do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso” no Museu do Sertão Antônio Coelho.	111
Figura 78 - Marisa Muniz em frente ao Museu do Sertão Antônio Coelho.	113

Figura 79 - Convite do evento Colóquio sobre coronelismo e desarmonia social no auditório da Câmara de Vereadores de Remanso - BA promovido pela direção do Museu do Sertão Antônio Coelho.	114
Figura 80 - Convite do evento “II Encontro de Museus”, 2010.	114
Figura 81 - Convite da abertura da exposição “Memórias que emergem das águas” no Museu do Sertão Antônio Coelho, 2016.	114
Figura 82 - abertura do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”	119
Figura 83 - Marisa Muniz e Nina Rosa Ledoux na abertura do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”.	119
Figura 84 - Lúciola Castelo Branco no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”.	119
Figura 85 - Participantes escrevendo as dedicatórias para serem lidas no momento “Difusora Primavera”, recriada no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	120
Figura 86 - Momento “Difusora Primavera”, recriada no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.....	120
Figura 87 - Momento recriação da “Difusora Primavera” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.....	120
Figura 88 - Edywan Barbosa na recriação da “Difusora Primavera” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	120
Figura 89 - Comidas típicas oferecidas no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	121
Figura 90 - Comidas típicas oferecidas no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	121
Figura 91 - Registro do momento “Lanche da Saudade” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.....	121
Figura 92 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	123
Figura 93 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.	123
Figura 94 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.....	123
Figura 95 - Marujada no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso, 2016.	124
Figura 96 - Marujada no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso, 2016.	124

Figura 97 - Altar de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	125
Figura 98 - Apresentação da Roda de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	125
Figura 99 - Roda de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	126
Figura 100 - Reis de boi no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	127
Figura 101 - Reis de boi no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	127
Figura 102 - Samba de <i>Velho</i> , finalização do evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	128
Figura 103 - Samba de Veio, finalização do evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.	128
Figura 104 - Meninas com lata d'água na cabeça em Remanso Velho.	144
Figura 105 - Figura 64 - "Rio de Cima" em Remanso Velho, década de 1970.....	146

1 INTRODUÇÃO

A implementação da Barragem de Sobradinho na década de 1970 culminou na deslocação de mais de 70 mil ribeirinhos. Cidades-beira baianas foram submersas sufragando testemunhos de um tempo nas águas represadas do Rio São Francisco. Parte da materialidade construída do antigo município de Remanso (BA) ainda dormita no corpo fluvial do Velho Chico, entretanto as memórias relacionadas a essa materialidade compõe um importante fragmento de identidade dos ribeirinhos.

As pesquisas arqueológicas no Vale do São Francisco são suporte principal para o conhecimento sobre a identidade das populações autóctones. Mesmo com o crescente número de pesquisas arqueológicas no local, é perceptível que muitas informações foram comprometidas pelo fato de grande parte do patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico da região norte da Bahia ter sido submergido pelas águas do Lago de Sobradinho, “afogando” uma parte importante da história do Brasil. Martin (1996) aponta que “desapareceram, por exemplo, ruínas de missões jesuíticas e franciscanas, igrejas antigas e até o cais de Petrolândia, construído para o desembarque de Dom Pedro II, em sua histórica viagem pelo São Francisco”.

Podemos atentar que é crescente na disciplina de arqueologia o número de trabalhos que se propõem estudar o passado recente de grupos considerando não apenas a materialidade, mas dando ênfase as memórias de atores sociais relacionadas a ela. Utilizando o campo metodológico Arqueologia da Memória é possível viabilizar construções e interpretações utilizando as memórias de grupos contemporâneos como os ribeirinhos do município de Remanso (BA), entendendo que podem existir oscilações entre memória subjetiva e os cenários concretos.

Saliento que pesquisas arqueológicas que se adentram em tal viés fomentam um espaço fecundo na disciplina de arqueologia que possibilita que o pesquisador faça construções e interpretações coletivas a partir da memória. Os arqueólogos interessados nesta ferramenta de pesquisa têm claramente o entendimento que não são “reconstrutores de passados” nem incumbidos de resgatar memórias. Entendendo que as interpretações feitas sobre o passado são construídas no presente e tais interpretações são influenciadas pelo lugar de fala do pesquisador, assim como as informações orais são modificadas pelos narradores.

Os relatos sobre a memória são leituras feitas sobre um acontecimento e são diretamente influenciados por diversas variáveis (religião, etnia, sexo, humor, classe social, idade, esquecimento...). A tomada de consciência sobre as influências externas no trabalho do arqueólogo e a aceitação de que não existe uma verdade pura e absoluta sobre um fato do passado são avanços das posturas pós-modernas em arqueologia. Para essa postura não existe um passado imutável e único e sim a construção de vários passados arquitetados em cenários diferentes.

A memória é constituída de acontecimentos, vividos pessoalmente individualmente e no coletivo e “vivido por tabela”, ou seja, acontecimento que faz parte da história e identidade, que não necessariamente viveu pessoalmente, mas tal acontecimento o caracteriza enquanto membro de um grupo. Acontecimentos regionais que tenham impacto traumático marcam a história de um grupo, a memória sobre o evento pode ser transmitida por muitas gerações tornando-se constituinte da identidade. O fenômeno de identificação com um determinado passado pode levar a questionar sobre a existência de uma memória herdada que sofre processo de transformação cotidianamente.

Além dos acontecimentos transmitidos por meio do relato das memórias, podemos considerar o conceito de “lugares de memória”. Os "Lugares de Memória", proposto por Pierre Nora (1993) é uma construção simbólica contemporânea que atende à necessidade de ter acesso a uma memória viva que identifique o indivíduo como pertencente a um grupo. Os lugares de apoio à memória podem despertar o sentimento de coletividade, salientando que a coletividade não é entendida com fenômeno engessado, imutável, mas um ponto de ligação entre pessoas de um grupo, essencialmente dinâmico.

Para fazer o levantamento acerca das memórias individuais/coletivas, memórias herdadas e lugares de memória é preciso recorrer à informação oral. A oralidade tornou-se uma ferramenta útil no trabalho do arqueólogo. Recursos plurais tais como as informações orais, os artefatos e as estruturas, a arquitetura, os documentos escritos e as imagens podem ser utilizados pelo pesquisador que trabalha no âmbito da Arqueologia Histórica. No caso desta pesquisa o uso das metodologias propostas pela História oral é essencial.

Para esclarecer a importância de ouvir e analisar a construção da memória desses atores deve-se salientar o contexto histórico que se encontra o antigo município de Remanso – BA, considerado nesta pesquisa como local de origem do laço de memória. Fazendo um recorte histórico, o município de Remanso Velho pelo Decreto Municipal nº10/77, de 28 de janeiro de 1977, foi transferido para uma nova sede, em virtude do represamento do Rio São Francisco para formar o atual Lago de Sobradinho, onde, obviamente, grande parte do

município foi submerso. Este processo faz parte da história dos moradores da região, e como tal está presente na memória das pessoas do atual município.

O presente trabalho propõe entender a dinâmica da construção da memória no município de Remanso – BA, considerando o momento histórico onde o antigo município foi submerso, a partir de relatos orais. É necessário salientar que se buscou fazer uma observação da construção de interpretações acerca de um momento histórico transformador da dinâmica social de um a pequena cidade sertaneja e, considerando as variáveis do tempo, lugar de fala e faixa etária dos narradores. Aqui serão apresentadas interpretações feitas a partir das informações orais dos moradores do antigo município de Remanso, sobre as memórias relacionadas ao espaço simbólico e materialidade do antigo município. Assim entender como essas memórias constituem a história e identidade dos cidadãos.

As memórias relacionais a cidade, antes e durante a notícia da mudança para uma nova sede até o momento em que o antigo município foi submerso, são marcos de transformações na história dos moradores do local, neste sentido, os eventos foram analisados como constituinte da identidade do grupo. Entendendo, também, que o evento da mudança é constantemente relatado e assunto comum das gerações que nasceram já na nova sede do município, a memória sobre o fato tornou-se herança dos sertanejos.

O objetivo geral desta pesquisa, como mencionado, consiste em analisar como se deu a construção da memória, utilizando os relatos orais - relacionando com as fontes icnográficas e históricas - dos moradores do município de Remanso-BA, considerando as transformações ocasionadas pela submersão do antigo município e instalação da nova sede. Os objetivos específicos são: (i) realizar entrevistas com moradores do município de Remanso – BA que vivenciaram o espaço construído da Remanso Velha antes da notícia da mudança; (ii) revisar pontos importantes para historiografia presentes na bibliografia apresentando a cidade de Remanso Velha por meio da documentação e fontes imagéticas (iii) argumentar sobre a dinâmica da memória na construção de identidade; (iiii) entender a influência do tempo e lugar de fala na construção da memórias dos cidadãos; (iiiii) apresentar os resultados das análises dos relatos orais; (iiiii) apresentar os resultados do evento “Tarde da saudade: memórias da velha Remanso, realizado para complementar a presente pesquisa.

Neste texto, são apresentados cinco capítulos que compõem a pesquisa. O primeiro capítulo aborda as discussões teóricas e metodológicas onde o trabalho se fundamenta, dando suporte e direcionamento para a pesquisa. Primeiramente será apresentada a Arqueologia Histórica, campo disciplinar no qual está inserida o presente trabalho. Após isso trataremos sobre a Memória, tema central da pesquisa. A partir disso, serão discutidas questões acerca da

Identidade como memória em ação na arqueologia, visando entender os aspectos que unificam os fenômenos e como estão presentes na perspectiva arqueológica. É discutido, também, de forma breve o Tempo, dentro da doutrina do relacionismo, como receptáculo da memória e identidade.

A fim de apresentar metodologia prática para a pesquisa, o capítulo II é dedicado a História Oral como campo fecundo nas pesquisas arqueológicas, além de apresentar objetivamente o que seria o método de Entrevista Semi-estruturada.

O capítulo III apresenta o contexto histórico e arqueológico de Remanso-BA, onde a pesquisa foi realizada, explanando as informações necessárias para entender a dinâmica histórica do local, por consequência aspectos sociais e econômicos, e o potencial arqueológico da região lustrado pelas pesquisas já realizadas.

O IV capítulo é dedicado à análise das entrevistas realizadas para presente pesquisa. Neste capítulo são apresentados os trechos das entrevistas e as interpretações feitas a partir deles. Ainda são apresentados os entrevistados e as considerações acerca das memórias dos mesmos.

Por fim, o capítulo V apresenta o resultado obtido com a realização do evento Tarde da saudade: memórias da Velha Remanso, realizado em novembro de 2016 após o primeiro levantamento de campo, a fim de fechar a pesquisa com um feito almejado pelos entrevistados. Após isso, apresento as considerações finais acerca da pesquisa. Na oportunidade recomendo a leitura e apreciação das falas dos entrevistados dispostas nos anexos desta pesquisa.

PARTE I | CONTEXTUALIZAÇÃO

CAPÍTULO I - ARQUEOLOGIA HISTÓRICA, MEMÓRIA, TEMPO E IDENTIDADES.

Tempo, história, memória e identidade são processos interligados, sugiro que são indissociáveis dos estudos arqueológicos, principalmente no âmbito do, que entendemos como, “tempo histórico”. Partindo desse pressuposto, proponho, aqui, debater a abordagem teórica e metodológica desta pesquisa.

1.1 Arqueologia Histórica

Pretendo tratar neste capítulo da Arqueologia Histórica, campo disciplinar no qual está inserida a presente pesquisa, seu desenvolvimento teórico e metodológico e aplicabilidade serão esclarecidos a fim de embasar o presente trabalho.

A primeira publicação que refletiu sobre uma abordagem arqueológica de períodos históricos foi elaborada por Harrington no ano de 1947, na sua definição os sítios históricos seriam os que fossem evidenciados vestígios culturais que não fossem oriundos dos grupos indígenas presentes no Novo Mundo (LIMA, 1989; SANTOS, 2003). A definição proposta por Harrington foi revista no ano de 1965 pelo arqueólogo Fontana em *On the Meaning of Historical Sites*, nesta nova perspectiva são apresentadas cinco categorias distintas para enquadrar os sítios evidenciados.

A primeira delas consistia no período que se caracterizou pela ausência de povoamento efetivo europeu na América, no entanto, o escambo praticado fora suficiente para deixar vestígios de sua cultura em aldeamentos indígenas, sendo estes sítios denominados *proto-históricos*. A segunda categoria seria a dos *sítios de contato*, pois nestes os vestígios de ambas as culturas subsistem de forma homogênea pelo fato de tratar de localidades que foram habitadas por colonizadores e indígenas num mesmo período. Os sítios *pós-contato* foram assim denominados porque se tratava de uma determinada região ocupada pelos índios após o contato com o europeu. Neste sentido, os testemunhos materiais encontrados são predominantemente produzidos pelos indígenas, contudo denotam que a confecção sofrera a influência do colonizador. Uma quarta categoria proposta seria denominada de *sítios de fronteira*, pois consistia em espacialidades utilizadas por indígenas e europeus numa mesma ocasião, sem, contudo, servir de assentamento sistemático para nenhum dos grupos envolvidos no processo. Finalmente, Fontana cognominou sítios *não-aborígenes* para determinar ambientes em que não se encontravam vestígios materiais de culturas ameríndias, ou em que estes estavam escassamente presentes (SANTOS, 2003:16).

Em 1992, Orser definiu a Arqueologia Histórica como “o estudo arqueológico dos aspectos materiais em termos históricos, culturais e sociais concretos, dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo trazidos da Europa e que continuam em ação até hoje”. Gaspar (2003), por sua vez, define a Arqueologia Histórica como o campo do saber que pretende dar conta da introdução e do desenvolvimento do processo de expansão territorial e ocupação das terras indígenas na América do sul bem como das práticas políticas sociais e econômicas de origem europeia, no território que se transformou na nação brasileira. Pedro Paulo Funari (2007: 50) aponta que

A arqueologia histórica ainda é majoritariamente entendida, em termos gerais, como o estudo das sociedades com registros escritos, mas nas últimas duas ou três décadas, suas características distintivas foram alvo de muito debate, com o objetivo de afastar o papel suplementar, de “história subordinada” que possuía, como também com a intenção de elevar-se o patamar profissional do campo e de seus proponentes.

Funari (2002) informa que na Europa e Ásia o termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é utilizado. Existem algumas subdivisões de áreas de estudo, entendidas como “históricas”, como por exemplo, a Arqueologia Clássica e a Egípcia. A Arqueologia Histórica na América surgiu pelo estudo de estruturas e artefatos vinculados à classe dominante, como, por exemplo, monumentos e locais relevantes para a construção e validação das grandes narrativas, ou seja, atrelada a uma História tradicional e excludente em que a elite europeia e seus descendentes eram o centro dos estudos (ZANETTINI, 2005).

Inicialmente aplicava-se a Arqueologia Histórica no estudo da cultura material de diferentes períodos em relação à estratigrafia e história documental. Recentemente ela vem sendo utilizada para compreender a sociedade em tempos históricos de forma mais ampla, considerando cultura, ideologias e identidade social. Nesse contexto, a cultura material e as manifestações simbólicas revelam algumas informações acerca da sociedade capitalista desde o contato, o colonialismo até as estruturações pós-colonialistas. Sendo assim a Arqueologia Histórica configura-se como um campo promissor da Arqueologia.

A definição desta como um campo específico da Arqueologia surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos e Inglaterra, na mesma década a Arqueologia Brasileira dava um passo importante no campo legal com a Lei 3.924 de 26 de julho de 1961, dispondo acerca da salvaguarda do patrimônio arqueológico. Segundo Funari (2002) a Arqueologia Histórica foi criada a partir da disjunção com a pré-história (tida como o período onde o território era habitado apenas por povos indígenas antes do contato com os europeus) e, pelos europeus,

como o estudo da nossa civilização, sejam as grandes civilizações ocidentais, sejam às anteriores à escrita.

Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil, ocorreram os primeiros trabalhos com metodologia definida pelo PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), quando se realizaram os primeiros estudos sistemáticos de ruínas do século XVI, aldeias espanholas e missões jesuítas (NAJJAR, 2005). Estas pesquisas estavam fundamentadas na abordagem teórica do modelo Histórico-Cultural, buscando sequências cronológicas a partir de estudos tipológicos (OLIVEIRA; SYMANSKI, 1999).

A abordagem histórico-culturalista não considerava nas suas interpretações o desenvolvimento dos estágios gerais da sociedade. Voltava-se o foco das pesquisas a reconstruções e descrições sincrônicas, principalmente em contextos nacionalistas. O fracasso dessa abordagem deu-se pelo fato de não se aceitar a mudança cultural das “coisas” nas bases da estrutura social local.

Apesar das constantes críticas ao histórico-culturalismo, devido à precariedade das análises empregadas é prudente situá-lo como parte de um processo dialético e de amadurecimento da Ciência Arqueológica (GHENO; MACHADO, 2013). Como crítica a insuficiência da abordagem histórico-culturalista na década de 1960 nos Estados Unidos, surgiu o Processualismo ou a Nova Arqueologia, entre pesquisadores que defendiam ser possível fazer análises arqueológicas mais complexas. Sua base puramente positivista implicava na busca por formas mais exatas, utilizando métodos de amostragem do material e dados etnográficos para fazer generalizações sistemáticas e funcionais.

Para os processualistas, a cultura material é um meio extrassomático de adaptação ao meio ambiente. Para eles, as adaptações seriam uma resposta às pressões externas. O determinismo biológico não era relevante nessa abordagem. Entendia-se que as mudanças ocorriam no âmbito cultural e não biológico. Nesse aspecto, entendia-se a cultura como um sistema, ou seja, como conjunto de elementos interdependentes – subsistemas - que atuam em busca de um equilíbrio estabelecendo uma relação solidária. No processualismo, o objetivo básico dos arqueólogos deveria ser o de explicar as mudanças das culturas arqueológicas em termos de processo cultural (TRIGGER, 2004).

Um dos principais temas de debate nos trabalhos de orientação processual em Arqueologia Histórica diz respeito ao modo no qual a variabilidade do status social é refletida arqueologicamente. Um pressuposto básico é que o poder de compra do indivíduo estará

refletido na qualidade do material encontrado no registro arqueológico (SYMANSKI, 1996: 64).

Mesmo reconhecendo a importância da Nova Arqueologia, muitos pesquisadores com Lima (2002) e Trigger (2004) a criticam pela pouca utilidade teórico-metodológica para Arqueologia Histórica. Isso se deve a ênfase na antropologia e generalizações contrárias às bases históricas. Salienta-se, porém, a importância da Nova Arqueologia no que se diz respeito à construção de metodologia e técnicas científicas que se aplicam em contextos históricos.

No final dos anos setenta e início dos anos oitenta um número crescente de arqueólogos mostrava insatisfação com o rumo que tomava a Arqueologia. Esses profissionais argumentavam que a New Archaeology não permitia ir mais além, intelectualmente falando (JOHNSON, 2000). Eles defendiam que os arqueólogos, assim como outros cientistas, deviam repensar sobre a indispensabilidade de se fazer comprovações que fossem de cunho positivista. Os pós-processuais - denominados desta forma porque se opuseram às correntes processuais da New Archaeology -, coincidem em destacar que a arqueologia, também, cria reconstruções subjetivas do passado (ZARANKIN, 2002), fugindo do caráter homogêneo das explicações científicas e afirmação da existência de uma realidade essencial, como propostos pelo processualismo. Cabe salientar que essas considerações não se tratam de comparação entre as abordagens teóricas ou de que acredito que uma corrente sobrepõe a outra porque parte de pressupostos limitados.

O que podemos sinalizar é que na abordagem pós-processual os indivíduos não são mais vistos como agentes passivos dos sistemas sociais. Os contextos passam a ser abordados de forma que ganhem significados/simbologias. O discurso pós-moderno valida à possibilidade de uma pluralidade nas interpretações da cultura material, o que interessa para esta pesquisa.

No pós-processualismo, a cultura material, fonte primária da Arqueologia, passa a ser trabalhada como indissociável da espécie humana. Ela passou a ser entendida como um conjunto de elementos que representam condutas, gestos e ideias, tanto no sentido material como no simbólico, inseridas nas relações cotidianas (GHENO; MACHADO, 2013). O pós-processualismo também é conhecido como contextual, pois se preocupa com o “contexto histórico e social da produção de conhecimento, com a subjetividade e comprometimento do arqueólogo com os grupos sociais” (FUNARI, 2003:51).

Dentro desta perspectiva, o pesquisador pode trabalhar, no âmbito da Arqueologia Histórica, utilizando uma maior variedade de fontes em seus estudos, como aponta Najjar (2005), os artefatos, os documentos escritos, a informação oral e a própria arquitetura podem informar ao pesquisador sobre as relações entre os ocupantes desses sítios e como eles se relacionavam com a sociedade. Os aspectos peculiares da Arqueologia Histórica, em poder utilizar e confrontar suas diversas fontes caracterizam grandes avanços na pesquisa arqueológica, possibilitando trabalhar com demandas históricas de grupos marginalizados, como sugere Funari (1996) dar “voz” aos esquecidos pela História Tradicional.

A arquitetura, uma das fontes da Arqueologia Histórica, como um tipo particular de linguagem abarca aspectos simbólicos das sociedades. Ao analisar seu processo de formação pode-se compreender sua significação ao longo da história (LEONE 1977, 1984; FLETCHER 1989; MONKS 1992; MARKUS 1993a, 1993b; PARKER & PEARSON 1994; GRAHAME 1995, 1997; ZARANKIN 2002). Ao representar fisicamente uma concepção de mundo, ela estabelece vínculos entre os indivíduos, entre a paisagem em que se insere e entre as dimensões simbólicas incrustadas na sua materialidade (LIMA, 2010). A arquitetura materializa concepções humanas, ocupando e transformando a dinâmica do espaço, é um “produto humano” legítimo que, segundo Rapoport (1969, 1982, 1990^a, 1990b), reflete a relação direta entre cultura e meio ambiente. É inegável que a arquitetura oferece subsídio para construção de interpretações acerca de um momento histórico. Podemos somar a representação da arquitetura à “fala” (informação oral) de agentes históricos, ou seja, utilizar destas fontes para construir análises e representações sobre um fato acontecido e vivido.

Apesar de o fato histórico ser imutável os sujeitos, testemunhas e pesquisadores constroem análises influenciados pelo tempo e contexto social que estão inseridos. Os relatos orais constituem uma ferramenta de pesquisa capaz de entender a dinâmica da construção da memória. É preciso salientar que a memória é uma construção concreta, pois tem referencial na realidade material do passado, no contexto das pesquisas arqueológicas em arqueologia histórica.

1.2 Memória

“Buñuel dizia que era preciso perder a memória, ainda que parcialmente, para se dar conta de que é ela que ‘constitui a nossa vida’ ” (CANDAU, 2016: 15).

A disciplina de Arqueologia proporciona ao pesquisador à oportunidade de desenvolver trabalhos utilizando diversas fontes e correlacionando diversas áreas. Sabe-se que hoje é aceito na disciplina estudar o passado fazendo construções e interpretações utilizando a memória de sociedades contemporâneas. Lembremos que tradicionalmente as posições mais ortodoxas em arqueologia têm se limitado a apresentar visões positivistas do passado em que este é “descoberto” por meio de uma metodologia científica (ZARANKIN, 2014: 38). Porém, principalmente, com o surgimento das posturas pós-modernas o estudo da memória passou a ser de interesse do arqueólogo por se tratar de um mecanismo essencialmente humano na sua dinâmica de construção e expressão. O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se as lembranças e reminiscências (BEAR, 1996). Segundo Candau (2016) a memória é uma faculdade humana¹ e é importante analisar as formas como a mesma se manifesta (variando de acordo com os indivíduos, grupos e sociedades).

Na Antiguidade Clássica, os gregos fizeram da memória uma deusa, Mnemósine² (DE FREITAS, 2006:52). Aristóteles já disse, 2.000 anos atrás: "Nada há no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos" (MARSHALL, 1988). Não criamos as memórias. As memórias são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos (IZQUIERDO, 1989). Para Aristóteles – que distingue a memória propriamente dita, a *mnernê*, mera faculdade de conservar o passado, e a reminiscência, a *mcannesí*, faculdade de evocar voluntariamente esse passado –, a memória, dessacralizada, laicizada, está "agora incluída no tempo, mas num tempo que permanece (LE GOFF, 1990:379). Platão³, dizia que a memória é fundamentalmente uma Teoria do Conhecimento. Tal teoria consiste na existência de um conhecimento que não é derivado das impressões sensoriais. Estão latentes em nossas memórias as formas das idéias, formas de realidades que a alma conheceu antes de cada um nascer (SMOLKA, 2000). Para Platão:

¹ Com exceção de alguns casos patológicos, todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa (CANDAU, 2016:21).

² Essa deusa lembra aos homens os heróis e seus altos feitos e também preside a poesia lírica. O poeta é, pois, um homem que quando possuído pela memória é transportado por ela ao coração dos acontecimentos antigos, tornando-se, assim, um adivinho do passado (DE FREITAS, 2006:52)

³ Numa passagem célebre do *Teeteto* [191c-d] de Platão, Sócrates fala do bloco de cera que existe na nossa alma e que é "uma dádiva de Mnemosine, mãe da Musa" e que nos permite guardar as impressões nele feitas com um estilete. A memória platônica perdeu o seu aspecto mítico, mas não procura fazer do passado um conhecimento: quer subtrair-se à experiência temporal (LE GOFF, 1990:379).

O verdadeiro conhecimento consiste em ajustar as marcas das impressões sensoriais à forma da realidade superior, da qual as coisas são meros reflexos. Todos os objetos sensíveis têm referência em certos (arque)tipos aos quais se assemelham. Nós não vimos ou aprendemos esses arquetipos nessa vida. O conhecimento deles é inato em nossa memória. Assim, por exemplo, a idéia de igualdade é inata (SMOLKA, 2000:174).

Santo Agostinho na sua obra *Confissões* trata da memória dentro da perspectiva religiosa. No livro X ele fala sobre *O poder da memória*, onde inicia dizendo “Irei também além desta força da minha natureza, ascendendo por degraus até àquele que me criou, e dirijo-me para as planícies e os vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens veiculadas por toda a espécie de coisas que se sentiram” (p.53). Claramente ele correlaciona a memória a “espaço” e sentidos⁴ quando completa dizendo “Aí está escondido também tudo aquilo que pensamos, quer aumentando, quer diminuindo, quer variando de qualquer modo que seja as coisas” (p.54). Ainda no livro X, Santo Agostinho fala sobre “*A memória das artes liberais*” onde trata das coisas que não penetram na memória como cheiros e sons, porém suas imagens são captadas e eventualmente recordadas. Continuando o debate, faz uma breve passagem sobre “*A memória das matemáticas*”, alertando sobre o modo da memória que absorve noções e leis dos números e dimensões. Ainda explica em “*memória da memória*” como conserva as coisas da memória, citadas, na memória e como obteve as informações. Seguindo essa linha ainda fala sobre “*A memória dos afetos*”, que como sugere o nome trata sobre os sentimentos, como por exemplo, paixões, tristezas, alegrias, angustias, medo.

Santo Agostinho ainda fala sobre “*A memória do esquecimento*”, para esclarecer que esquecer também competência da memória, onde armazena a informação que “foi esquecido”. Diante de toda a ênfase dada ao poder da memória, e sendo ele um religioso, salientou que por mais que se tenha todos os benefícios da memória há um limite de tempo para usufruir de tal poder e só Deus seria eterno, essas observações são feitas no tópico nomeado “*O poder da memória é grande, mas insuficiente para chegar a Deus*”. Ainda fala em “*Só se reconhece o que se encontra na memória*” que tudo que reconhecemos está conservado na memória.

⁴ “Ali estão arquivadas, de forma distinta e classificada, todas as coisas que foram introduzidas cada uma pela sua entrada: a luz e todas as cores e formas dos corpos, pelos olhos; todas as espécies de sons, pelos ouvidos; todos os odores, pela entrada do nariz; todos os sabores, pela entrada da boca; e, pelo sentido de todo o corpo, o que é duro, o que é mole, o que é quente ou frio, o que é macio ou áspero, pesado ou leve, quer exterior, quer interior ao corpo. Todas estas coisas recebe, para as recordar quando é necessário, e para as retomar, o vasto recôndito da memória e as suas secretas e inefáveis concavidades: todas estas coisas entram nela, cada uma por sua porta, e nela são armazenadas. Contudo, não são as próprias coisas que entram, mas sim as imagens das coisas, percebidas pelos sentidos, que ali estão à disposição do pensamento que as recorda” (Santo Agostinho, Livro X, 2001:54).

Seguindo abordando memória, Santo Agostinho ainda trata sobre “*Como a memória contém a felicidade*” e finaliza a abordagem sobre o tema com os tópicos “*Deus tem um lugar na memória*” e “*Em que lugar da memória se encontra Deus?*”.

A memória, é também, via para avanço das ciências, na perspectiva evolutiva, por exemplo, a memória também é discutida. Chapouthier (2006: 9), dentro da perspectiva evolutiva, estabelece dois sentidos para memória. No primeiro, “memória é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para assim modificar o próprio comportamento”. No segundo de forma mais ampla, afirma que a memória é “[...] todo traço deixado no mundo ou nos componentes deste por um determinado evento”. Utilizando a segunda forma proposta por Chapouthier (2006), não é difícil pensar rapidamente sobre grandes eventos que deixaram “marcas” em um grupo, influenciando diretamente a dinâmica de organização pós evento. Chauí (1992) diz que é um fato biológico, anatômico, fisiológico, por isso somos todos memoriosos e memorialistas. Vigotski fala sobre a relação direta da memória natural com os estímulos externos, tendo os sentidos o papel fundamental para detectar de forma imediata as informações armazenadas. Este processo caracteriza-se por ser involuntário e ter base biológica.

Essa memória [natural ou elementar] resulta da ação direta das impressões externas das pessoas e é tão direta quanto a percepção imediata, com a qual ainda não interrompe a conexão direta. Do ponto de vista estrutural, a mais importante característica desse processo como um todo é o imediatismo, uma característica que relaciona a memória da pessoa com a do animal; sendo correto chamá-la de memória natural. (Vygotsky, 1999:46).

Na perspectiva antropológica, Candau, no seu livro “Memória e Identidade” (2016), propõe taxonomia das diferentes manifestações da memória. A primeira seria “uma memória de baixo nível”, esta tal como um “protopensamento” que não pode ser destacada da atividade em curso e suas circunstâncias (memória repetitiva ou memória-hábito) (p. 21). Nesse sentido, o autor fala que, é provável que os membros de uma mesma sociedade compartilhem as mesmas maneiras de estar no mundo (gestualidade, maneiras de dizer, maneiras de fazer etc.), adquiridas quando de sua socialização primeira, maneiras de estar no mundo que contribuem para defini-los e que memorizam sem ter consciência, o que é o princípio da sua eficácia (p.26) A segunda, “a memória propriamente dita ou de alto nível” que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento (saberes, crenças, sensações, sentimentos, etc.) (p.23). O autor ainda sugere a terceira “a metáfora” que é, por

um lado, a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória, o conhecimento que tem dela, e de outro, o que diz dela (p.23).

Le Goff, no livro *História e Memória* (1990), faz considerações de outros autores de acerca da memória:

Leroi-Gourhan considera a memória em sentido lato e distingue três tipos de memória: memória *específica*, memória *étnica*, memória *artificial*: "Memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma "memória específica" para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória "étnica" que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória "artificial", eletrônica em sua forma mais [Pg. 426] recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados" [1964-65:269].

Nora (1993) conceitua a memória como um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. O autor discorre sobre uma memória “integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma” (Nora, 1993, p.8) que cumpre na plenitude o seu papel de “conservação e transmissão dos valores” (Idem), típica nas sociedades-memória. Não obstante, refere, também, a possibilidade da memória deixar de conseguir cumprir, de forma plena, o seu papel de transmissora de referências que permitem ao indivíduo sentir-se integrado na dinâmica da sua sociedade. Delgado (2010) esclarece que o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutre, por exemplo, de lembranças de família, músicas, filmes, tradições, histórias escutadas e registradas. A memória ativa é um recurso importante para transmissão de experiências consolidadas ao longo de diferentes temporalidades. Le Goff (1990) indiretamente enfoca a importância da valorização da informação do presente e do passado como forma de registro com a utilização da memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990: 423).

Diante do exposto acima, a leitura imediata que se faz é que a memória é um fenômeno especificamente individual. Porém, Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno

coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992). Para Halbwachs (1990:51) “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (POLLAK, 1992). Para Halbwachs (1990:82) a memória coletiva é também uma corrente de pensamento contínuo, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência de um grupo. A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessíveis, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA 1993:9).

CASTELLANO (1987) comparou as memórias com a luz das estrelas, que ainda brilham na noite quando já não existem mais. É possível que o complicado e ainda muito desconhecido *hardware* cerebral possa fazer, alterar e desfazer memórias sem alterar o funcionamento de nenhuma sinapse ou processo bioquímico em forma estrutural ou permanente. Já em 1964, Green afirmou que a “memória pode ser considerada em termos de modelos ou abstrações matemáticas, e é até concebível que o estado de memória em si seja algum tipo de abstração sem realidade tangível” (IZQUIERDO, 1989:109).

Jacques Le Goff (1990) preferirá reservar a designação de memória coletiva para os povos sem escrita, aplicando o termo memória social às sociedades onde a escrita já tenha se instalado. Nesse caso, a possibilidade de construir uma história permitiria distinguir memória coletiva e social: esta última teria como testemunhas os documentos escritos, inexistentes entre os povos de cultura exclusivamente oral (GONDAR, 2008).

Halbwachs (2004) diz que a memória garante uma coesão social que se entende como os laços com o grupo que se mantêm mesmo quando os indivíduos se encontram sozinhos, e é no grupo que eles se pautam ao recorrerem às suas lembranças (DA ROSA, 2014:125). Memória social em nenhum momento é, aqui, entendida como monolítica, mas como variável por sexo, etnia, classe, religião ou outros fatores importantes, permitindo uma multiplicidade e possível conflito, de memórias em qualquer sociedade. Também de ser salientado [...] a aceitação da mutabilidade da memória social, o reconhecimento de que ela emerge e evolui a partir de ambos os atos, lembrar e esquecer (DYKE & ALCOCK, 2003).

Inimigo da memória, o esquecimento [...] por vezes objeto de medo e tentação, impõe-se sempre sobre as lembranças. [...] A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios (CANDAU, 2016:127).

A construção da memória pode simbolicamente alisar rupturas, criando a aparência de um todo social sem costura (DYKE & ALCOCK, 2003). Segundo Pollak (1992) podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Na formação dos processos simbólicos que envolvem o “lembrar”, podemos admitir a existência dos lugares de memória, que apresentam aspectos físicos mediadores de relações sociais. A fisicalidade, também, é agente importante na construção da memória, nossas experiências que as compõe necessitam de uma relação corpórea com o mundo. Segundo Andrew Jhones (2007) a memória é um processo que acontece no encontro entre o sujeito e o mundo material.

Segundo Nora (1997), os lugares da memória podem ser classificados em lugares topográficos, como as bibliotecas, arquivos e museus, em lugares funcionais, a que pertencem os manuais, as autobiografias ou as associações e os lugares monumentais, que são os cemitérios ou as arquiteturas (reforçando, mais uma vez, a importância desta fonte da arqueologia histórica para pesquisa arqueológica). Para Da Rosa (2014) os lugares de memória são como resquícios. Nora (1993:13) explica os lugares de memórias:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreia. São bastões sobre os quais ela se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente há vida, quando o mar se retira da memória viva.

Os lugares de memória só existem como tal se forem vividos e modificados ao longo do tempo, como explicou Nora (1993) neste processo produz a memória viva. A memória do

passado só existe, portanto, na medida em que o reinventamos, criando um novo sujeito nem fictício nem real, mescla de recordações verdadeiras (*conservação*) e impressões distorcidas (*reprodução*) (BUNGART NETO, 2014:2).

Não há, assim, em se tratando de memória, a pura e simples reconstituição dos fatos vividos, muitas vezes "exteriores" e alheios ao "eu", mas uma espécie de espaço intervalar no qual a mais longínqua recordação e a mais fantasiosa imaginação convivem sem se excluírem (BUNGART NETO, 2014:2).

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico (POLLAK, 1992). Nora (1993) utiliza-se enfaticamente da ritualização de uma memória-história em um determinado espaço denominado “Lugares de Memória” na esperança de que essa possa reunificar o indivíduo fragmentado com o qual lidamos na sociedade contemporânea. No entanto, a existência de tais lugares não significa que o passado pode ser concretamente tangível ou que estes locais sejam peças para reconstrução da memória. As pesquisas que tratam da memória não devem ousar propor reconstrução/salvação da memória no sentido “puro” (não modificada) ou resgate da verdade sobre o passado por meio da memória, se aceita que a “verdade” não se radica no passado; pelo contrário, é uma construção cultural de um determinado momento (ZARANKIN, 2002: 24), por tanto, [...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo⁵ (CANDAU, 2016).

Entender que o pesquisador não detém o poder de reconstituição do passado por meio da memória, a consciência sobre as influências externas que podem influenciar a pesquisa e a aceitação de que não existe uma verdade pura e absoluta sobre um acontecimento do passado são avanços na disciplina de arqueologia. Desta forma o arqueólogo ao inserir a memória na sua pesquisa pode contribuir para sociedade como mediador de construção de interpretações acerca de um fato do passado, considerando, que mesmo com as variáveis, tais construções são representações de uma memória coletiva sólida (porém dinâmica) que está intimamente relacionada com a identidade de um grupo.

⁵ Segundo Japiassú e Marcondes (1996:178) a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente.

1.3 Identidade: memória em ação na Arqueologia.

O conceito de identidade tem sido utilizado frequentemente em trabalhos nos âmbitos das ciências humanas e sociais. Na primeira metade no século XX a identidade era considerada como elemento estável, algo dado e pré-existente (CASTRO, 2008), neste caso, consistia em um núcleo interior que nascia com o homem e o acompanhava ao longo de sua existência, permanecendo essencialmente o mesmo (SOUZA, 2014). Porém, como aponta Castro (2008), essa visão mudou, nas diversas disciplinas que trabalham com esta temática está ocorrendo uma completa desconstrução das perspectivas sobre identidades.

No ensaio intitulado *Memória e Identidade* (2016), Jöel Candau, aborda a identidade delimitando-a, a princípio, como um estado construído socialmente “de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (2011:09). Numa concepção sociológica, que parte da ideia de interação entre o interno e o externo, a identidade é “formada na interação entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006:11). Interagir com o meio social implica na coletividade, como exposto, a memória é uma ferramenta eficaz na construção do sentimento de unidade, do coletivo, por meio da rememoração. Neste sentido, Sousa (2014) diz que rememorar é um trabalho empreendido para revisitar e revisar o passado, mas que está calcado no presente e por isso é também uma forma de revisar o agora. Dessa forma, narrar-se pode ser percebido como um trabalho de reler-se: ler novamente conferindo outros sentidos. Este é o ponto crucial da relação entre memória e identidade, a qual ganha forma por meio do discurso, pois, para conferir significado ao tempo vivido e à bagagem de experiências do sujeito, é preciso dar forma a esse tempo. Candau desvela essa relação de forma objetiva, afirmando que a “memória é a identidade em ação” (2011: 18).

Pollak, (1992:5) apontam que na construção da identidade – recorrendo à psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante

do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Podemos entender *identidade*, através de um viés semiológico, como o conjunto de marcas que estrutura o modo como os indivíduos são e, ao mesmo tempo, o conjunto de senhas pelas quais esses mesmos indivíduos se deixam identificar e se identificam; dessa forma, define-se identidade tanto no intercâmbio entre as crenças e construções simbólicas quanto na dinâmica das trocas (BARICHELO, 2002). Castells (2006:22-23) entende *identidade* como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. E, significado, como “a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Ainda afirma que, do ponto de vista sociológico, “toda e qualquer identidade é construída”, e também que, a construção de identidades vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (p.23).

Hall (2006:13) fala que “a identidade torna-se uma “celebração móvel” formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. Numa perspectiva teórica, os sistemas culturais e identidade são relacionados no âmbito representativo, neste sentido a cultura seria o conjunto de processos de significação. Segundo a definição proposta por Canclini (2004:34) a cultura é o “conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”, onde identidades podem ser entendidas como as organizadoras dos significados. Silveira (2001: 42) afirma ser responsabilidade da(s) identidade(s) “*produzir significados* a partir de concreções retidas enquanto *representações*.”

Sousa (1994:6) fala sobre distinguir a identidade imaginária, traduzida pelo permanecer de um objeto no campo perceptivo, da identidade simbólica, onde “a experiência humana do próprio ser só pode ser resolvida por uma identificação com um significante” o qual, em vez de conferir unidade, produz um sujeito (barrado), “efeito da cisão entre ser e significante (pensamento)”.

As ideias de Hall (2006) e Candau (2016) acerca da identidade convergem no sentido de entendê-la “sob o signo da provisoriidade, pois, como processo que é, não permite delimitação ou estabilização, está sempre em fase de construção” (SOUZA,2014). Dentro

desta perspectiva a identidade, então, seria um processo dinâmico que, assim como a memória – considerando, também, com os dois são insolúveis-, é inerente à construção (transformação) constante, onde a “verdade absoluta e estática” não caberia nesse contexto para explicar tal fenômeno. Partindo do pressuposto que os fenômenos memória-identidade são indissociáveis, é preciso explanar essa relação. Candau (2016) admite que as escolhas memoriais dependem da representação que fazemos de nossa própria identidade – e que essa identidade é construída “no interior de uma lembrança”.

[...] a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança’. (CANDAU, 2014: 19).

Viviane Maria Cavalcante de Castro apresenta outras questões acerca da identidade no seu trabalho “O uso do conceito identidade na arqueologia” (2008). A autora esclarece que “a noção de identidade não está restrita a um campo específico e não é exclusiva de nenhuma disciplina” (p. 172). Neste trabalho os debates sobre identidades no âmbito individual e coletivo são ponto inicial para discussões, Castro (2008) apresenta a definição de identidade, proposta por Richard Jenkins (1996), “como o estabelecimento sistemático de relações de similaridade ou diferença entre indivíduos, entre coletividade e entre indivíduos e coletividades”. Neste sentido, Castro (2008) salienta que, tal definição apresenta dois significados: “identidade como semelhança total (isto é idêntico àquilo); e o segundo é um conceito de distinção, que presume consistência ou continuidade ao longo do tempo” (p.172).

Outro ponto abordado por Castro (2008) é a identidade cultural⁶. A autora cita o conceito proposto por Denys Cuche (2002:177) que entende a identidade cultural como relacional, “pois depende do contexto tem função de situar os indivíduos no conjunto social, de inclusão ou exclusão”. A identidade como representação é elucidada pela autora segundo Tomaz Tadeu da Silva (2005) onde “afirma que identidade e diferença são interdependentes. São criações do contexto cultural e social”.

⁶ Na definição de identidade proposta no Dicionário do Patrimônio Cultural – por Joseane Paiva Macedo Brandão (IPHAN) - o termo *identidade* se presta a diversas definições segundo as diversas áreas disciplinares. As discussões sobre o termo na teoria social frequentemente foram apropriadas pelo campo do patrimônio cultural. Assim, é útil acompanhar a dinâmica de transformação dessa expressão no campo das ciências sociais. Nesse caso, identidade se relaciona com a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e do seu pertencimento e sua afiliação a grupos. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/49/identidade>. Acesso: 28 de maio de 2016.

Nas últimas décadas, da disciplina de arqueologia, houve um crescente interesse pelo tema das identidades, das culturas tradicionais e dos rituais. O que fez crescer também o interesse pelo estudo das identidades do passado (CASTRO, 2008).

Hoje, o novo campo de estudos das identidades as concebe como múltiplas e revelam a interseção entre os diferentes tipos de identidades: etnia e gênero, sexo e idade, status e religião, sexo e poder. A Arqueologia tem que levar em conta as diversas interseções entre várias identidades, pois não se concebe o grupo desarticulado de outras relações sociais⁷ (CASTRO, 2008:175).

Sobre trabalhos realizados no âmbito da arqueologia, Castro (2008) cita a pesquisa desenvolvida por Kesting (2007) sobre identidades de grupos pré-históricos da Área Arqueológica de Sobradinho, na Bahia, localizada entre as dunas fósseis do submédio São Francisco e a Barragem de Sobradinho. “Em seu estudo, com pinturas rupestres, as identidades são reconhecidas pela presença recorrente de atributos que sugerem uma padronização” (p.184). O conceito de identidade na disciplina de arqueologia, como nota-se a partir do exemplo, vem sendo direcionado por alguns autores. “Pode-se concluir que a formação das identidades faz parte de um processo histórico, contínuo e múltiplo [...]”. Castro (2008) conclui que “o conceito de identidade na arqueologia parte do campo conceitual da identidade coletiva, [...] as identidades coletivas são consideradas [...] como um dos componentes da identidade cultural” (p. 185)

O arqueólogo, exercendo o seu papel social, também como pesquisador das relações sociais não se mostrou indiferente as discussões sobre identidade. As últimas décadas têm assistido a um esforço da disciplina de arqueologia em se pensar as questões da identidade com novas abordagens, promovendo uma revisão das abordagens tradicionais. As posturas pós-processuais, no seu caráter heterogêneo, assumem possibilidades de se debater as questões sobre identidade cultural e memória⁸. Diversos textos (SHENNAN, 1994; GRAVES-BROWN, JONES E GAMBLE, 1996; THOMAS, 1995, 1996; DIAZ-ANDREU E CHAMPION, 1996; JONES, 1997; HERNANDO, 1999, 2001, 2002, 2004; MESKELL, 2001) falam-nos do regresso do interesse pela problemática da identidade à investigação arqueológica [...] (VALERA 2008).

⁷ Em “*Archaeologies of Identity*”, Lynn Meskell (2001) afirma que todas as pessoas possuem várias identidades sociais que requerem negociação constate e que se organizam em relação a outros indivíduos e grupos. (CASTRO, 2008:176)

⁸ Ver VALERA, António Carlos. Arqueologia e Identidade, (p.6). Lisboa, 2008.

Souza (2014) cita Hall (2006) para salientar que “a identidade deve ser pensada dentro do panorama pós-moderno”:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre „em processo“, sempre sendo formada“. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida“ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-9).

Dentro do panorama apresentado acima, a memória pode ser abordada como fonte de referentes identitários (SOUZA, 2014). A memória e identidade estabelecem uma relação conhecida e aceita pelo senso comum bem como no que se concerne ao conhecimento científico. Assim, Segundo Souza (2014) pode-se concluir que “memória é o instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças”. Portanto, independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para consolidar uma nova posição identitária (p.104), é necessário salientar que tais fenômenos ocorrem dentro da perspectiva do tempo. Pollack concebe a identidade remetendo a três elementos essenciais: corpo e território (unidades físicas da identidade); continuidade temporal e sentimento de coerência. Como esses elementos funcionam como fatores de equilíbrio para o indivíduo se localizar individual ou coletivamente no mundo, a memória será também um elemento constituinte desse sentimento de continuidade e coerência para a reconstrução do eu (POLLACK, 1992).

1.4 Tempo: receptáculo da memória e identidade (?)

Em primeiro lugar, a amplitude da memória do tempo passado terá um efeito direto sobre as representações de identidade (CANDAU, 2016:85). A memória é a primeira e mais fundamental experiência do tempo. Representa a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total (Chauí, 1987). Há, basicamente, duas maneiras de conceber o fluxo do tempo: desde o passado em direção ao futuro, ou desde o futuro em direção ao passado (BORGES, 1960). Segundo Delgado (2003) O tempo é um movimento de

múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro.

Bergson, na virada do século 19 para o século 20, ecoa uma preocupação crescente no espaço social da reflexão sobre a origem e o sentido das ações. Trata-se da presença do passado na memória dos agentes e do efeito que tal ou qual registro da experiência pregressa pode provocar na representação do tempo presente e nos objetivos do agir para e no futuro (MARTINS, 2008:18). Tempo, memória, espaço e história caminham juntos (DELGADO, 2003). A memória se implanta essencialmente em um tempo privado (CANDAU, 2016).

A temporalidade da memória é expressa, então, pelo sistema enuncivo. Cria-se um efeito vertiginoso, em que as diversas temporalidades englobam umas às outras: o sistema enunciativo desdobra-se em temporalidade da narração e da memória (narrador lembrando-se no momento presente) e o sistema enuncivo, em temporalidade do narrado e da memória (narrador lembrando-se no passado) e, novamente, em temporalidade do narrado (narrativa que tem origem com essa segunda lembrança). Há, assim, uma mudança na maneira de compreender a memória, que passa a ser vista como um processo que ocorre durante toda a vida, que não está em momento algum pronto, é uma constante reinvenção do passado (BARROS, 2009:543).

A sociedade tem à sua disposição múltiplos instrumentos para “mensurar” e organizar o tempo: calendários, relógios, estações do ano, etc. Esses meios permitem que as memórias sejam enquadradas (posicionadas em um meio). Unindo o presente, o passado e o futuro, o calendário representa uma referência essencial tanto para identidade dos indivíduos como para os grupos, quando estes se esforçam para pensar em tempo (CANDAU, 2016:91).

No livro XI de *Confissões*, Santo Agostinho fala sobre “medir o tempo”:

“E contudo, Senhor, percebemos os intervalos, comparamos-os entre si e dizemos que uns são mais longos e outros mais breves. Medimos também quando este tempo é mais comprido ou mais curto do que outro, e respondemos que um é duplo ou triplo, ou que a relação entre eles é simples, ou que este é tão grande como aquele. Mas não medimos os tempos que passam, quando os medimos pela sensibilidade. Quem pode medir os tempos passados que já não existem ou futuros que ainda não chegaram? Só se alguém se atrever a dizer que pode medir o que não existe! Quando está decorrendo o tempo, pode percebê-lo e medi-lo. Quando, porém, já tiver decorrido, não o pode perceber nem medir, porque esse tempo já não existe” (p. 245-246).

Candau (2016:92) apresenta dados da pesquisa sobre a memória dos acontecimentos históricos em Allauch, feita por Lucien Ashieri onde “constatou que os fatos praticamente nunca são datados nas narrativas de seus interlocutores. As datas são estabelecidas, na maior parte do tempo, em relação a uma cronologia familiar”. Segundo o autor, “essas formas tradicionais de ser no tempo, participaram (e participam ainda) de memórias fortes, enquanto aquelas que se desenvolvem hoje tendem mais a memórias fracas”.

São as diferentes temporalidades próprias às sociedades consideradas que vão ter um papel fundamental nos processos identitários. Estes vão ser forjados e instaurados a partir de memórias cuja natureza depende estreitamente das modalidades segundo as quais os membros de um grupo representam o tempo- falamos da multiplicidade de tempos sociais – e se acomodam num fluxo temporal irreversível (CANDAU, 2016:85)

O tempo, enquanto criação humana bem sucedida (?), é ordenado, datado, classificado e são práticas humanas para dominá-lo, porém ele, na sua essência, existe por ser entendido e vivenciado. É, o espaço (?), onde se inserem a memória e identidade, como produtos da vivência humana, ou seja, esses fenômenos existem dentro de um paralelo ideologicamente construído e rotulado, mas solidamente captado – no tempo-. O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro (DELGADO, 2010).

Tempo tem a ver com o entendimento humano da vida, como percebemos a continuidade da nossa existência. Criamos memórias “fixadas” no tempo e transmitimos fatos a partir dele. O tempo falado pode ser uma forma de definir a memória transmitida. A fala nos permite romper barreiras temporais/ideológicas e criar vínculos. A transmissão de memórias por meio da oralidade é ação comum e rotineira em/entre grupos sociais, sendo esta uma ação tão própria da humanidade. Dito isso, acrescento, que é saliente utilizar a oralidade como fonte nas pesquisas arqueológicas.

CAPÍTULO II - HISTÓRIA ORAL COMO FERRAMENTA NA PESQUISA ARQUEOLÓGICA

Quando se fala de memória e sua ligação indissociável com a construção de identidades inseridas no tempo, é necessário falar sobre como “alcançar” tais memórias na proporção metodológica, no âmbito das pesquisas arqueológicas. A informação oral, como já esclarecido, é, também, uma fonte da Arqueologia Histórica, portanto é necessário falar sobre História Oral. Neste capítulo trataremos da História Oral desde o seu surgimento, definição, utilização no Brasil até sua aplicação prática na realização de entrevistas, para entender sua relação somatória com a ciência arqueológica. Será apresentado, também, o caminho percorrido para utilizar tal ferramenta na presente pesquisa.

2.1 História Oral

A moderna História Oral nasceu na Universidade de Columbia, em Nova York, em 1947, a partir da organização sistemática e diferenciada de um arquivo, realizada por Allan Nevins, que oficializou o termo que passou a ser indicativo de uma nova postura face às entrevistas (MEIHY, 1996). De abrangência multidisciplinar, ela tem sido sistematicamente utilizada por diversas áreas das ciências sociais, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Lingüística, Psicologia, entre outras (DE FREITAS, 2006). O uso de fontes orais em trabalhos científicos é cada vez mais comum.

De Freitas (2006:46) diz que a história oral fornece documentação para reconstruir o passado recente. Sobre esta afirmação, concorda-se que a história oral é eficiente para coletar dados⁹ e produzir documentação, no entanto, reconstruir o passado seria uma tarefa puramente utópica, pois o passado não é tangível e a memória é expressão em constante evolução e diretamente influenciada por diversos fatores dinâmicos. Pollak (1992) afirma que, [...] a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. A

⁹ Nesta etapa, o processo que merece elevado grau de atenção é o registro dos dados, que deve ser realizado cuidadosamente, pois toda governará toda a discussão e conclusão do estudo (MINAYO, 2000).

história oral, tal como propomos nesta pesquisa, “pode ser extremamente rica como produtora de novos temas, de novos objetos e de novas interpretações” (POLLAK, 1992).

Atualmente a história oral é uma ferramenta muito utilizada em trabalhos de arqueologia, principalmente em estudos de um passado recente, onde os agentes podem nos fornecer informações e impressões sobre fatos que vivenciaram e os seus patrimônios. Segundo François (1987) a história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.). Destaca-se, também, por dar espaço para que se conte outra versão da história pelos atores de grupos locais, marginalizados pela história oficial. A chamada história oral é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006:15). A técnica, em si, consiste de entrevistas devidamente guiadas pelo pesquisador, a fim de manter o tema pesquisado.

Como procedimento metodológico, a história oral busca registrar - e, portanto, perpetuar - impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos (MATTOS & SENA, 2011). Trata-se de um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (BOLLE, 2000)¹⁰.

De acordo com Alberti (2005) a história oral pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados. Nesta pesquisa, a história oral foi considerada como ferramenta metodológica que dará subsídio no alcance das memórias. A metodologia a ser aplicada se propõe ser realizada em três fases distintas fundamentadas nos preceitos sugeridos por Alberti (2006): a preparação das entrevistas, a entrevista propriamente dita e o tratamento final dado ao material coletado.

¹⁰ Em DELGADO, L. A. N.. História Oral – memória, tempo, identidades. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Miranda (2006) sugere a divisão da História Oral em três seguimentos metodológicos para entrevista: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral.

História Oral de Vida tem como meta retratar os caminhos de vivências pessoais que se explicam em grupos afins (sejam familiares, comunidades, coletivos que tenham destinos comuns); História Oral Temática¹¹ é um recurso que busca analisar um determinado evento ou situação a ser esclarecido segundo o estabelecimento de questionários orientados para fins específicos; e, finalmente, Tradição Oral é a prática decorrente do levantamento e estudo de mitos fundadores, questões ética ou morais e rituais do cotidiano e de grupos.

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (DE FREITAS, 2006:8).

A metodologia aplicada para a presente pesquisa consistiu em três fases distintas fundamentadas nos preceitos sugeridos por Alberti (2006): a preparação das entrevistas (utilizando o método de entrevista semi-estruturada), a entrevista propriamente dita (trabalho de campo)¹² e o tratamento final dado ao material coletado¹³.

Entende-se que os dados obtidos por meio da aplicação dos métodos da história oral apresentam valor coletivo na busca do entendimento (mesmo que de um recorte temporal) das relações sociais estabelecidas “a partir das reminiscências, sobre o que as pessoas vivenciaram e experimentaram” (DE FREITAS, 2006), ou até das experimentações “por tabela”. A construção do sentimento de unidade (atrelado a memória e identidade), diante da existência das particularidades dos indivíduos e influências diversas é interesse desta pesquisa.

¹¹ Sugerida para presente pesquisa por ter uma base temática para as entrevistas: “Memórias sobre o Velho e Novo Município de Remanso, a partir do marco histórico construção da Hidrelétrica de Sobradinho”

¹² Para esta fase é necessário o uso de instrumentos que possibilitem gravar as entrevistas.

¹³ O documento gravado, como qualquer tipo de documento, está sujeito a diversas leituras. O procedimento do historiador/pesquisador diante de tal documento deverá ser o mesmo, no que concerne à sua análise e problematização (DE FREITAS, 2006:26).

2.2 História Oral no Brasil

Uma das primeiras experiências com História Oral no Brasil ocorreu no Museu da Imagem e do Som - MIS/SP (1971), que tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira (DELGADO, 2010). Porém a experiência mais bem sucedida foi a criação da Fundação Getúlio Vargas, onde havia um programa exclusivamente de História Oral. O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC é ligado à Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, e dispõe de um setor de História Oral desde a sua fundação, em 1975, considerado o grande triunfo da História Oral, desde então (p.14).

A partir dos anos 90 a História Oral passou a ter maior dimensão no país com seminários, discussões entre historiadores brasileiros e estrangeiros, e a criação da Associação Brasileira de História Oral, que congrega pesquisadores especializados nessa temática” (AMORIM, 2012). No caso do Brasil, como da América Latina em geral - ou pelo menos dos países que viveram recentemente a síndrome de ditaduras militares -, a aceitação da história oral esteve diretamente ligada ao processo de redemocratização (MEIHY, 1999).

O tom político da história oral, portanto, matiza a história oral brasileira como se ela fosse uma nova solução para o entendimento da sociedade, pois superaria as insatisfações das análises sociais moldadas em alternativas disciplinares que se poderiam enquadrar no conceito de "tradicionais", "conservadoras" e "insuficientes", para apontar alternativas de políticas públicas (MEIHY, 1999). Os encontros realizados no Brasil para discutir e divulgar a História Oral enquanto procedimento teórico e metodológico foram estímulos importantes para as pesquisas no país. Segundo Meihy (1999) o primeiro texto publicado a usar a expressão "história oral" foi resultado da dissertação de mestrado de Carlos Humberto P. Corrêa, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado História Oral: teoria e técnica, que em 1977 delineava critérios para a definição da história oral nos trópicos.¹⁴

A crescente popularização da história oral no Brasil dos anos 80 se projetou na década seguinte, com o desafio de promover esta área como uma alternativa que exigia posicionamento da academia. O primeiro encontro formal de história oral ocorreu em Salvador, no estado da Bahia, em 1983, sem contudo alterar o rumo dos debates prévios. De fato, a primeira atitude conjunta e vigorosa para se fundar uma associação brasileira de história oral

¹⁴ Juntamente com a publicação de seu texto, era colocado a público um catálogo de depoimentos que se compunha com a permanente importância do CPDOC. Ambas as investidas marcaram as duas tendências mais evidentes da história oral brasileira: individual e institucional. Os trabalhos individuais que surgiram fora do espaço universitário se apresentaram em um outro momento da presença da história oral brasileira (MEIHY, 1999:90).

ocorreu em 1992, quando no congresso América 92: Raízes e Trajetórias se instalou um grupo de trabalho que planejou para o ano seguinte o Primeiro Congresso Nacional de História Oral. Tendo em vista arrumar o panorama interno para compor participações mais estruturadas no cenário internacional, realizou-se na Universidade de São Paulo o encontro do qual derivou o Segundo Encontro Nacional, no CPDOC, em 1994, ocasião em que se fundou a Associação Brasileira de História Oral (MEIHY, 1999:93).

A tardia penetração da História Oral no Brasil, ocorrida nos anos 80 e, principalmente, nos 90, deve ser relacionada ao desdobramento do golpe militar de 1964 que coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos¹⁵. “Em consequência disto, enquanto, no resto do mundo, proliferavam projetos de história oral, nós nos retraíamos, deixando para o futuro algo que seria inevitável”. (MEIHY, 1995: 7; DELGADO, 2010: 18).

Hoje, graças às transformações ocorridas nas ciências humanas, devido aos debates multidisciplinares, existe um consenso: é inegável o papel que as fontes orais vêm ocupando na produção acadêmica (DELGADO, 2010). Segundo Delgado (2010) todo o processo vivenciado pelos pesquisadores em História Oral no país, principalmente nos últimos dez anos, possibilitou o aprofundamento do debate, significando um avanço em termos conceituais, apesar de se evidenciarem diferenças metodológicas. A História Oral permite que os pesquisadores, que se interessem pela metodologia fornecida, façam as escolhas e adaptações para atender aos objetivos da sua pesquisa. A escolha do método de entrevista é um dos primeiros passos para uma pesquisa pautada nos métodos da história oral.

2.3 Entrevista Semi-Estruturada

A definição de entrevista se refere ao ato de duas pessoas colocarem-se defronte objetivando a extração de informações acerca de um tema que uma delas poderá oferecer e que é de interesse da outra, tal processo se dá por intermédio de uma conversação de finalidade profissional (LAKATOS; MARCONI, 2003). Levar à prática a entrevista é, essencialmente, uma tarefa de campo. Para Manzini (1990/1991), a entrevista é fundamentalmente um processo de interação social.

Boni e Quaresma (2005) apontam que no campo das ciências sociais, são utilizados com maior frequência determinados tipos de entrevistas: entrevista estruturada, semi-

¹⁵ Ainda sobre a sombra da ditadura a palavra "depoimento" era confundida com vigilância e muita gente tinha medo de deixar as próprias histórias gravadas. Foi necessário tempo para que se superasse isto. Na mesma medida, o crédito de pessoas acadêmicas fez com que se reforçasse a dependência universitária da história oral brasileira (MEIHY, 1999:91)

estruturada, aberta, com grupos focais, história de vida e entrevista projetiva. A escolha depende necessariamente ser adequada ao problema de pesquisa a ser investigado (LAKATOS; MARCONI, 2003; BONI; QUARESMA, 2005). O tipo selecionado para ser utilizado na presente pesquisa é semi-estruturada (ou semi-dirigida).

Lakatos e Marconi (2003) relatam que na entrevista semi-estruturada, ao contrário do que ocorre com a estruturada onde se segue rigorosamente um roteiro pré-estabelecido, o entrevistador fica a vontade para progredir qualquer situação a variados destinos que julgar necessário, isto consiste em uma maneira de analisar um maior horizonte de uma dada questão. Para Manzini (1990/1991:154), a entrevista semi-estruturada¹⁶ está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Neste tipo de entrevista é previamente estabelecido um roteiro onde, como mencionado, geralmente, as perguntas são abertas, o que possibilita um diálogo informal, deixando o narrador livre para relatar suas memórias. De acordo com Manzini (2003), o roteiro tem varias funções, sendo uma das principais, auxiliar o entrevistador a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, na sua forma de condução. Chantal Tourtier-Bonazzi¹⁷, propõe utilizar um método semi-dirigido onde haja um meio termo entre a fala única da testemunha e um interrogatório direto. Para isso, o autor esclarece que:

Deve-se adaptar-se à psicologia da testemunha, respeitá-la, estar disposto a tomar pacientemente a conversa, suscitar a recordação através de um questionamento discreto se a testemunha for pouco loquaz, orientá-la sem precipitação, não a impedindo de perder-se em digressões, caso ela o seja em demasia, repetir em voz alta suas palavras se estas não forem claramente audíveis, procurar não falar ao mesmo tempo que ela, não insistir quando evita uma recordação dolorosa, não se precipitar em perguntar de novo porque as recordações precisam às vezes de um tempo para vir à tona, repetir a mesma pergunta de diferentes maneiras para tentar vencer resistências (TORTIER-BONAZZI, 1990:234)

¹⁶ Para Triviños (1987:146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987:152).

¹⁷ TORTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: Propostas metodológicas. (1990) In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. (8 ed.), Rio de Janeiro, 2006.

Considerando o interesse específico, para esta pesquisa, pela memória/história dos moradores do antigo município de Remanso - BA, os mesmos serão considerados como informantes principais para a realização da presente pesquisa. As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2016 e maio de 2017, sendo organizadas de acordo com as seguintes etapas:

Primeira etapa: elaboração do roteiro de entrevista. O tipo de entrevista realizada, como esclarecido, será a semi-estruturada, ou seja, o roteiro será composto com as perguntas principais para direcionar a entrevista, podendo ser complementado com outros questionamentos que, eventualmente, surjam durante a realização das entrevistas.

Segunda etapa: Escolha dos entrevistados. As pessoas que residiram no antigo município de Remanso e que hoje residem na nova sede são contemplados na realização das entrevistas a fim de entender trajetória e dinâmica da construção da memória nos dois espaços diferentes. Não se pretende entrevistar uma grande quantidade de pessoas, como assim propõe a entrevista semi-estruturada, devido à necessidade de se fazer uma interpretação minuciosa das narrativas construídas para atingir os objetivos do trabalho.

As condições de registro das entrevistas (gravação, filmagem ou fotografias), bem como os horários, datas e locais para a realização das entrevistas foram acordadas e adequadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados.

Terceira etapa: Realização das entrevistas seguindo a metodologia esclarecida no texto. Nesta etapa foi feita, também, a assinatura da carta de cessão dos direitos de uso das entrevistas (anexo 1).

Quarta etapa: Tratamento de informação.

1- Transcrição literal das entrevistas

A etapa da transcrição tem caráter somatório, além de ser uma etapa essencial para documentação do material coletado, se configura como um momento ímpar para o pesquisador, onde novas observações podem ser feitas construindo uma pré-análise¹⁸ do material. No momento da transcrição, o pesquisador, vai distanciar-se de um fato vivido - que foi o processo de coleta - ao mesmo tempo em que revive esse fato em outro momento e com outro enfoque intencional (MANZINI, 2008).

¹⁸ BARDIN (1997) aponta que a pré-análise seria baseada na transcrição, no qual são realizadas várias leituras do material para entender e compor os dados.

A transcrição terá como meta transpor algo sonoro, que pode ser escutado e reescutado, algo que foi vivenciado, para uma representação gráfica, que passará a ser objeto de análise por parte do pesquisador. Assim, essa passagem deverá ter recortes e o pesquisador deverá escolher seus critérios para representar graficamente aquele dado que foi coletado. Dessa forma, ao afirmar que a entrevista foi transcrita, é necessário expor os critérios de transcrição, pois a entrevista é muito maior do que a sua transcrição (MANZINI, 2008, p. 7).

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nives de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razoes ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	- - - -	... a demanda de moeda - - vamos dar casa essa notação - - demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado

		em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (UFS etc) 2. Fáticos: ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i> : tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i> . 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.		

Tabela 1 – Normas de transcrição de entrevista gravada. Fonte: PRETI D, 1999.

2- Seleção das informações salientes para o objetivo da pesquisa.

Quinta etapa: Análise das entrevistas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Considerando que a pesquisa abrange as memórias dos moradores que vivenciaram o espaço do antigo município de Remanso de diferentes faixas etárias, elaboramos um roteiro de entrevista que atendesse aos perfis dos entrevistados a fim de obter os dados almejados para presente pesquisa.

Roteiro

Dados do Entrevistador e do projeto:

Nome: Nina Rosa Pereira Ledoux Data: _____

Nome da Pesquisa: Arquiteturas sufragadas e memórias construídas: uma arqueologia da memória no município de Remanso, Bahia.

Dados do Depoente

Nome completo:

Local e data de nascimento:

Endereço atual:

Rua _____ n°

_____ Bairro: _____ Cidade: _____

Estado _____ Cep: _____ Telefone: _____.

Profissão: _____

Ficha técnica:

Tipo de entrevista: Semi-estruturada - história oral temática

Entrevistadora: Nina Rosa Pereira Ledoux

Levantamento de dados: Nina Rosa Pereira Ledoux

Pesquisa e elaboração do roteiro: Nina Rosa Pereira Ledoux

Técnico de gravação:

Local:

Data:

Duração:

Temas: Lugares de Memória; Memória; Remanso – BA.

Perguntas

Memórias da Infância

Qual a origem da sua família? Fale um pouco sobre ela.

Quais os lugares na cidade de Remanso Velho que marcaram a sua infância?

Fale sobre suas memórias da infância relacionadas à cidade de Remanso Velho.

Memórias relacionadas à notícia da construção e mudança para a nova sede de Remanso

Como ficou sabendo da mudança? Descreva um pouco esse período.

Quais foram os sentimentos nessa época?

Quais eram as suas expectativas para o futuro?

Fale sobre o funcionamento da cidade e a dinâmica das pessoas antes e depois da notícia.

Memórias relacionadas à mudança para a nova sede do município

Como aconteceu a mudança?

Fale sobre suas memórias relacionadas à este dia(s)

Memória sobre a instalação e adaptação na nova sede do município

Qual foi a sua impressão logo após a mudança?

O que marcou os primeiros dias no novo município de Remanso?

Memórias relacionadas às ruínas do antigo município

Quando as ruínas da antiga cidade ficam visíveis, você costuma ir ao local? Por quê?

Fale sobre os sentimentos em relação ao antigo município.

Finalização

Você acha que o evento da construção da nova sede faz parte da história e identidade dos remansenses? Por quê?

Qual a sua visão sobre a nova sede do município?

Que emoções você sentiu durante a entrevista? Como foi participar desta entrevista?

Goldenberg (2004) fala acerca das vantagens de se fazer entrevistas: a possibilidade de obter informações de pessoas não alfabetizadas (por tanto, suspeita-se que, não se engajariam nas documentações que precisam utilizar à escrita), possibilita, também, que pessoas falem

com mais naturalidade e que, podem a vir, sentir-se mais pacientes do que escrevendo, possibilita uma desenvoltura melhor na obtenção da resposta procurada. Durante a entrevista, o pesquisador pode observar minuciosamente o que diz o entrevistado e torna-se mais fácil identificar contradições levando a entrevista a ser classificada como um instrumento melhor adaptado para conseguir revelar informação sobre assuntos diversos (mesmo assuntos delicados e de difícil compreensão, por exemplo, as emoções). As entrevistas permitem ainda uma maior profundidade na resposta, abre precedente para uma relação de confiança entre pesquisador e entrevistado propiciando o aparecimento de novos dados.

As entrevistas possibilitam alcançar dados que por outros métodos seriam inalcançáveis. Configura-se como uma ferramenta de extrema importância no campo das ciências sociais, enriquecendo as pesquisas, “dando voz” a atores importantes da sociedade e valorizando a história de grupos por vezes marginalizados. Para realização de entrevistas é necessário entender o contexto social no qual os entrevistados estão inseridos, dito isto, é possível apreender a importância de se conhecer o contexto histórico da região onde foram realizadas as entrevistas.

CAPÍTULO III - CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

A memória e representações de identidade de um grupo estão sedimentadas na história. Assim sendo, devemos nos lançar no âmago da história a fim de nos encontrar na imortalidade da memória. Também, por se tratar de uma pesquisa no âmbito da Arqueologia, se faz necessária a contextualização arqueológica da área de estudo.

3.1 História e arquitetura: de Remanso Velho ao Remanso Novo.

As primeiras incursões à região do submédio São Francisco datam do século XVII quando se iniciou o processo de interiorização do Nordeste brasileiro. Segundo Peixoto (2006) a colonização do chamado sertão nordestino e do sertão do São Francisco, assentou-se, fundamentalmente, no estabelecimento de fazendas destinadas à criação de gado. Seus derivados como a carne, o leite e o couro, tornaram-se os produtos da economia regional (SANTOS, 2005). A pecuária foi a atividade predominante na região e responsável pela efetiva ocupação e povoamento desse território e de sua integração com as demais áreas da América portuguesa.

O gado foi introduzido no Brasil no século XVI, para atender às demandas da agroindústria açucareira, sendo os maiores volumes trazidos por Tomé de Souza para a Bahia e Pernambuco, principalmente para suprir a carência de transporte e tração animal, bem como para a alimentação dos engenhos de cana-de-açúcar no litoral. Inicialmente as atividades pecuárias estavam no litoral, porém os rebanhos danificavam as plantações de cana-de-açúcar e, sob essa justificativa, os rebanhos foram transferidos para o interior. A interiorização do gado visava, também, a proteção dos engenhos de invasões indígenas, além de produzir lenha, devido ao desmatamento das florestas, para suprir as necessidades das caldeiras dos engenhos.

Segundo Gonçalves (2000), o movimento de territorialização do sertão da Bahia iniciou-se com o estabelecimento de fazendas de gado às margens dos rios São Francisco, Itapirucu e Paraguaçu. A importância do Rio São Francisco para a ocupação e desenvolvimento dos sertões no norte da Bahia atrelou-se, também, ao transporte de produtos oriundos da região.

A margem esquerda do Rio São Francisco foi ocupada devido ao interesse da coroa portuguesa em efetivar a conquista de todo o território da colônia. Para tanto a coroa fez doações para que coronéis estabelecessem suas fazendas de criação de gado nos sertões.

No sertão, a mestiçagem e diferentes condições climáticas levaram a aparição de um novo tipo de gado conhecido como crioulo, com características morfológicas e fisiológicas diferenciadas, fruto da mistura de raças advindas da Europa. Formaram-se grandes fazendas e o território foi ocupado pela Coroa Portuguesa, levando expansão da atividade pecuarista e ocupação do interior do Nordeste.

No interior da capitania da Bahia, autoridades coloniais frequentemente deram cartas de sesmarias aos criadores de gado que reclamavam imensas áreas do interior para a expansão da atividade (PEIXOTO, 2006). Conforme Cascudo (1956), as doações de terras aos colonos portugueses no século XVI destinava-se ao plantio de cana e à criação de gado. Ainda, segundo o mesmo autor, os portugueses trouxeram boi, vaca, novilho, bezerro, cavalo, jumento, carneiro, bode, porco e aves domésticas. Assim, grande parte da tradição na pecuária brasileira é remanescente de Portugal, fato que Câmara Cascudo (1956) não observa na cultura do açúcar, já que era uma prática ainda nova para o português peninsular (DINIZ, 2008). Além das terras doadas pela coroa, os fazendeiros recebiam patentes e títulos de ordem militar como reconhecimento social.

Segundo Peixoto (2006) os criadores de gado receberam dezesseis léguas de terra no distrito do rio São Francisco para povoar e aproveitar com os seus gados. Tais terras eram consideradas devolutas e desaproveitadas por serem desertas e de ruim serventia para o cultivo da cana-de-açúcar.

A princípio, os currais de gado localizavam-se na faixa costeira do Brasil, junto das lavouras de cana-de-açúcar. Devido aos conflitos provocados pela penetração dos animais nos canaviais, a criação do gado na costa foi proibida pelo governo português. Antes disso, Dom Pedro, em 30 de janeiro de 1698, ordenou que os pecuaristas, estabelecidos nas áreas entre Itapuã e Rio Vermelho na Bahia, deslocassem suas cabeças de gado para o interior num prazo de um mês, sob alegação dos rebanhos estarem destruindo as roças de mandioca da região.

Em 30 de janeiro de 1705, D. Rodrigo da Costa (Governador do Brasil), indeferiu o requerimento da Câmara da Vila de Boipeba que solicitava autorização para sua população criar, dentro do termo da vila, seus gados; e em outra carta, o mesmo D. Rodrigo notificou o Padre Vigário, o Coadjutor e demais moradores de Boipeba por continuarem a criar gado nas proximidades das plantações, acrescentando que se sua determinação não fosse atendida ele iria tomar as resoluções cabíveis para se fazer cumprir as ordens de sua majestade. Uma das

providências tomadas pelo governo Provisório da Revolução Pernambucana, pelo decreto de 24 de março de 1817, foi de afastar o gado da lavoura: ‘todos os nossos patriotas do prefixo termo dum mês da data do presente decreto retirem seus gados para os sertões [...] todo lavrador tem autoridade de matar o gado de qualquer qualidade que se achar devastando a lavoura’ (GOULART, 1966).

O crescimento do consumo de carne bovina e a abundância de sal no Nordeste propiciaram a industrialização da carne salgada (FURTADO, 1999). Com o passar do tempo, a criação de gado fomentou o desenvolvimento da indústria do couro, fazendo com que a pecuária se tornasse uma atividade autônoma. O gado então caracterizou o panorama econômico e social do sertão nordestino do século XVII, atendendo toda a demanda do litoral, do Maranhão à Bahia, destacando-se Recife, Olinda e Salvador.

Gonçalves (2000) menciona os relatos das expedições dos naturalistas austríacos Spix e Martius durante suas passagens no sertão baiano nos anos de 1818/1819. Eles apresentaram a existência de fazendas próximas ao Rio São Francisco, onde era notável o poderio econômico advindo da plantação de algodão, criação de gado e exploração de salinas. A extração de sal, assim como a criação de gado, era uma prática comum durante o século XIX no sertão do São Francisco. Essas duas fontes econômicas inserem-se no contexto histórico da territorialização do norte baiano e consequentemente do território onde se localiza o atual município de Remanso (BA).

O município de Remanso (Figura 1) originou-se às margens do Rio São Francisco, por onde se fizeram os primeiros povoamentos pelos colonizadores no vale. Nos primeiros anos de colonização, com a dizimação dos indígenas para firmar o domínio europeu, o território de Remanso passou a pertencer a Pernambuco. Entretanto, após a contribuição dada à expulsão dos holandeses, o território de Remanso foi doado à “Casa da Torre” de Garcia D’Ávila que mantinha grandes propriedades na região. Graças aos objetivos da “Casa Da Torre”, de chegar ao que hoje corresponde ao território do estado do Piauí, foi construída uma base no local que corresponde atualmente ao município de Pilão Arcado (BA) - naquela época considerado distrito e vila do município de Juazeiro (BA) – que tinha o intuito de fornecer apoio e descanso aos trabalhadores, além de criação de currais e exploração de salinas próximas (BRANCO, 1977).

Figura 1 - Imagem aérea da localização de Remanso – BA.



Fonte: Google Earth (2016).

Por causa dos constantes conflitos na Vila de Pilão Arcado, algumas famílias fugiram para regiões próximas ao Rio São Francisco, refugiando-se na fazenda Arraial (Figura 2) que corresponde hoje à área do antigo município de Remanso. Para a Fazenda Arraial convergiam os que fugira, às lutas armadas travadas entre as Famílias Guerreiro e Militão¹⁹ em fins do séc. XVII (GANDARA, 2014). Devido à abundância de recursos ambientais que favoreciam a agricultura, a pecuária e a pesca, a fazenda cresceu rapidamente. O local recebeu o nome Remanso²⁰ devido um grande contingente de água que existia na margem do Rio São Francisco. Mais tarde um acréscimo deu o nome de “Arraial de Nossa Senhora do Remanso” em decorrência da influência da Igreja Católica e a devoção de um dos primeiros proprietários da fazenda que doou uma imagem da santa “Nossa Senhora do Rosário” para os moradores do local.

¹⁹ Militão Plácido de França Antunes foi o primeiro grande proprietário de terras de que se tem registro. Chegou à região em 1820 e exerceu o poder até 1860, quando faleceu. Suas posses de terra, que eram também áreas de domínio, compreendiam, aproximadamente, o perímetro hoje ocupado pelos municípios de Pilão Arcado, Remanso e Campo Alegre. Seu imenso poder econômico se confunde com o poder político que exerceu, como única autoridade no Baixo-Médio, posição consolidada por uma milícia numerosa e bem armada. No vazio instotucional, Militão era o estado (SILVA, 2010, p.6).

²⁰ Água parada à margem de um rio resultante de correnteza contraria ao seu curso. Fonte: Santos (2005).

Figura 2 - Localização do Arraial de Remanso.



Fonte: Halfeld (1853, *apud* Gandara 2014, p. 17).

Pelo Alvará Régio de 15/01/1810 criaram-se a vila e o município de Pilão Arcado, instalados em 21/10/1811. Por força do mesmo instrumento, criou-se também o distrito de Nossa Senhora do Remanso²¹, desmembrado de Juazeiro e incorporado ao novo município de Pilão Arcado (SANTOS, 2005).

Segundo Andrade (2005), Pilão Arcado passou a ser sede da Vila de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande e, em 1824, foi incluso no território da Província de Minas Gerais. Em 1827, o município de Pilão Arcado passou a pertencer novamente à Bahia em decorrência dos efeitos da Confederação do Equador (ANDRADE, 2005).

O município de Pilão Arcado (BA) foi extinto pela resolução Provincial nº 650 de 1857, que incorporou o seu território ao novo município de Nossa Senhora do Remando de Pilão Arcado. Com a lei estadual nº 369, de 9 agosto de 1900 (Figura 3) a Vila de Nossa Senhora do Remanso ascendeu à categoria de cidade com o nome de Remanso²², Essa denominação se deve a existência de redemoinhos (Figura 4) formados pelo rio São Francisco em frente à cidade. A cidade foi solenemente instalada em 1º de janeiro de 1901, sendo seu primeiro intendente Tiburcio Guanaes Pereira, a partir daí o município de Remanso (Fig. 2) adquiriu independência e respaldo comercial.

²¹ Esse nome é explicado pela devoção à santa Nossa Senhora do Rosário, santa de devoção de um dos primeiros proprietários da fazenda Arraial.

²² Essa denominação se deve a existência de redemoinhos formados pelo rio São Francisco em frente à cidade.

Dentro das entrevistas realizadas para a presente pesquisa, um relato oral de Maria Lima Santos de 67 anos, moradora de Remanso Velho, chamou atenção por explicar o surgimento do nome da cidade de Remanso-BA e a ligação com a cidade de Pilão Arcado.

“Eu lembro que... o Remanso... o Remanso... o nome não era Remanso, o nome era Arraial de Nossa Senhora... Remanso era lá o Pilão Arcado, porque o Pilão Arcado tinha uma pedra no *barranco* do rio... no berço do rio... tinha uma pedra que o pessoal começou a chamar pedra do remanso... porque... você sabe como é um remanso?! É quando o rio forma aquele le remanso... o rio faz aquele remanso, aí ficou chamando pedra do remanso... mas quando os tropeiros vinham de longe com suas tropas trazendo coisas... por antigamente as coisas vinham era em lombo de burro... tanto vinha como voltava... em lombo de burro... e os tropeiros quando vinham eles traziam café torrado... queimado... só faltava *passar o doce*... tá entendendo?! Aí quando chegava lá no Pilão Arcado tinha um *pé* de árvore que chamava... deixa eu lembrar... TAMBORIL! Então o tamboril ele tinha uma... uma... uma raiz que ficava de fora e a raiz fez aquela curva... naquela curva eles abriram ali... entendeu?! Queimou...abriu... aí pisavam o café naquela curva, naquele “anzol”... pisavam o café ali... então ficou chamado de Pilão Arcado... Um exemplo assim... os tropeiros vinham e diziam “nós vamos descansar no Pilão Arcado”... eles que colocaram esse nome... então mudou lá de Remanso... começaram a chamar Remanso, também, aqui no Arraial, por causa de outro Remanso que tinha lá... Lá em Remanso Velho era assim, ó...Você sabe que uma ilha é uma porção de terra cercada de água por todos dos lados, não é verdade?!... aqui tinha uma ilha... quando o rio subia cobria tudo, quando ele secava ficava só de um lado... aí pra entrar pra cá, pro Mercado onde é o Cais, pra entrar tem uma volta bem ali... naquela volta ali tem um remanso também... tem aquelas pedras, aquela água... na frente tem um remanso também... mudou de Arraial para Remanso por esse motivo... isso eu ouvi muito, muito, muito meu pai contando...” (LIMA, Maria Santos: depoimento [set. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (1h:17min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Uma Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Figura 3 - Documento Lei Estadual nº 369 de 9 de Agosto de 1900.

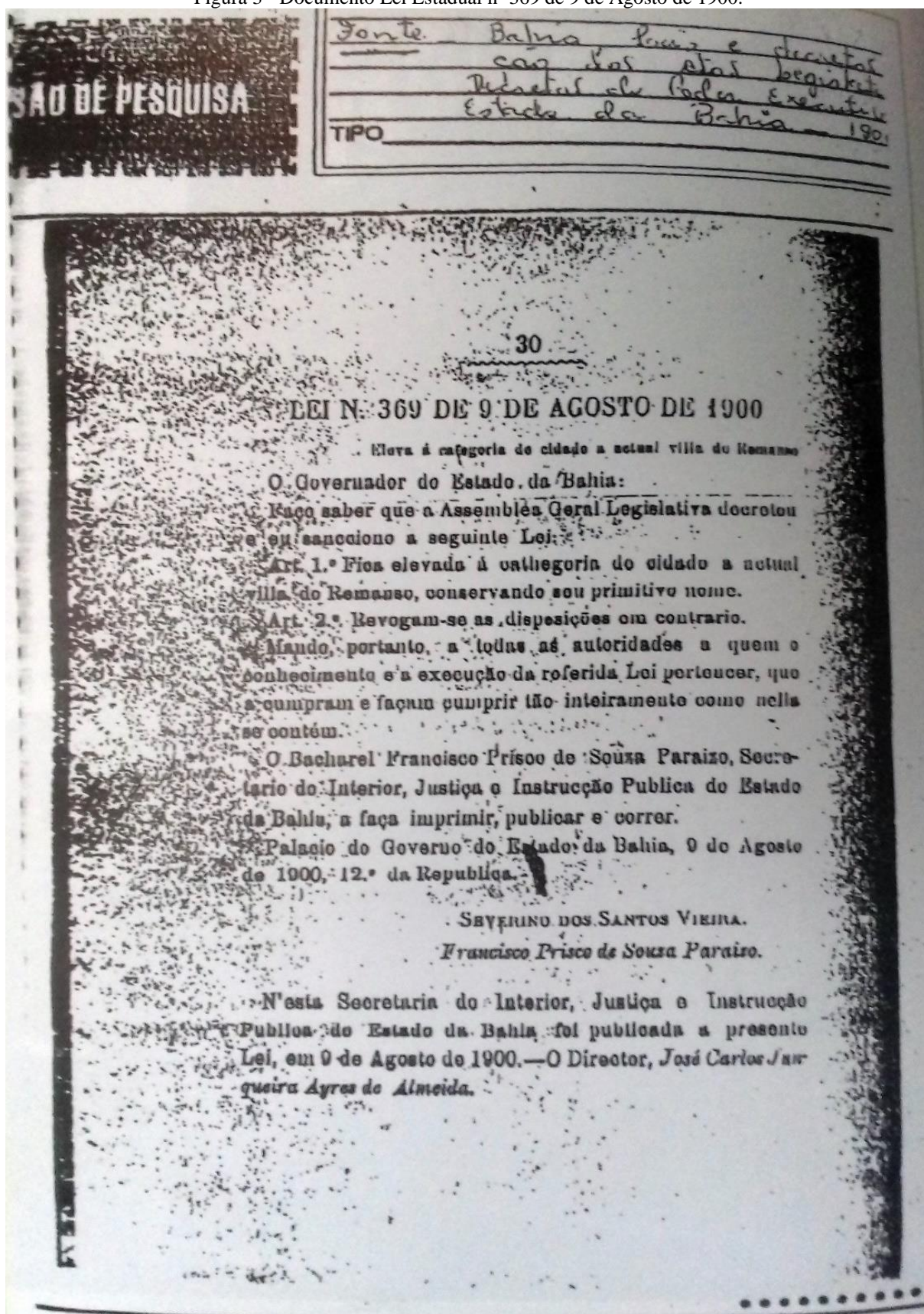


Figura 4 - Redemoinho formado no leito do Rio São Francisco em Remanso Velho.



Fonte: Acervo pessoal da moradora da cidade de Remanso – BA, Lúcia Libório.

A versão mais mencionada nas bibliografias consultadas aponta que a cidade de Remanso teria se iniciado com apenas uma rua denominada “Rua da Latada”, que posteriormente foi substituída por Rua Castro Alves, porém o nome “Rua da Latada” (Figura 5) já era popular e o local continuou sendo referenciado por este nome. O “conjunto” urbano era composto por um único bairro, posteriormente alargou-se em detrimento do crescimento populacional e proporcionou o surgimento de outras ruas na direção norte. Assim surgiram os bairros Pizeiro e Capão. Este último era separado do centro da cidade e do Pizeiro por uma área suscetível à inundação nos períodos de cheia do Rio São Francisco. O bairro Capão depois fora subdividido em: Capão de Baixo, Capão do Meio e Capão de Cima.

Figura 5 - Rua da Latada em 1971.



Fonte: Acervo pessoal da moradora da cidade de Remanso –BA, Lucíola Libório.

Os nomes das ruas de Remanso Velho também nos oferece informações importantes sobre o contexto histórico/político/ cultural do momento que foram nomeadas. Como explica o professor da USP e diretor no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Jorge Cintra, os fatores que influenciam a denominação de ruas, avenidas e praças mudam ao longo do tempo. Nas cidades mais antigas é comum encontrar no seu centro ruas com referências geográficas, comerciais e religiosas, como Rua de Cima, Rua Larga, Rua Direita, Rua da Quitanda, do Matadouro, do Ouvidor, do Sapateiro ou ainda Rua (da Nossa Senhora) do Carmo, São Bento e outros santos católicos²³.

Informações sobre o antigo município podem ser obtidas pelo cruzamento de informações dos nomes dos logradouros, praças e espaços de destaques e seu estilo arquitetônico. Na cidade de Remanso Velho podemos observar que muitos prédios, como por exemplo, a sede da Prefeitura, Colégio Municipal Ruy Barbosa e Grupo Escolar Getúlio Vargas²⁴, apresentavam o estilo Art Decó já igreja Matriz foi construída nos moldes Neocoloniais.

O Art Déco surgiu na Europa e nos Estados Unidos, no período entre as duas grandes Guerras Mundiais (1918-1939). Conviveu com as vanguardas europeias e com o Movimento Modernista, embora seja anterior a este e coincidiu com o emprego do concreto armado de maneira mais ampla nas construções. Era o novo e permitia inúmeras formas, inclusive por causa do concreto pré-moldado. No Brasil ele é tardio, indo desde os anos 20 do século XX, na maioria dos casos, até o final dos anos 50. Na primeira metade do século XX o Art Déco e o Modernismo conviveram com o Ecletismo tardio. O recorte cronológico deste trabalho situa-se entre 1919 e 1961 (BARTHEL, 2015, p.63).

O movimento que passou à história da arquitetura brasileira como “Estilo Neocolonial”, hoje quase esquecido, gozou de uma preeminência considerável na cena cultural do país. Nascido da reação contra o ecletismo dominante nos primeiros anos deste século, o neocolonial encontrou sua justificativa na ânsia de buscar, nas formas construtivas tradicionais do Brasil, uma arquitetura que pudesse ser definida como genuinamente autóctone. A idéia, propugnada em artigos e conferências pelo arquiteto português Ricardo Severo a partir de 1914, principalmente em São Paulo, foi encampada por vários intelectuais e encontrou seu maior defensor na figura do intelectual José Marianno Filho,

23

Link para matéria: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/02/15/Nomes-de-ruas-dizem-mais-sobre-o-Brasil-do-que-voc%C3%AA-pensa>

© 2017 | Todos os direitos deste material são reservados ao NEXO JORNAL LTDA., conforme a Lei nº 9.610/98. A sua publicação, redistribuição, transmissão e reescrita sem autorização prévia é proibida.

²⁴ Durante os Governos de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954) houve a nacionalização do ensino primário, essa política é apontada como um exemplo bem característico do tom adotado por aquele governo.

cuja atuação permaneceria fortemente identificada com o movimento durante as décadas de 1920 e 1930 (KESSEL, 1999, p.65).

De acordo com as divisões administrativas de 1911 e 1933, Remanso era composta por três distritos: Remanso, Poços e Peixe. Essa divisão territorial ficou inalterada quando se baixaram os decretos de 31 de dezembro de 1936, de 31 de dezembro de 1937 e a lei estadual número 10724, de 30 de março de 1938. No decreto nº 11 089 do mesmo dia e ano, observa-se que o município de Remanso possuía ainda esses três distritos, porém, o distrito de Peixe teve seu topônimo mudado para Campo Alegre. Remanso passou a ter a composição atual por força da lei estadual nº 628, de 30 de dezembro de 1953, quando passou a possuir quatro distritos: Remanso, Catita (antiga Campo Alegre), Peixe e Poços.

A cidade-beira vivia constantemente períodos de “cheia” do Rio São Francisco, em detrimento de uma delas a parte central da cidade (futuramente chamado de bairro Remanso) sofreu várias perturbações na sua estrutura; Foi-se criado um novo bairro por volta do ano 1906 com o nome de Capão. Entre ele e o bairro Remanso existia um vazio de 300m, que correspondia à área de inundação, ficando totalmente submersa quando ocorriam as cheias do Rio São Francisco, para sanar esse problema de mobilidade foi construída uma via elevada de areia foi construída para ligar esses dois bairro era denominada de “banca” (Figura 6) (PINHEIRO,2010).

Figura 6 - Via elevada denominada “Banca” em 1970, Remanso Velho.



Fonte: Marisa Muniz (2000).

O conjunto urbano intitulado de “Capão” deu início aos cinco primeiros bairros da cidade de Remanso que se subdividia em Capão de Cima (Figura 7), Capão do Meio (Figura 8), Capão de Baixo (Figura 9), Gameleira e Piseiro (Figura 10).

O Decreto Municipal nº 21, de 4/06/1939, definiu a cidade-beira Remanso em área urbana e área suburbana. A disposição espacial citadina integrava a sua topografia, distribuída em dois altiplanos, separados por uma várzea inundável. Na área urbana denominada Remanso era a do seu nascedouro com as edificações bem próximas à caixa do rio, ou seja, a beira-rio São Francisco. Essa área formava o centro da cidade. Ali estavam edificadas a Prefeitura, as repartições públicas, o comércio, a Igreja, o cais e outros edifícios voltados aos serviços. E, ainda, as residências das famílias mais antigas, ditas tradicionais. As ruas seguiam paralelas ao cais, próximas do rio. Poucas ruas eram pavimentadas com paralelepípedos. Já na área suburbana, segundo altiplano, estavam os Capões que seguiam o sentido de descida do rio. Compreendia os bairros Capão de Baixo e Capão de Cima, situados há aproximadamente duzentos metros da zona urbana, separados por um terreno baldio, chamado Várzea. O Cemitério Municipal dividia os dois altiplanos, Remanso e Capão. Com o passar do tempo, numa área intermediária aos dois Capões surge uma nova aglomeração de casas, a qual passou a ser chamado Capão do Meio. Compunha a área suburbana os bairros Piseiro, situado a leste da zona urbana, surgido aproximadamente ao mesmo tempo da parte central e a Gameleira, Poarema e Cancelão. Como se vê a cidade de Remanso em fins da década de 30 já se compunha de oito bairros, o que comprova o seu crescimento físico. (GANDARA, 2014, p. 14).

Figura 7 - Imagem do bairro Capão de Cima, Rua 21 de Abril em Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso – BA.

Figura 8 - Imagem do bairro Capão do Meio.



Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso – BA.

Figura 9 -Imagem do bairro Capão de Baixo.



Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso – BA.

Figura 10 - Bairros de Remanso Velho.



Fonte: Acervo da CHESF, 1973 (PINHEIRO, 2010).

Nos bairros mais afastados do centro da cidade existiam muitos problemas de pavimentação e a maioria das casas era de pau a pique (Figura 11) coberto com folhas de carnaúba e sapé. Na época não havia energia elétrica, apenas um gerador movido a diesel, localizado próximo à Delegacia de Polícia (Figura 12 e 13), que abastecia a parte central da cidade, bairro denominado Remanso. Era parte na central da cidade (Figura 14 e 15) onde, também, se localizava a maior parte das construções mais imponentes da cidade de alvenaria como pontos comerciais, a igreja, a Praça Duque de Caxias²⁵ e o “Bar do O” (Figura 16), estabelecimentos públicos e as casas das pessoas com maior poder aquisitivo.

Figura 11 - Casas de taipa nos bairros mais periféricos.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso –BA, Lúcia Libório.

²⁵ Com a Guerra do Paraguai (1864 - 1870) muitos nomes de logradouros e praças foram escolhidos com a intenção de homenagear referências geográficas e heróis da guerra, a exemplo de Duque de Caxias.

Figura 12 - Imagem da Delegacia de Polícia de Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso - BA.

Figura 13 - Imagem da Delegacia de Polícia de Remanso Velho.



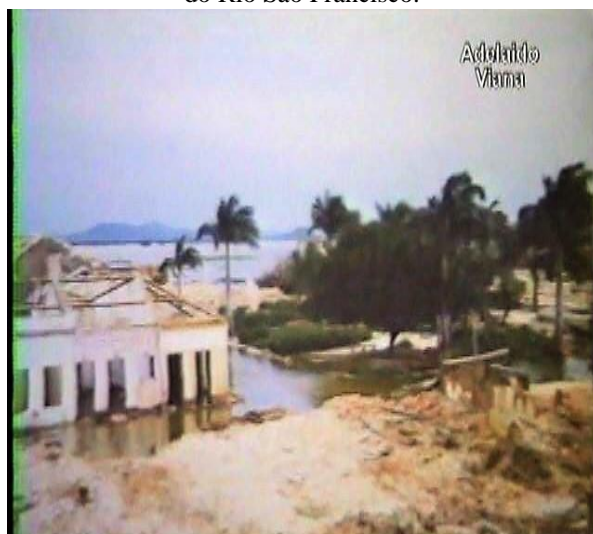
Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso - BA.

Figura 14 - Imagem aérea destacando a parte central do município de Remanso Velho.



Fonte: Acervo da Associação Atlética do Banco do Brasil de 1978, registro de Mário Soares.

Figura 15 - Imagem aérea da parte central município de Remanso Velho começando a submergir nas águas do Rio São Francisco.



Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso - BA.

Figura 16 – Bar do O na Praça Duque de Caxias, Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso - BA.

O bairro Capão de Baixo era considerado imponente na cidade de Remanso Velho, nesse estava localizado o Matadouro da cidade velha, a Capela da Sagrada Família – conhecida como “capela do Capão” (Figura 17 e 18), o Colégio Municipal Ruy Barbosa, Grupo Escolar Olímpio Campinho, Igreja Cristã Evangélica Ebenézer²⁶ (Figura 19), Caixa d’água e escritório do SAAE (Figura 20, 21 e 22), Hospital Público do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), onde ficava o alto-falante da Radio Primavera no Bar do Quinquinha, e a rua mais movimentada de todo o município, a Rua Chile²⁷ (Figura 23) famosa por ser “um local de passeio de rapazes e moças” como descreve (SANTOS, 2005).

O Capão não possuía Clubes, mas a vida dos seus moradores tornou-se mais alegre com a instalação da rádio Primavera, que funcionava no “Bar do Quinquinha” – seu proprietário – Localizado na rua “Chile”. A rua recebeu este nome por ser um local de passeio das moças e rapazes que à noite, desfiavam em frente ao bar, numa demonstração de elegância e charme. A Rádio Primavera era o veículo utilizado pela população para propagandas, mensagens, notas fúnebres, além de deleitar a todos com belas músicas. Nela, os apaixonados encontravam espaço para suas declarações de amor: “Atenção, muita atenção...! Ouça esta música em sinal do amor que lhe dedico do fundo do meu coração.” A rádio ainda divulgava os aniversários: “... por você está colhendo mais uma rosa no jardim de sua existência, dedico-lhe esta canção como prova da minha amizade.” Assim, as mensagens eram transmitidas e a população inteirada dos principais acontecimentos. (Santos, 2005. p. 14).

²⁶ Essa instituição religiosa, segundo dados obtidos no site <https://www.igrejacristaevangelica.com.br/site/novo/nossa-historia> só chegou ao Brasil no ano de 1901, essa informação coloca a construção arquitetônica dentro de um período mais recente na história de Remanso Velho.

²⁷ Mesmo nome do logradouro localizado no Centro Histórico da capital Salvador.

Figura 17 - Capela do bairro Capão, antes e depois da reforma que ocorreu em 1965.



Fonte: Acervo da Associação Atlética do Banco do Brasil de 1978.

Figura 18 - Capela do bairro Capão parcialmente submersa.



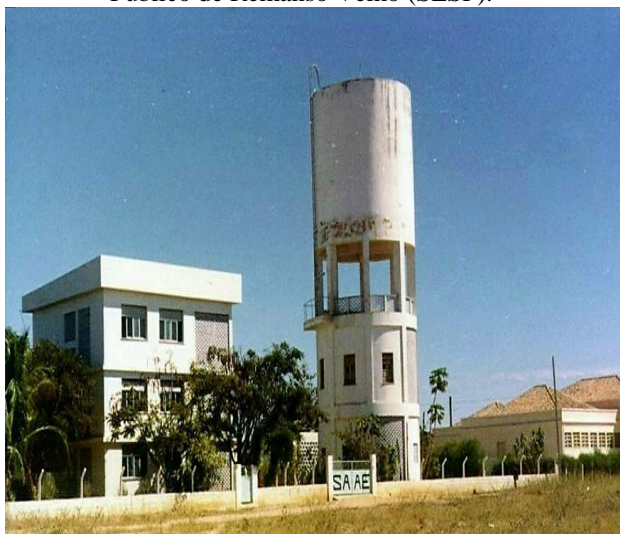
Fonte: Foto de Luciano Andrade. Revista Veja, 4 de abril de 1979, p. 50. (MENDES, 2010).

Figura 19 - Igreja Cristã Evangélica Ebenézer em Remanso Velho.



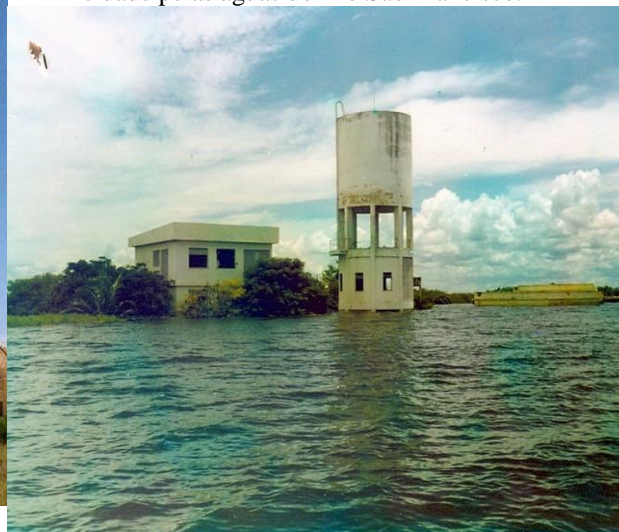
Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso- Ba.

Figura 20 - Sede do Sistema de abastecimento de água, Caixa d'água de Remanso Velho e a Hospital Público de Remanso Velho (SESP).



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso Zolany Campinho.

Figura 21 Sede do Sistema de abastecimento de água, Caixa d'água de Remanso Velho e a Hospital Público de Remanso Velho (SESP) início da submersão da cidade pelas águas do Rio São Francisco.



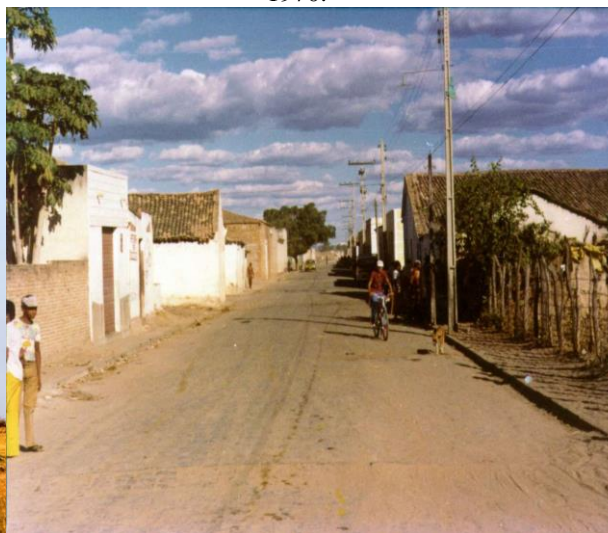
Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

Figura 22 - Ruínas da Sede do Sistema de abastecimento de água e Caixa d'água de Remanso Velho.



Fonte: Acervo do Curso de Fotografia Qualifica Bahia, registo Christóvam Régis (2017).

Figura 23 – “Rua Chile” em Remanso Velho, década 1970.



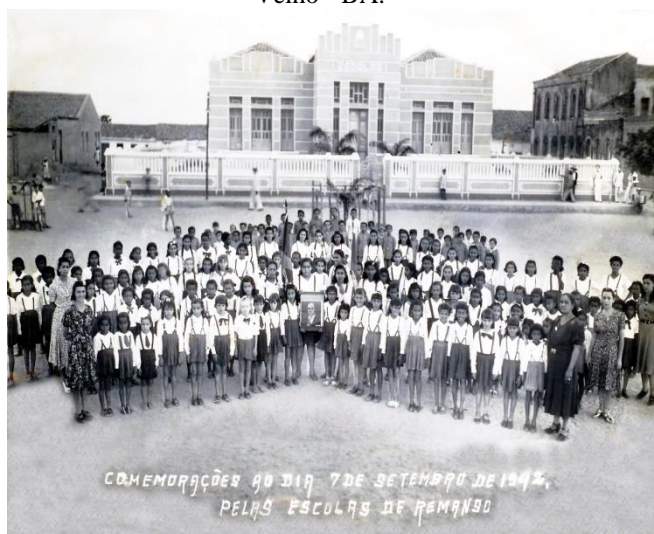
Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

As escolas de Remanso Velho (Figuras 24, 25, 26, 27, 28 e 29), consideradas como estruturas de uso público, que foram submersas tiveram seus espaços vivenciados por uma parcela representativa da população e constituem fragmentos da história e memória dos cidadãos. A estrutura arquitetônica que correspondia ao Colégio Municipal Ruy, por

exemplo, é essencialmente um local que teve uma vivência dinâmica e por tanto, também, um referencial de memória. A estrutura do Colégio Municipal Ruy Barbosa, um dos mais importantes de Remanso Velho, foi construída entre os anos de 1930 e 1936 no estilo Art Decó²⁸ com a função inicial de residência para o Sr. Marcelino Lourenço Ribeiro, que no seu mandato como prefeito no ano de 1955 transformou os espaços da residência no memorável Colégio Municipal Ruy Barbosa. No ano de 1959 foi criada a Escola Normal de Remanso que funcionou neste espaço, possibilitando a oportunidade de profissionalização para a comunidade (FIGUEREDO, 2004).

O Colégio Municipal Ruy Barbosa era o único colégio do município que oferecia os cursos: Admissão ao Ginásio, Ginásial e o Ensino Médio. Nos anos de 1966 a 1971 foram construídos mais salas de aula, salão de festa, quadra para realização de atividades esportivas, auditório, biblioteca e cantina, todos os espaços foram anexados a estrutura principal do colégio. O colégio oferecia estrutura para qualquer morador da cidade de Remanso, independente do poder aquisitivo, ingressasse na vida escolar.

Figura 24 - Grupo Escolar Getúlio Vargas, Remanso Velho - BA.



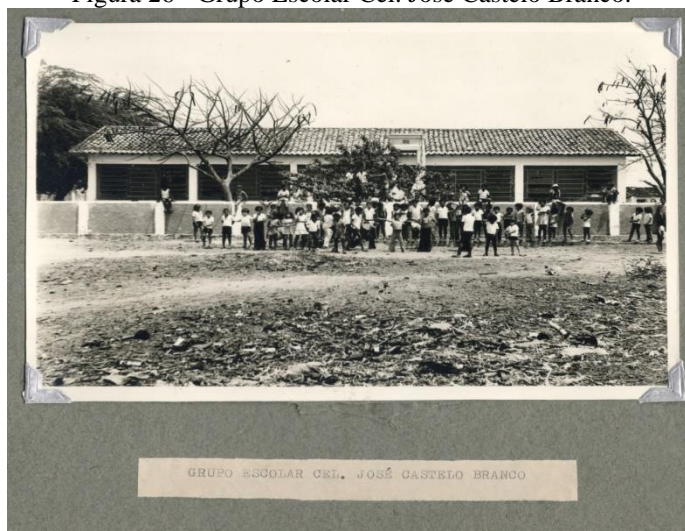
Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso Lúcia Libório.

Figura 25 - Ruínas do Grupo Escolar Getúlio Vargas, Remanso Velho.



Fonte: Sarah Souza (2016).

Figura 26 - Grupo Escolar Cel. José Castelo Branco.



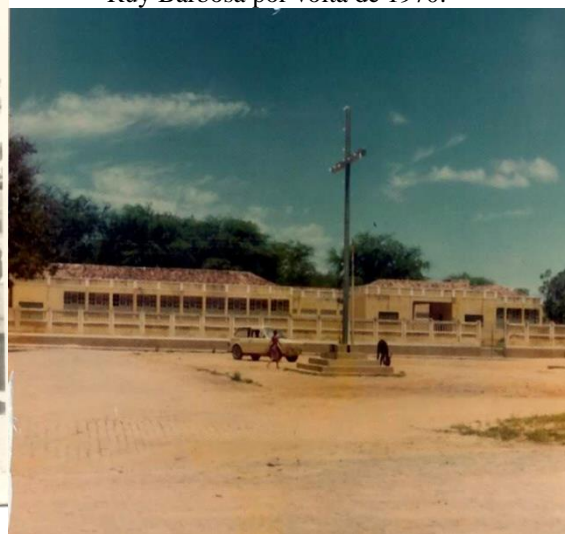
Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lúcia Libório.

Figura 27 - Entrada do Colégio Municipal Ruy Barbosa, Remanso Velho.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lucíola Libório.

Figura 28 - Vista frontal do Colégio Municipal Ruy Barbosa por volta de 1970.



Fonte: Marisa Muniz (2000).

Figura 29 - Ruínas do Colégio Municipal Ruy Barbosa no período de seca de 2007.



Fonte: Registro de Patrícia Teles em Pinheiro (2010)

O cemitério (Figuras 30 e 31) da Velha Remanso era localizado no bairro Capão de cima, nas coordenadas, 9° 40' 35.34" S, 42° 4' 20.87" W. Ele media 150 m comprimento e 44 de largura. Sua orientação era Nordeste sudeste (SOUZA, 2016). Segundo Souza (2016) o cemitério foi inundado sem nenhuma preocupação de guardar a memória dos moradores, porém a CHESF “autorizou”, aos moradores que tinham interesse, a transferência dos restos mortais dos entes queridos para o cemitério da nova sede da cidade.

Figura 30 - Cemitério de Remanso velho, em vista frontal.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Zolany Campinho.

Figura 31 - Ruínas do Cemitério de Remanso Velho.



Fonte: Registro de Sarah Souza (2016).

Por causa do aumento populacional e, conseqüentemente, da expansão urbana o então prefeito (documentos em anexo) Dercílio Castelo Branco (Figura 32) decretou a Lei Municipal nº 21 em 4 de junho de 1939, essa lei dividia a cidade em uma área urbana e outra suburbana. A área urbana corresponderia ao bairro de nome Remanso, esta seria a área mais próxima ao Rio, e seria a área central onde se achavam localizados a prefeitura (Figuras 33 e 34) e a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário (Figuras 35, 36, 37 e 38). Já a área suburbana estava paralela ao centro, e compreendia o bairro Capão, que foi dividido em Capão do Meio, Capão de Cima e Capão de Baixo (SOUZA, 2016).

Figura 32 - Dercilio Castelo Branco, Prefeito de Remanso em 1939.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lúcia Libório.

Figura 33 - Prefeitura de Remanso Velho (esquina) e parte do sobrado do Sr. Adolfo Castelo Branco.



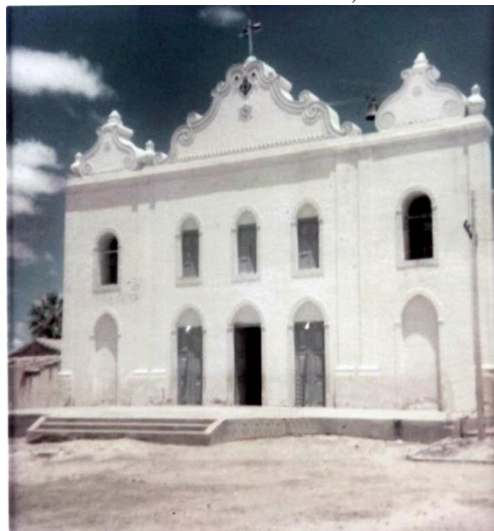
Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lúcia Libório.

Figura 34 - Prefeitura de Remanso Velho sendo demolida em 1977, na transferência para nova sede.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lucíola Libório.

Figura 35 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho - BA, 1975.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lúcia Libório.

Figura 36 - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho – BA, parcialmente submersa em 1977.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lúcia Libório.

Figura 37 – Altar da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário em Remanso Velho – BA.



Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

Figura 38 - Ruínas do altar da Igreja Matriz evidenciado no período de seca do Lago de Sobradinho.



Fonte: Sarah Souza (2016).

A Velha Remanso possuía um forte comércio, a Rua Barão do Rio Branco²⁹, conhecida como “Rua do Comércio” (Figuras 39 e 40), localizada no bairro Remanso, possuía grandes lojas de tecidos, materiais de construção, couro e outras, além de pequenos armazéns chamados pelos ribeirinhos de bodegas. No bairro Remanso, também, se localizava o Mercado Municipal (Figuras 41 e 42) de Remanso Velho, local onde eram comercializados, principalmente, os produtos cultivados, nas ilhas do Rio São Francisco, pelos moradores da cidade. Remanso Velho era privilegiado pela localização às margens do Rio São Francisco, como já dito, o comércio local tinha suporte dos transportes fluviais. O cais (Figuras 43 e 44) era o lugar onde recebiam os vapores vindos de Minas gerais e das cidades ribeirinhas trazendo mercadorias, que por sua vez abastecia as cidades vizinhas, assim como as pequenas embarcações dos moradores do local que traziam produtos cultivados nas ilhas próximas a cidade. Cais de Remanso Velho foi construído na década de 1930 para atender a necessidade de apoio às embarcações que transitavam pelo Rio São Francisco, transportando os moradores e abastecendo o comércio local. A antiga cidade ainda contava com o “Porto das Barcas” que servia de “ancoradouro” para pequenas embarcações (Figura 45).

²⁹ Homenagem ao estadista brasileiro Barão do Rio Branco, mencionado nas bibliografias como o patrono da diplomacia brasileira.

Figura 39 - Rua Barão do Rio Branco, conhecida como “Rua do Comércio”, parte central de Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso.

Figura 40 - Rua Barão do Rio Branco, conhecida como “Rua do Comércio” na parte central de Remanso Velho às vésperas de ser submersa, década de 1970.



Fonte: Adelaido Viana, morador da cidade de Remanso.

Figura 41- Mercado Municipal de Remanso Velho em 1940.



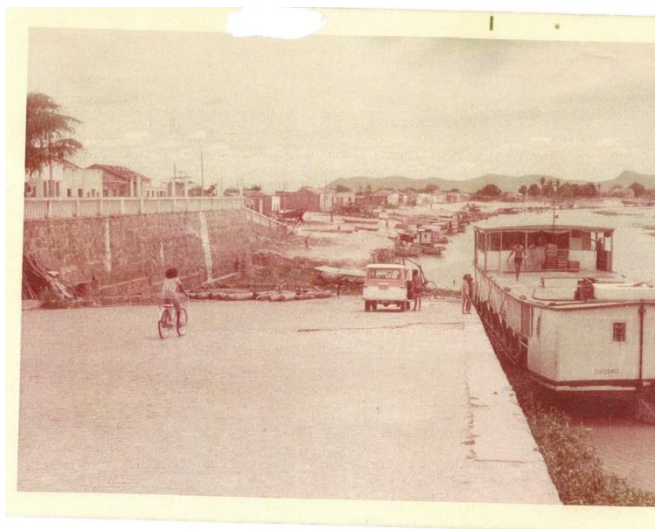
Fonte: Acervo pessoal do morador de Remanso Adelaido Viana.

Figura 42 - Mercado Municipal de Remanso Velho na década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal do morador de Remanso – BA, Adelaido Viana.

Figura 43 - Rampa principal de ancoradouro das embarcações por volta de 1970.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA, Lucíola Libório.

Figura 44 – Ruínas do Cais de Remanso Velho, período de seca no ano 2012.



Fonte: Acervo da Arqueóloga e Preservadora Patrimonial Sara Souza.

Figura 45 - Ruínas da rampa principal de ancoradouro das embarcações de Remanso Velho, período de seca do ano de 2015.



Fonte: Acervo pessoal do morador de Remanso – BA, Christovam Lopes Régis Junior.

Figura 46 – “Porto das Barcas” em Remanso Velho.



Fonte: Acervo de 1978 da Associação Atlética do Banco do Brasil (A.A.B. B).

Com força comercial, Remanso Velho conquistou destaque na região, como já mencionado, em virtude do transporte fluvial pelas vias do Rio São Francisco. A pesca foi, por muito tempo, principal fonte de renda do município seguida da agricultura. Remanso cresceu e se tornou principal polo econômico da região, tendo como base econômica principalmente a piscicultura, pecuária, agricultura e extração da carnaúba.

O Rio São Francisco foi durante muito tempo o centro de toda a economia da região, pois ela através dele que o comércio era abastecido com mercadorias trazida dos vapores. Os vapores também eram usados para o transporte de passageiros, onde, eles levavam a população em destino pelas cidades ribeirinhas do rio São Francisco. O transporte fluvial na época era composto por três companhias de navegação que posteriormente se fundiram em uma só se tornando assim a Companhia de Navegação do São Francisco. Os vapores mais conhecidos eram o Benjamin (Figura 46), São Francisco (Figura 47), Barão de Cotegipe (Figura 48) e o Guimarães Brás. Existiam também os pequenos barcos que eram produzidos na celha cidade, numa pequena fábrica (FIGUEREDO, 2004).

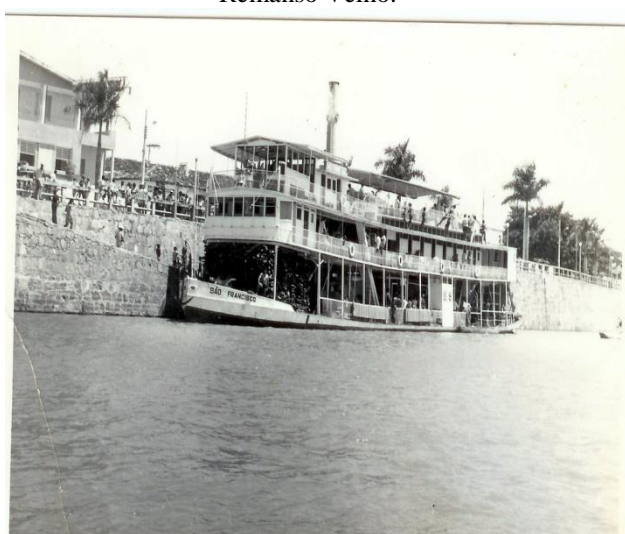
O comércio não se restringia apenas ao centro da cidade mas também no bairro Capão de Baixo com mercadorias trazidas pelos vapores através do São Francisco e de jumentos pela caatinga. Tanto o centro comercial como o comercio do Capão de Baixo vendiam variados produtos, desde as grandes lojas de tecidos, material de construção, couro, ferragens e outras mercadorias; até as bodegas, que eram pequenos armazéns onde era possível encontrar “da cangalha ao grampo de cabelo” (FIGUEREDO., 2004).

Figura 47 - Vapor Benjamin Guimarães ancorado no Cais de Remanso Velho.



Fonte: Acervo da Associação Atlética do Banco do Brasil de 1978, registro de Dr. Luiz Villar.

Figura 48 - Vapor São Francisco, Cais de Remanso Velho.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso Lúcia Libório

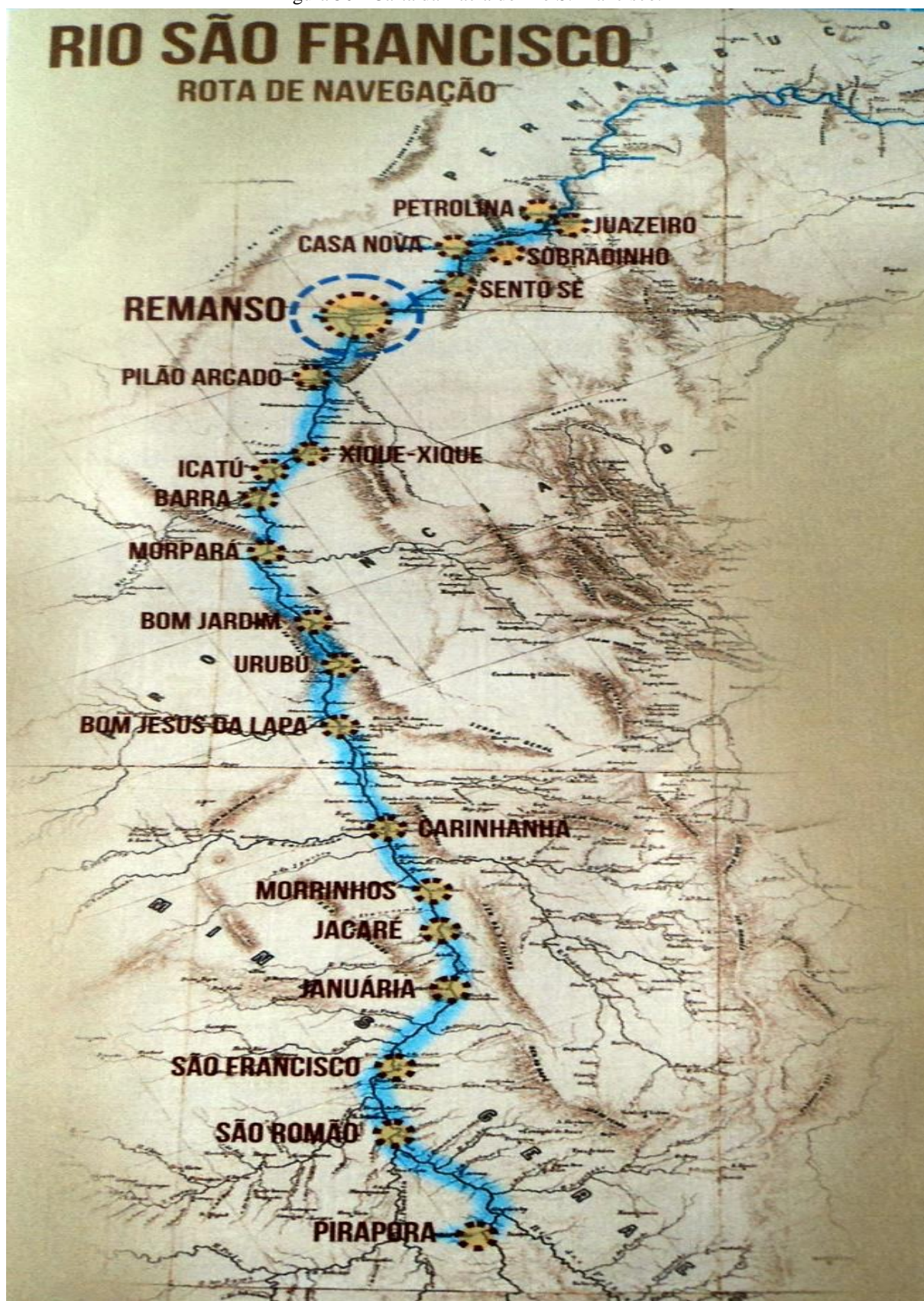
Figura 49 - Vapor Barão de Cotegipe.



Fonte: xiquexiquense.blogspot.com (Acesso em Janeiro de 2016).

O transporte fluvial através do Rio São Francisco vindo muitas vezes de Pirapora a Juazeiro (Figura 33), estabeleceu o comércio de todos os gêneros produzindo na região e fazendo crescer a riqueza de um do povo. Os vapores eram movidos à lenha, o primeiro vapor a viajar pelo Rio São Francisco foi o Saldanha Marinho e que até hoje existe e está na cidade de Juazeiro- BA com a função de restaurante. Na época foi tão grande o desenvolvimento econômico trazido pelo Rio para Remanso e região que chegaram a ser criadas três agências de Vapor. Agência Baiana do São Francisco, Agência Mineira e Agência Indústria e Comercio (BRANCO, 2011).

Figura 50 - Carta da Bacia do Rio S. Francisco.



Fonte: Comissão Hydraulica do império. Engº Chefe W. M. Roberts, 1880.

A Velha Remanso era um dos principais fornecedores de mercadorias para a região, inclusive regiões mais distantes do Piauí, como mostra Mota (2015).

Os principais centros fornecedores de mantimentos eram Remanso - BA (Remanso antigo, hoje submerso devido à construção do Lago do Sobradinho) e São Raimundo Nonato - PI. O mercado do Remanso Antigo possuía grande variedade de produtos pelo o fato de estar localizado próximo ao Rio São Francisco e ter fácil acesso aos grandes centros comerciais de Juazeiro – BA e Januária - MG, através das navegações fluviais, bem como a facilidade para o plantio em vazantes.

Lá, no mercado de Remanso que se localizava junto ao porto fluvial, se adquiria milho, feijão, rapadura, sal, açúcar, fumo e outros artigos. Além disso, ainda se comercializavam a carne seca de boi, porco e bode, a tapioca e a farinha, ambas derivadas da mandioca. Comercializavam-se, também, pequenas boiadas e porcos que eram levados diretamente aos açougues. Quando o destino era Remanso, gastava-se cinco dias de viagem. Segundo Raimundo (2014), (MOTA, 2015 p. 69).

Segundo Santos, (2005) apesar da riqueza econômica da época, esse período foi o mais conturbado politicamente. Entre 1896 e 1920, o município sofreu com acontecimentos relacionados em torno de dois grupos políticos da época, os “Cascudos e os Borboletas”, esses dois grupos políticos dividiram a população entre brigas, eles estavam brigando pela administração da cidade, e deixou reflexos até nas disputas entre bandas musicais da cidade. Cada grupo possuía uma banda, no caso dos Cascudos a banda “Filarmônica Literária 15 de Novembro” e a dos Borboletas a “Banda União”. “Os Cascudos” era formado pelas famílias de grande poder econômico como os Pinto, Pereira, Guanaes e Branco.” Os borboletas” por sua vez eram compostos pelas famílias Leite, Lino, Teixeira, Rodrigues, Nolasco e Antunes. A briga entre eles se dava em todos os meios possíveis para estarem no poder e estarem ligados aqueles que obtinham o poder na capital Salvador. A rivalidade entre eles se estendeu por mais de 20 anos, e terminou por volta de 1919, quando o Coronel Anfilófilo Castelo Branco toma o poder político da cidade e expulsa os Borboletas de Remanso (*Op. cit.*, 2005).

Passado a situação das brigas entre “Canudos e Borboletas chegava a vez dos Coronéis entrarem em conflito pelo domínio das propriedades econômicas naturais da cidade, já que, nessa região, na época, Remanso tornava-se em expansão territorial e econômica. Santos (2005) descreve os conflitos entre os coronéis da região:

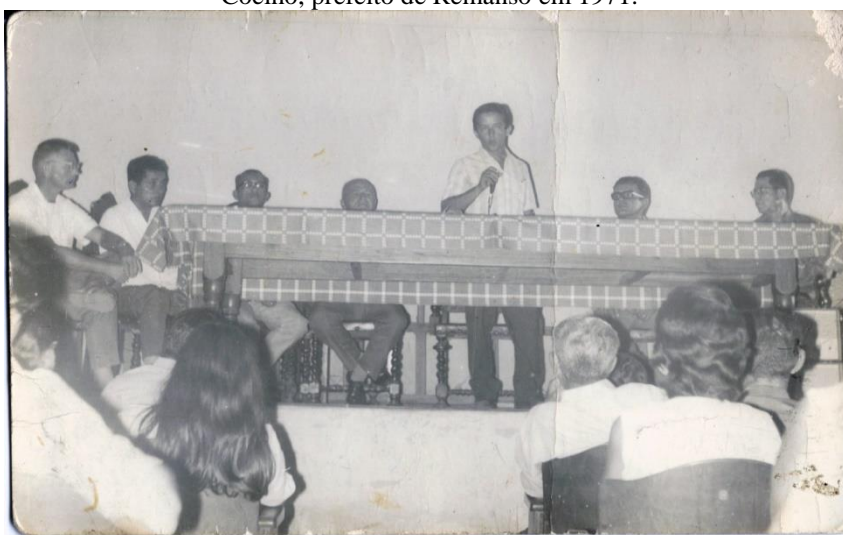
Desde janeiro, esta cidade está transformada numa praça de guerra. Atualmente, temos aqui 60 soldados, com espingardas e metralhadoras. Continua diligência são levadas a efeito no centro do município, o que delas resulta é a perseguição de fazendeiros indefesos, que vêm as suas propriedades invadidas, depredadas, saqueadas. Essas verdadeiras “razzias” são dirigidas por criminosos da pior espécie, emparceirados com a polícia. Muitos fazendeiros, outrora opulentos, não possuem agora um só cabeça de gado, outros

procuram vender tudo aquilo que ainda lhe resta para mudar de domicílio, para fugir a inimizade política dos mandões “Leobistas”. (SANTOS, 2005, p.103, *apud* JORNAL A BARRA, 1930).

Desde 1950 até o momento de sua desapropriação, a velha Remanso é marcada pelos desentendimento de grupos familiares, aumento da densidade populacional, logo, o alargamento do seu território foi notável, assim como a consolidação do comércio local até a notícia da construção da Barragem de Sobradinho pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) chegar até a população em 1971 (Figura 50), no auge da Ditadura Militar no país, sob a justificativa de regular e garantir a vazão das águas do São Francisco para a geração constante de energia elétrica.

Segundo os dados da CHESF (1973), antes da sua submersão pelas águas do Rio São Francisco, o município de Remanso Velho, era composto por 1.871 estruturas arquitetônicas, sendo que 1.537 correspondia a estruturas residenciais, 188 eram utilizadas para fins comerciais, 49 tinham ambas funções – residência e comércio – e 97 não tinham funções específicas, e 39 vias públicas segundo Pinheiro (2010) (Figura 51). As estruturas eram, na sua maioria, possuíam paredes de adobe, o piso, geralmente, tinham características de revestimento duplo, sendo utilizado tijolo e cimento, tijolo e mosaico, cimento e ladrilho e a cobertura de telhas.

Figura 51 - Reunião solene para anunciar a criação da Barragem de Sobradinho – Candido de Albuquerque Coelho, prefeito de Remanso em 1971.



Fonte: Acervo pessoal da moradora de Remanso – BA e ex-primeira Dama Lucíola Libório.

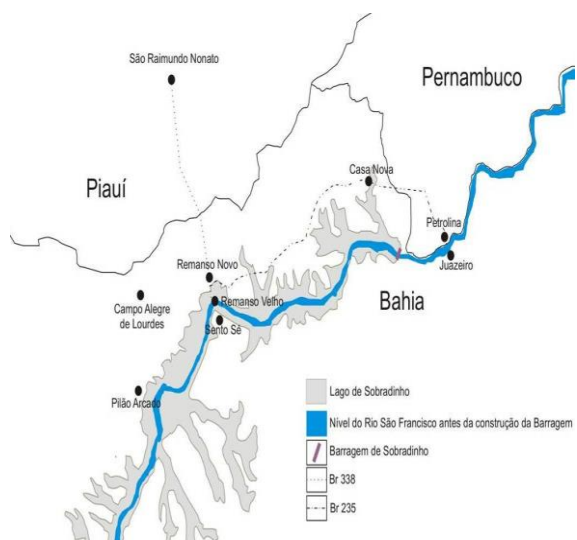
Figura 52 – Vias Públicas de Remanso Velho – BA.

Bairro	Rua
Capão de Baixo	Rua Barão do Cotegipe
Capão de Baixo	Rua Conselheiro Viana
Capão de Baixo	Rua Coronel José Cirino
Capão de Baixo	Rua Dr. Antônio Gonçalves
Capão de Baixo	Rua Manoel Vitoriano
Capão de Baixo	Rua da Gameleira
Capão de Baixo	Rua Ana Nery
Capão de Baixo	Rua Tiradentes
Capão de Baixo	Travessa Barão do Cotegipe
Capão de Cima	Rua José Bonifácio
Capão de Cima	Rua da liberdade
Capão do Meio	Rua 15 de Maio
Capão do Meio	Rua Anfilófilo Castelo Branco
Capão do Meio	Rua Araújo Pinho
Capão do Meio	Rua Conselheiro Dantas
Capão do Meio	Rua Coronel José Jesuino
Capão do Meio	Rua Emilio Sá
Capão do Meio	Rua Vidal Negreiros
Pizeiro	Rua 15 de Novembro
Pizeiro	Rua 7 de Setembro
Pizeiro	Rua Dr. Antônio Muniz
Pizeiro	Travessa Pizeiro
Pizeiro	Rua 1º de Maio
Remanso	Rua Mario Hermes
Remanso	Rua 25 de Outubro
Remanso	Rua 3 de outubro
Remanso	Rua 2 de Julho
Remanso	Rua Severino Vieira
Remanso	Rua Eurico Guanães
Remanso	Rua Euclides da Cunha
Remanso	Rua Olimpio Campinho
Remanso	Rua Castro Alves
Remanso	Rua Conselheiro Luis Viana
Remanso	Rua Virgílio Sá
Remanso	Rua Coronel Holastico
Remanso	Rua Barão Do Rio Branco
Remanso	Rua 15 de Novembro
Remanso	Rua Santos Dumont
Remanso	Avenida Presidente Getulio Vargas

Fonte: Jarryer Pinheiro (2010)

A construção da Barragem de Sobradinho ocasionou a inundação que compreende os territórios dos municípios de Remanso, Casa nova, Sento Sé, Pilão Arcado, Juazeiro e Xique-Xique, atingindo um total de 11.187 famílias, aproximadamente 70 mil habitantes, em uma área de 4.226 km², sufragando a materialidade construída no local e marcando para sempre a história e memória dos moradores da cidade de Remanso. A cidade de Remanso Novo foi construída a aproximadamente seis quilômetros de distância do antigo município (Figuras 52, 53 e 54).

Figura 53 - Mapa localizado as duas sedes do município de Remanso e cidades vizinhas.



Fonte: CHESF, 1973 em Pinheiro (2010).

Figura 54 - Imagem de satélite com a localização aproximada da antiga sede de Remanso (em círculo), e da nova sede (em retângulo).



Fonte: Adaptado Google Earth 2009 (PINHEIRO,2010).

Figura 55 – Área central da cidade de Remanso Novo no primeiro ano da mudança.



Fonte: Acervo de 1978 da Associação Atlética do Banco do Brasil (A.A.B.B.).

3.2 Pesquisas Arqueológicas no Submédio São Francisco

Sabemos que o Vale do Rio São Francisco divide-se em quatro regiões distintas: o Alto, o Médio, o Submédio, onde está localizado o município de Remanso, e o Baixo São Francisco.

Já na década de 1960 o pesquisador Valentim Calderón publicou um artigo intitulado Notícia Preliminar Sobre as Sequências Arqueológicas Do Médio São Francisco e da Chapada

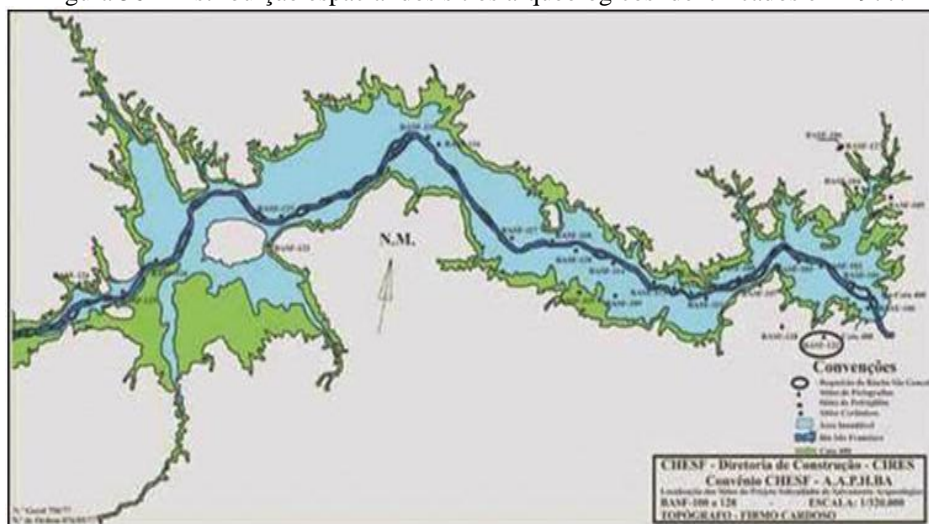
Diamantina, Estado da Bahia, a área definida por ele inicia-se em Perapora – MG terminando em Casa Nova – BA. Neste trabalho o autor sugere um horizonte lítico na região do São Francisco onde foram evidenciadas diversas pontas de projétil, assemelhando-as com pontas centro e norte americano (CALDERÓN, 1967)

No artigo, Calderón (1967) identifica três tipos de sítios superficiais nesta região como possíveis oficinas ou lugares de suprimentos de matéria-prima, que estariam localizados à margem esquerda do Rio São Francisco. Segundo o autor, no local era possível encontrar artefatos lascados, na sua maioria fabricada a partir do aproveitamento de seixos rolados nos quais poucas modificações haviam sido feitas e alguns outros executados em quartzo leitoso retirados de diques deste material, existentes no local. Mesmo com as menções aos materiais arqueológicos nesse primeiro trabalho não se encontra imagens dos achados.

Após essa primeira publicação, o próximo trabalho no âmbito da arqueologia só ocorreu em 1977 por uma equipe coordenada por Calderón onde foi realizado o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico. Esse projeto foi desenvolvido em uma área de 4.214 km² que viria a ser inundada pelas águas represadas pela Barragem de Sobradinho, bem como na área de segurança e adjacências. Ele tinha como finalidade identificar, coletar e salvar o patrimônio da área que seria inundada (CALDERÓN, 1977 apud KESTERING, 2001). As pesquisas buscaram, inicialmente, sítios arqueológicos com artefatos líticos e cerâmicos. Dada a relevância dos registros rupestres para desvendar o contexto pré-histórico da região, cadastraram-se também algumas feições de relevo caracterizadas como sítios arqueológicos de arte parietal (Fig. 19).

Mesmo com a insuficiência de tempo para as atividades de salvamento, a equipe de Calderón identificou e cuidou do salvamento de um número considerável de vestígios arqueológicos. Segundo Kesting (2001), durante a realização dos trabalhos de campo, a equipe do pesquisador espanhol visitou os locais que poderiam apresentar fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica em superfície. Quando identificava vestígios arqueológicos, a equipe demarcava a área, gerava plantas e fazia o registro fotográfico para coletá-los em seguida. Confirmada a área como local de ocupação, realizava a escavação de algumas sondagens (RIBEIRO e KESTERING, 2014).

Figura 56 - Distribuição espacial dos sítios arqueológicos identificados em 1977.



Fonte: Calderón et al. (1977 *apud* Kesting 2001, p. 28).

Partindo das informações contidas no Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, Kesting (2001 e 2007) deu continuidade às pesquisas na região do Vale do São Francisco. Nas suas pesquisas foi constatado no Boqueirão do Riacho São Gonçalo a existência de 32 sítios arqueológicos com painéis de pintura rupestre e um, à jusante próxima de ocupação contínua desde a pré-história até os dias atuais. Como categoria de saída de sua pesquisa inicial, Kesting (2001) levantou a hipótese de que a região de Sobradinho teria sido área de passagem de grupos pré-históricos de vários troncos culturais.

Com a ampliação de sua área de pesquisa e análise de uma quantidade maior de painéis de pintura rupestre de 112 sítios arqueológicos, Kesting (2007) propôs que a maior parte dos grafismos da Área Arqueológica de Sobradinho foi realizada por um grupo pré-histórico de permanência constante no Submédio São Francisco. Esse grupo teria ocupado a região desde o final do Pleistoceno, quando o clima da região era tropical úmido, até o Holoceno Superior, quando já eram vigentes as condições climáticas atuais (MACIEL, 2016).

Kesting (2007) identificou um padrão de cognoscibilidade semelhante aos grafismos rupestres pesquisados no planalto central do Brasil e em toda extensão do vale (MACIEL, 2016). Com base nessa constatação, classificou, em caráter hipotético, o conjunto dominante de grafismos analisados como Tradição São Francisco. Partindo da informação que a antiguidade das datações obtidas em vestígios arqueológicos do Estado de Goiás, do Alto e do Médio São Francisco, é maior em relação aos vestígios datados no Submédio e no Baixo São Francisco, reafirmou a hipótese de Martin (1998) que os grupos pré-históricos do Vale do São Francisco eram originários do Planalto Central do Brasil.

Nesse contexto, a pesquisa de Maciel (2016) aponta que na Ilha dos Moisés, Barra do Riacho Grande, Barrinha do Pau de Canoa e Barrinha do Zé Bastião, localizados no

município de Casa Nova, margem esquerda do Rio São Francisco, encontraram-se artefatos líticos arqueológicos que se exumaram graças aos impactos gerados pela implantação do Lago de Sobradinho, responsável pela reativação das Dunas Fósseis. Essas feições de relevo situam-se no mesmo conjunto de coberturas superficiais cenozoicas onde se implantarão as estruturas provisórias e definitivas do empreendimento. Encontraram-se pontas de projétil, almofarizes em matacões, trituradores e fragmentos de cerâmica pré-histórica e histórica. Os artefatos apresentados e estudados nessa pesquisa são indicativos de grupos que possuíam conhecimento de uma técnica complexa e refinada. Além do caráter de ineditismo, pois no contexto desses instrumentos líticos (Fig. 57 e 58) no nordeste não se tem na literatura uma presença em grande quantidade como ocorrera neste sítio, elas são testemunhos irrefutáveis da presença humana no passado na região das dunas do Submédio São Francisco (MACIEL, 2016).

Figura 57 - Ponta de projétil, em quartzo, com aletas retas e pedúnculo com base reta.



Fonte: Nina Rosa Ledoux (2016 apud Kesting e Maciel, 2017, p. 139).

Figura 58 - Seixos rolados com marcas de uso.



Fonte: Celito Kesting (2015 apud Kesting e Maciel, 2017, p. 149)

No território do município de Remanso - BA existem quatro sítios arqueológicos cadastrados no site do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA, plataforma onde estão dispostas informações acerca dos “sítios arqueológicos brasileiros cadastrados no IPHAN, com todo o detalhamento técnico e filiação cultural dos Sítios Arqueológico”³⁰.

Os sítios cadastrados são:

- **Sítio Arqueológico Lagoa do Sal (BA00156)** - Sítio unicomponencial cerâmico com deposição superficial de fragmentos de cerâmica em solo silicioso. Os dados foram cadastrados em 22/09/1997 por João Legal Leal.

³⁰ Disponível em http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_resultado.php . Acesso Set/2017.

- **Sítio Arqueológico Caroá (BA00157)** - Trata-se de um sítio multicomponencial com vestígios cerâmicos e oficina lítica em solo quartzoso aluvial. Além disso, foram evidenciados carvão e fragmentos ósseos. Foi realizada sondagem que corresponde a: 1 corte até o nível 8. Esses dados foram cadastrados em 22/09/1997 por João Legal Leal.
- **Sítio Arqueológico Pedra Branca do Marco (BA00158)** – Segundo as informações contidas no cadastro trata-se de um sítio oficina lítica e arte rupestre (pictografias). Deposição superficial em solo aluvial, com uma parede rochosa isolada. Dimensões dos painéis: 3,0 X 1,5m e 2,1 X 1,5m; altura: 8m. Essas informações foram cadastradas no sistema por Valentin Calderón, Yara Dulce Ataíde e Ivan Dórea no ano de 1976.
- **Sítio Arqueológico Sobrado (BA00159)** – As informações disposta no cadastro apontam o sítio como oficina lítica e cerâmico de deposição superficial em solo aluvial. Informações cadastradas por Valentin Calderón, Yara Dulce Ataíde e Ivan Dórea em 20 de agosto de 1976.

Contexto da Arqueologia História Pinheiro (2009) desenvolveu sua tese de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial sobre o espaço urbano do município de Remanso Velho³¹. Em 2015 na monografia intitulada “Casa do Major José Desidério da Silva: um estudo de caso sobre os espaços domésticos de uma casa rural em Remanso- BA, de Ledoux³², foi proposta a análise dos espaços internos no monumento arquitetônico do século XIX localizado na zona rural do município de Remanso, utilizando as metodologias propostas pela Arqueologia Histórica e Arqueologia da Arquitetura.

Serqueira (2016) trabalhou com as casas de farinha Remanso-BA no âmbito das discursões sobre Arqueologia e Patrimônio³³. Para o trabalho, moradores do antigo município submerso foram consultados para entender como as casas de farinhas e os objetos utilizados fazem parte da identidade local desde a época anterior à construção da Barragem.

³¹ PINHEIRO, Karol Jarryer de Jesus; SENA, Vivian Karla de. O uso e transformação do espaço urbano: um estudo de arqueológico da cidade de Remanso Velho, BA.. 2009. 65p. : TCC (graduação em Arqueologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato, 2009

³² LEDOUX, Nina Rosa Pereira. CASA DO MAJOR JOSÉ DESIDÉRIO: um estudo de caso sobre os espaços domésticos de uma casa rural em Remanso- BA.. 2015. 01 CD- ROM Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, 2015.

³³ CERQUEIRA, Suele Magalhães. As casas de farinha de Remanso- BA: patrimônio cultural sertanejo. 2016. 01 CD- ROM Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, 2016.

Sara Souza defendeu sua tese de conclusão de curso em 2016 onde tratou acerca do antigo cemitério de Remanso Velho³⁴ analisando os atributos modificados após da mudança de sede. No mesmo ano Soares³⁵ apresentou o TCC onde apresentou resultados da pesquisa sobre as pinturas rupestres do Sítio Arqueológico Salina I, localizado no município de Remanso-BA.

As informações apresentadas nos leva a conhecer, parcialmente, o potencial arqueológico da região onde está localizado o município de Remanso, além disso, nos desperta para refletir como o patrimônio arqueológico é inerente à identidade de um grupo, essa por sua vez está sedimentada na memória.

³⁴ SOUZA, Sara Oliveira de. Atributos conservados e modificados nos cemitérios de Remanso- Ba. 2016. 1 CD-ROM Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, 2016.

³⁵ SOARES, Welder Katlen Carvalho. Pinturas rupestres do Sítio Salina I, Município de Remanso- BA. 2016. 01 CR- ROM Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Serra da Capivara, 2016.

PARTE II | ENTREVISTADOS, ENTREVISTAS, EVENTO - ANÁLISES.

CAPÍTULO IV - ARQUITETURAS SUFRAGADAS E MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

A arquitetura, tão própria da humanidade, é vivenciada como vínculo de “criação” de memória, esta por sua vez se molda na imortalidade e torna-se um combustível importante da alma humana. Neste capítulo serão apresentados muito mais que resultados de entrevista e análise “dura” das falas. Aqui será o palco para apresentar as memórias de uma gente que viu sua materialidade sufragar, marcando a memória dos que vivenciaram o momento e das gerações que só ouvirão falar e virão fotos e ruínas de cidade que submergiu.

4.1 Apresentando os protagonistas

As pessoas entrevistadas para a presente pesquisa tiveram um papel transformador, claro que, naturalmente, antes de ir a campo e coletar os dados já se tem uma ideia preestabelecida do que pode vir a ser obtido como resultado, considerando as informações previamente levantadas. Porém, como é próprio da humanidade, situações podem vir a acontecer dando uma roupagem completamente distinta da ideia inicial. Pela a solidariedade e por terem tomado a cena de forma peculiar, serão apresentados, brevemente, cada entrevistado, data da entrevista, bairro que residia na cidade de Remanso Velho e idade que tinha quando ocorreu a mudança visando, também, contextualizar os relatos que serão apresentados posteriormente.

A primeira entrevista realizada ocorreu no dia 22 de setembro do ano de 2016 com Christóvam Lopes Régis Júnior (Figura 56) e teve duração de 1 hora e 12 minutos. Christóvam nasceu na cidade de Remanso – Ba no dia 17 de Julho de 1962. Em Remanso Velho residia no bairro Remanso, na Rua do Comércio. Estudou no Grupo Escolar Getúlio Vargas e no Colégio Municipal Ruy Barbosa. Quando ocorreu a mudança de sede do município de Remanso o entrevistado tinha 14 anos de idade. Conhecido na cidade com Tovinho Régis é também um exímio fotógrafo e guarda muitos registros da cidade velha e da cidade nova.

No dia 25 de setembro de 2016 foi realizada a entrevista com Marisa Lúcia Santana Nascimento (Figura 57), moradora do bairro Capão em Remanso Velho, nascida no dia 28 de fevereiro de 1942, é conhecida em Remanso como Dona Marisa Muniz do Museu, sobrenome que prefere utilizar como uma forma de homenagear o seu pai José Muniz do Nascimento. Dona Marisa Muniz é idealizadora, fundadora e diretora do Museu do Sertão Antônio Coelho

onde está exposto um grande acervo material que conta a história da Remanso submersa. Autora dos livros *Remanso pedaço de um chão I* (2000) e *Remanso pedaço de um chão II* (2011), Dona Marisa é uma figura conhecida na cidade e é sempre lembrada pelo seu grande empenho em manter viva a memória da velha Remanso. Em 17 de junho de 2009 Mariza Muniz e o Museu do Sertão foram reconhecidos oficialmente na cidade de Remanso com a Lei Nº 243, a partir de então a Câmara Municipal de Remanso declara de UTILIDADE PÚBLICA a Associação de Amigos do Museu do Sertão Antônio Coelho, CNPJ 08.639.907/0001-07, fundada em 06 de março de 2001³⁶.

Figura 59 - Registro após a entrevista de Christóvam Lopes Régis Júnior, Prainha de Amaralina em Remanso – Ba.



Fonte: Registro do entrevistado (2016).

Figura 60 - Marisa Muniz no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Ainda no dia 25 de setembro de 2016, foram entrevistados (Figura 58) Izaulina Maria de Jesus (*in memorian*) com 88 anos quando prestou a entrevista e seus dois filhos, José Wilton Martins de Souza (*in memorian*), 54 anos, e Veraneide de Jesus Pinheiro de 49 anos. Dona Izaulina foi moradora da cidade de Remanso Velho onde residia no bairro Gameleira, trabalhava como feirante, vendendo frutas e verduras plantadas nas ilhas próximas a cidade e contava com a ajuda dos filhos. Dona Izaulina faleceu em abril de 2017 e seu filho José Wilton em maio do mesmo ano, mas aqui apresento suas memórias como forma de eternizar suas passagens na Terra.

No dia 27 de setembro de 2016 foi entrevistado (Figura 59) Cândido de Albuquerque Coelho, nascido na cidade de São João-PI, no ano de 1939, mudou-se para

³⁶ Ver <http://www.ricardobanana.com/museu-do-sertao-de-remanso-sensibilidade-e-riqueza-cultural/>

Remanso Velho ainda na infância. Tornou-se comerciante na cidade e mais tarde fora prefeito. Quando foi anunciada pela primeira vez a construção da Barragem de Sobradinho, Sr. Cândido administrava a cidade e foi incumbido a dar a notícia da mudança para outra sede aos moradores. Uma pessoa acessível e participativa, Sr. Cândido sempre está disponível para dar informações acerca de Remanso Velho, além dos relatos prestados para esta pesquisa, ele também aparece em dois documentários sobre a cidade de Remanso, o primeiro intitulado “Não houve tempo sequer para as lágrimas” ³⁷ de 1985 e o segundo chamado “Um passado sem chão”³⁸ de 2016.

Figura 61 – Registro pós entrevista de Veraneide Pinheiro, Izaulina de Jesus e José Wilton Martins.



Fonte: Registro da autora (2016).

Figura 62 - Registro após a entrevista de Cândido de Albuquerque Coelho.



Fonte: Registro da autora.

No dia 28 de setembro de 2016 foram realizadas sete entrevistas. As primeiras entrevistas realizadas foram com Ângela Ribeiro Alves e Claudemira Barbosa Miranda (Figura 60). Dona Ângela nasceu no dia 05 de julho de 1935 no povoado Ingazeira, município de São Raimundo Nonato –PI, mas mudou-se ainda muito jovem para a cidade de Remanso Velho, onde residia no bairro Gameleira. Dona Claudemira, carinhosamente chamada de Dona Pequena, nasceu no povoado Veneza, município de Remanso e residia no bairro Gameleira. Dona Ângela e Dona Claudemira foram vizinhas na cidade de Remanso Velho e continuaram morando próximas na nova sede.

³⁷ "O filme trata dos problemas da cidade e da reação das pessoas, provocados pela mudança da sede do município de Remanso, em função da construção da Barragem de Sobradinho." **Direção:** Azevedo, Agnaldo Siri. (Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=030615&format=detailed.pft>. Acesso em mar/2017.

³⁸ Documentário apresentado em 2016 como produto da pesquisa de monografia de Sarah Souza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

A próxima entrevistada foi Carmelita dos Santos Alves (Figura 61) que residia no bairro Capão, na Rua José Bonifácio, trabalhava como agricultora nas ilhas do Rio São Francisco.

Figura 63 - Registro após-entrevista de Ângela Ribeiro Alves e Claudemira Barbosa Miranda.



Fonte: Registro da autora.

Figura 64 - Registro após-entrevista de Carmelita dos Santos Alves.



Fonte: Registro da autora.

Outra entrevistada foi a Dona Maria dos Santos Pereira (Figura 62), Conhecida como Maria Caroá, nasceu no dia 13 de maio de 1949 e morava no bairro Capão de baixo, na antiga cidade atuou como professora, quando ocorreu a mudança de sede ela tinha 25 anos de idade. Dona Maria Caroá é também umas das organizadoras da Festa de Iemanjá celebrada no dia 2 de fevereiro.

Maria Libório dos Santos Pereira de 72 anos de idade, também residiu na cidade de Remanso Velho, primeiro tinha residência na Rua Travessa Primeiro de Maio e posteriormente na Gameleira. No antigo município trabalhava como agricultora e doméstica.

Francisca Oliveira do Nascimento nasceu no dia 06 de janeiro de 1947 na cidade de Remanso Velho, residiu no bairro capão e trabalhou como agricultora e atendente de farmácia. Concedeu entrevista de 23 minutos e 49 segundos no dia 28 de setembro de 2016 na sua residência.

Maria Lima Santos (Figura 63), 67 anos, nasceu na cidade de Remanso Velho onde residiu no bairro capão de cima, trabalhou de doméstica e rendeira. Faz parte do grupo de dança folclórica da cidade e é uma das poucas rendeiras que ainda existem na cidade de Remanso.

Figura 65 - Registro após entrevista de Maria Santos Pereira, 2016.



Fonte: registro da autora.

Figura 66 - Registro pós-entrevista de Maria Lima Santos

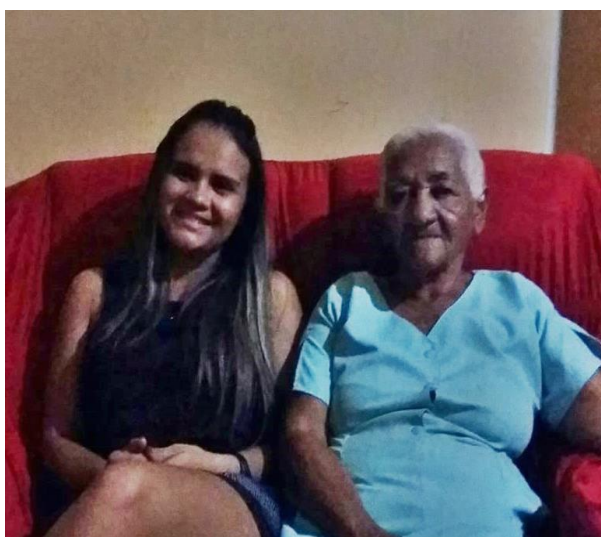


Fonte: Registro da autora.

Dia 29 de setembro de 2016, Dona Maria Madalena Magalhães (Figura 64) concedeu entrevista na sua residência com 40 minutos de duração. Dona Mariinha, como é conhecida, nasceu em novembro de 1928 e foi casada com um grande instrumentista da cidade velha, Sr. Tozinho, já falecido. Na cidade de Remanso velho era conhecida pelos doces que fazia, quando houve a mudança Dona Mariinha já tinha 50 anos de idade.

No dia 30 de setembro de 2016 Sr. Carlos Dias Ribeiro (Figura 65) concedeu a entrevista para a presente pesquisa. Dr. Carlos, como é conhecido na cidade, nasceu em São João – PI no ano de 1936 e mudou-se ainda na infância para Remanso Velho. Exercia a profissão de médico na antiga cidade e era o prefeito em exercício quando aconteceu a mudança para nova sede.

Figura 67 - Registro após a entrevista de Dona Maria Madalena Magalhães, 2016.



Fonte: Registro da autora.

Figura 68 - Ex-prefeito de Remanso-BA Carlos Dias Ribeiro



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2017.

Niolene Pereira dos Santos Nascimento (Figura 66) concedeu uma entrevista de 1 hora e 52 minutos de duração no dia 03 de outubro de 2016. Dona Noinha, nasceu em Remanso velho no dia 30 de novembro de 1953, onde residia no bairro Capão de Cima, na Rua da Liberdade. Filha de oleiro e mãe falecida trabalhou desde muito cedo como agricultora e professora, quando se mudou para nova sede da cidade tinha 21 anos de idade. Na cidade nova além de lecionar, atuou como técnica de enfermagem. Atualmente está à frente do Grupo Nova Vida, grupo de senhoras que produzem artesanato local.

05 de outubro de 2016 foi entrevistada Edileide Evangelista de França (Figura 67). Nascida em 1964 na Fazenda Reis, município de Remanso Velho. Mudou-se para Remanso Velho para estudar no Grupo Escolar Getúlio Vargas, na cidade residia na Rua Mário Hermes no centro da cidade. Quando ocorreu a mudança para a cidade nova tinha 13 anos de idade.

Figura 69 - Registro pó-entrevista de Niolene Nascimento, 2016.



Fonte: registro da autora.

Figura 70 – Entrevistada Edileide Evangelista de França.



Fonte: arquivo da entrevistada.

Terezinha dos Santos Rodrigues (Figura 68) concedeu entrevista dia 09 de outubro de 2016. Nascida na cidade de Remanso Velho em 15 de outubro de 1953, residiu na Rua José Bonifácio no bairro Capão de Cima e estudava no Grupo Escolar Getúlio Vargas. No ano de 1975 começou a participar de grupos de danças folclóricas, hoje é uma das referências quando se fala em cultura na cidade de Remanso, juntamente com um grupo de amigos e familiares procura manter vivas as manifestações culturais que aprendeu na sua infância na cidade de Remanso Velho.

Adelaido Viana (Figura 69), de 66 anos de idade, foi entrevistado no dia 15 de outubro de 2016. Em Remanso Velho residia no bairro Capão de Cima, estudou no Grupo Escolar Getúlio Vargas e Colégio Municipal Ruy Barbosa. No antigo município prestava serviço a Companhia Telefônica de Remanso, como técnico da central telefônica e da rede telefônica. Na época da transferência da cidade tinha 27 anos de idade. Sob os auspícios de Adelaido Viana também está um acervo de imagens importantíssimas para se contar a história do município de Remanso – BA.

Figura 71 - Terezinha Santos no evento no evento
“Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso



Fonte: registro de Marinalva Xavier, 2016.

Figura 72 - Adelaido Viana pós-entrevista, 2016.



Fonte: Registro do entrevistado.

Dia 03 de maio de 2017 foram realizadas mais duas entrevistas para complementação de informações. A primeira entrevistada foi Noêmia Oliveira de Souza (Figura 70), nascida em Remanso Velho em 12 de novembro de 1962. Quando se mudou para nova sede era muito pequena, mas ainda sim guarda memórias da antiga cidade.

A segunda entrevista foi Maria Wilma Evangelista Ledoux Almeida. Nasceu dia 29 de novembro de 1960. A entrevista ocorreu na residência da Maria Wilma e teve duração de 45 minutos. Sua história com Remanso Velho tem uma ligação especial com os vapores que chegavam a cidade, já que o seu pai era o encarregado das mercadorias que chegavam. Como saiu já adolescente da cidade, compartilhou muito da sua memória relacionada à antiga cidade.

Figura 73 - Entrevistada Noêmia Souza



Fonte: Imagem disponibilizada pela entrevistada.

Figura 74 - Entrevistada Maria Wilma Almeida



Fonte: Imagem disponibilizada pela entrevistada.

As 21 pessoas entrevistadas para a presente pesquisa se dispuseram a desvelar suas lembranças, apresentar a sua intimidade, seus momentos de felicidades, suas angústias, dores, o que vivenciaram na antiga cidade e o que absorveram durante o processo de mudança e adaptação à nova sede. A seguir serão expostas as falas dos entrevistados, aqui, apresentados junto às análises e implicações das mesmas. Em tempo, saliento a pretensão de destacar a narrativa, o valor da experiência em detrimento de qualquer pretensão de uma grande “reconstituição” do passado. O principal foco é entender, a partir dos relatos, como se construiu a memória individual/coletiva dos cidadãos, ao longo do tempo, de Remanso Velho e o como isso se atrela a identidade local.

4.2 Construção da Memória

Devidamente apresentados os protagonistas, faz-se necessário o entendimento das memórias desses agentes dentro do contexto em que vivenciaram a cidade de Remanso Velho. De acordo com a sua faixa etária ou bairro em que residia e outras variáveis, as memórias foram divididas em “grupos temporais” para serem compreendidas. A análise será feita a partir dos relatos de momentos distintos: cotidiano e relação com os espaços da antiga cidade anteriores a chegada da CHESF, anúncio da transferência da sede da cidade, momento de transferência e primeiras impressões no período de adaptação e impressões atuais sobre o ocorrido.

Durante as entrevistas, como esperado, muitas informações convergiram. As falas “desenham” uma Remanso com divisões bem salientes, no que se refere aos bairros. Os cinco bairros Capão de Baixo, Capão do Meio, Capão de Cima, Remanso e Pizeiro foram

(re)construídos ao longo das entrevistas. Cada morador descreveu o bairro que morava com detalhes, apresentando a casa que moravam³⁹, os vizinhos e os seus feitos mais despretensiosos. A separação dos bairros por grupos de acordo com o seu poder aquisitivo, por exemplo, foi mencionada pelos entrevistados. Segundo os relatos, as pessoas que moravam no bairro Remanso, na parte central do antigo município, eram, na sua maioria, as que possuíam mais bens materiais na cidade.

Francisca Oliveira - No Capão moravam as pessoas mais simples, trabalhadores que, na sua maioria, viviam do plantio e comércio de frutas e verduras que plantavam nas ilhas.

Christóvam Lopes Régis Júnior - Essa divisão de bairro por “poder aquisitivo” existia... até no próprio Capão mesmo... no Capão do Meio ficava o pessoal mais rico... no Capão de Cima e no capão de Baixo o pessoal mais humilde... a mesma coisa no Remanso, na rua de baixo e de cima ficava o pessoal mais humilde e no centro ficava “os grandes”. Lá tinha essas subdivisões... não deixava de ter gente com posse morando nesses lugares também, mas no centro se concentrava o pessoal com maior poder aquisitivo...

Noêmia de Souza - Os que moravam perto da igreja, prefeitura, mercado... era o povo que tinha mais dinheiro... no Bairro Remanso... No Pizeiro morava os pescadores.

Também é necessário salientar a presença do rio em todos os relatos coletados. O rio é considerado um lugar de memória, a ele é atribuído valor e lugar de destaque nas memórias relacionadas a Remanso Velho. Por ter sido uma cidade beira onde o rio era a sua extensão, a história e cotidiano dos moradores, de Remanso Velho, não podem ser contados sem mencionar a importância do rio para a economia local, para a manutenção da cidade, no que se refere à locomoção e até área de lazer. Esse lugar de memória é entrelaçado com a construção do folclore local, entre o medo, exotismo, sacrifício e dependência das águas do São Francisco nasce à identidade dos ribeirinhos.

Durante as entrevistas foi possível observar a proximidade das pessoas com o rio e como ele tinha influência direta nas relações interpessoais na comunidade a exemplo da ajuda mútua durante os períodos de cheias do rio. Podemos visualizar a vida dos ribeirinhos, que residiam na cidade de Remanso Velho, completamente adaptada às águas rio.

Bachelard (1989) define a água como “o elemento transitório:

É nesta multiplicidade que a água adquire totalidade, pessoalidade e forma. ... a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética

³⁹ **Francisca Oliveira** - Lá em Remanso Velho... A casinha da gente era pequeninha e era cercada de um pau chamado canudo. (OLIVEIRA, Francisca: depoimento [set. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (52 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Uma Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. (Bachelard, 1989, p.17).

A importância das águas do rio, para os ribeirinhos que viveram na antiga Remanso, ganham ainda mais força e profundidade quando são contrastados com os sentidos da nova cidade, neste quesito a mudança de espaço configura um rompimento cultural e afetivo com rio, assim configurando um fragmento traumático da memória.

As falas daqueles que conheceram e viveram no antigo município sempre trazem um tom de saudosismo da cidade anterior, à beira do rio. A pesca, o plantio nas ilhas do Rio São Francisco, a criação de animais, folclore e vivências na pequena cidade que foi submersa é sempre lembrada como uma época de fartura e felicidade, apesar das tecnologias limitadas.

Cândido Albuquerque - A infância foi muito boa na beira do Rio. A gente aprendia a nadar sem auxílio dos pais, que estavam nos seus afazeres. A gente usava salva-vidas feitos de cabaças. Não tinha água encanada, a água usada era a do Rio. Hoje o Rio está longe da gente. A nossa infância em Remanso Velho foi intimamente ligada com o Rio (...) a chegada dos vapores era um acontecimento, eles traziam as novidades... Era bonito... Espetacular a chegada dos vapores que traziam mercadorias... Levavam também.

Ângela e Claudemira – [Ângela: a gente vivia no rio... nossa vida era lá minha filha] [Claudemira: tinha as plantações nas ilhas... a gente plantava tudo... a terra era boa... dava de tudo lá].

Niolen Nascimento - O Rio era nosso palco cultural. A gente tomava banho, “tirava pulo de tigelinha” de dia e de noite. Tinha muitas plantações nas ilhas, agricultura familiar. Tinha muita fartura(...) a chegada do vapor era nossa diversão... A gente perguntava: “ Sr. Zé Lima, que dia o vapor vai chegar?” ((sorriu))... quando o vapor chegava era aquela alegria... Tinha a Barca Cobal... Era um tipo de supermercado... a gente juntava dinheiro para fazer compras quando a Cobal chegava... Ela era dividida entre cosméticos e comidas...

Além do rio, os locais construídos e tradições marcaram as memórias relacionadas a Remanso Velho e correspondem a um fragmento da identidade dos cidadãos. Apresentar oralmente esses lugares e o cotidiano permite a reconstrução no imaginário de uma “raiz” que ainda vive, mesmo que em ruínas, mesmo que debaixo d’água. Esse momento original é uma invariante cultural, ainda que se apresente, por vezes, como um desafio para o estudo da memória local. Acontece que tratar esse fragmento da memória como causa primeira, mesmo que apresentando lealdade pontuada ao local e hábitos, alguns entrevistados parecem abolir a continuidade temporal para instaurar um novo momento de origem pós-chegada da notícia da mudança de sede.

As falas dos entrevistados desenhavam um quadro de pertencimento permitindo documentar um momento temporal, além de possibilitar a “visualização” da antiga cidade pelos “olhos” dos diferentes moradores. Também corroboram a ideia da memória como construtora de lugares, a partir dela podemos reconhecer quais tipos de relações sociais que permeavam os antigos espaços e dimensões simbólicas dos locais apresentados no capítulo III.

A Igreja Matriz não se resume ao rito religioso, as narrativas descrevem como um lugar onde se encontrava com familiares e amigos. Dentro das memórias faladas a igreja também aparece compartimentada em grupos, nos relatos surgem às beatas, os músicos e os jovens que depois da missa iam passear, por exemplo. De forma unânime a igreja matriz de Remanso Velho é o lugar de memória mais mencionado para fazer comparações entre o antigo e o atual município. A antiga igreja foi descrita como “a mais bonita”, “onde sentia mais a fé”, “onde as pessoas eram mais próximas”, o que leva a sugerir que no imaginário a antiga igreja é apreciada pelos moradores como um referencial positivo e indispensável para se falar do município submerso.

Maria Lima - A igreja do Remanso Velho era mais bonita... bem grandona!... essa aí... as laterais da igreja do Remanso velho é o tanto que cabe nessa daí... o corpo da igreja lá, menina... você já viu nas fotos?! Não dá pra ver direito porque quando foram tirar ela já estava demolindo... Eu não gosto nem de falar... gosto nem de lembrar... Por Deus!

Terezinha Santos – A igreja do Remanso Velho, era muito bonita, uma igreja antiga, muito bonita, o altar onde ficava mesmo Nossa Senhora, muito bonito com aqueles desenhos antigos, aqueles anjos... assim, eu mesma quando menina, eu pensava que ali existia aqueles anjos, existia... muito bonito! E... ela era virada para o rio, a frente dela... era virada pra o rio, inclusive esse córrego que a água desaguava pra o rio de cima, passava na frente da igreja que se chamava...

Calos Ribeiro – o ambiente da igreja era mais participativo... lembro dos sermões do Padre Heitor... se ele sabia que alguém tinha feito alguma coisa errada ele falava no meio dos sermões ((sorriu))... dia de primeira eucaristia era movimentado... evento importante na cidade!

As escolas de Remanso Velho são descritas como lugares de memória dos antigos moradores, ao tempo que é um espaço material possui dimensões simbólicas significantes. Os moradores que enfatizaram as memórias relacionadas a esses espaços possuem a menor faixa etária entre os entrevistados, visto que os mais velhos descrevem a relação com o aprendizado⁴⁰ de forma diferente, com professoras que ensinavam nas suas residências. O espaço escolar registra grande parte da memória social, resultado da presença no cotidiano com duração prolongada. Dentro das memórias dos entrevistados as escolas representam o

⁴⁰ Dentro de uma lógica normatizada e institucionalizada.

momento de toda aprendizagem que remetem a elementos utilizados na juventude. Ainda esse espaço marca a memória através das normas estabelecidas, transmissão de valores, caminho percorrido para chegar até o local, brincadeiras, experiências com o grupo, vestimentas e materiais utilizados.

Nioleni Nascimento – Eu estudei no Remanso Velho... no Grupo Escolar Getúlio Vargas... brincava muito com os amigos de lá... a gente brincava muito de polícia e ladrão...a gente cantava assim: “Soldado do exército não usa cinturão... só usa gorro branco e camisa de algodão” ((sorriu))...

Adelaido Viana - Os lugares que fazem parte da minha memória (...)os lugares que estudei... Grupo Escolar Getúlio Vargas e o Colégio Municipal Ruy Barbosa....

Edileide Evangelista – eu morava na casa do meu tio para estudar no Remanso Velho e era perto de lá... meu pai morava no interior chamado Reis... Quando o rio subia a gente passava pela Banca... voltando da escola... para não molhar os livros a gente passava com eles na cabeça.... lá ficava cheio de água...

Os Espaços reconhecíveis e figurativos como as praças e prédios públicos são descritos com uma importância fundamental, como espaços de identidade para quem habitou a antiga cidade. A Praça Machado de Assis e a Prefeitura do antigo município foram relatadas dentro da ideia de espaço público, coletivo e comunitário, sendo assim, lugares de memória constituídos por práticas diversificadas e ao mesmo tempo particulares. Ainda é necessário mencionar que esses espaços são percebidos dentro de um campo político, econômico, religioso e cultural, agregando significados que expressam parte do cotidiano vivido na cidade de Remanso Velho.

Adentrando ao cotidiano e as peculiaridades do espaço urbano do município de Remanso Velho, durante as entrevistas, corriqueiramente se mencionava os finais de semana na Rua Chile⁴¹, re/Construída na memória dos antigos moradores como lugar de lazer. Nesta rua estava localizado o *Bar do Quinquinha*, onde a grande atração era a Rádio de Poste Primavera. Os cidadãos utilizavam a rádio para diversos fins: mensagens de aniversário, anúncio de morte, as mencionadas “paqueras”, mensagem para familiares e amigos que iriam viajar, dedicar músicas para pessoas queridas, dentre outros.

Maria Caroá - (...) Quando era dia de domingo a gente tinha a diversão da gente... tinha as matinês a tarde a noite a gente ia pra missa... a missa dos jovens era de noite da missa descia todo mundo lá pro Capão de Baixo, pra rua Chile ((sorriu)) ia todo mundo passear na rua Chile... tinha o alto-falante... tinha o bar... Bar Primavera... ali tinha muita música, muito alô, muita dedicatória... ficava uma formigueiro humano de gente passeando de

⁴¹ Nos relatos orais foi esclarecido que este nome faz alusão a Rua Chile da cidade de Salvador, sendo esta a primeira rua do Brasil. Assim como na cidade de Salvador, em proporção muito menor, a Rua Chile em Remanso Velho era caracteristicamente agitada, lá ficavam localizados os bares da cidade.

lá pra cá... seus namorados abraçados, pegado na mão... quem tinha, quem não tinha ia com duas, três colegas... ia pra lá e pra cá ((sorriu)) era a coisa mais linda, eu nunca esqueci! Quando terminava o passeio, ficava até dez, dez e pouca da noite... porque a missa terminava cedo... todo mundo já descia logo pra rua Chile... saía lá da igreja e vinha pela Banca... aí ia passear... tinha o Bar Primavera, o bar do Epifânio, tinha o Bar do Pedrinho Régis... pra gente tomar picolé porque nesse tempo moça não bebia cerveja, não sentava em mesa pra tomar cerveja... sentava em mesa pra tomar um picolé, um sorvete... era isso... Não era só dia de domingo, tinha todos os domingos o passeio na Rua Chile.

Christóvam Lopes Régis Júnior - Em Remanso Velho tinha dois serviços de alto-falantes... Tinha o do Sarraiu, do cinema lá, e tinha o do Quinquinha, do Bar Primavera... Do Sarraiu era interessante porque ele tinha um locutor lá, o Juarez... quando era meio dia tinha uma música que ele colocava lá do Luiz Gonzaga, que tinha o jegue, né?! Ele dizia: “agora são mais ou menos, precisamente doze horas!” ((sorriu))... Isso era interessante... A do Quinquinha (...) a do Sarraiu lá era mais pra ele fazer os anúncios do cinema e anunciar também os comércios lá da cidade... já no Quinquinha... ele tinha serviço de recadinhos... o pessoal ficava mandando recadinhos () e anunciar os falecimentos da cidade...

O lugar de memória com foco, especialmente, na sua dimensão artística, foi relatado pelos entrevistados salientando às manifestações folclóricas que sempre aconteciam no antigo município de Remanso. O Reis de boi, o assustado, a levada de santo, as quadrilhas, marujada, o samba de velho, todas essas manifestações foram citadas durante as entrevistas. Elas compõem um fragmento importante da identidade cultural de Remanso. O folclore remansense estabelecido no antigo município é lembrado com respeito e saudosismo, o que levou a uma reconfiguração e adaptação para apresentações no novo município. O que se conclui pelos relatos é que as manifestações folclóricas/artísticas relacionadas à história de Remanso são entendidas de duas formas. A primeira na sua composição genuína e carregada de sentimento de pertencimento, que está intimamente ligado ao espaço e recorte histórico da cidade velha. É um lugar de memória que existe, mas não pode ser alcançado porque a relação dos moradores com o espaço construído, com as tradições e com os outros moradores foram fatalmente modificadas com a mudança. A segunda forma ocorre com a valorização das manifestações que acontecem na nova sede, porém são apreciadas com afastamento, numa relação maior como público que aprecia do eu como público que, também, se identifica, apesar de reconhecer nestas os traços da sua identidade. A interferência na cultura local pela mudança de sede é claramente observada neste tocante.

Izaulina e José Wilton - [José Wilton: tinha reisado, né mãe?!] [Izaulina: reisado, né?!... tinha reis, reis era bonito... reis era muito bonito. O reis era... a gente, a gente... quando dá de noite/vez que não era nem de noite, era de dia mesmo, de tarde assim a gente ia cantar o reis na praça, ia pra praça cantar o reis mais as mulher, mais as moças... e... ia homem também, ia

também... era qualquer roupa, o reis era muito bonito, era muito bonito (...).Só dançava lá, eu nunca dancei aqui não.

Cândido Albuquerque – Em Remanso velho as pessoas participavam efetivamente das manifestações culturais... a proximidade era clara lá...

A notícia da mudança é, sem dúvidas, um grande marco na memória dos moradores, ela sinaliza o surgimento de uma nova consciência local, a negação do lugar e a atribuição do “valor menor” a antiga cidade. Ela é o primeiro rabisco do tempo atravessado, uma interrupção imaginária do fluxo do tempo na identidade coletiva. Como enfatiza Candau (2016) “o ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações indenitárias”, nesse sentido a notícia se apresenta como um abalo no sentimento de identidade de um grupo com origem comum atrelada a um espaço. A propaganda da nova cidade, não apresenta apenas um novo espaço, vende uma nova história, uma nova origem, longe do atraso, longe da pobreza, longe da ignorância. Nesse processo observamos que a informação chegou diferente para os entrevistados, as reações e participação nesse processo divergem de acordo com a história de vida, bairro e “situação financeira”, também é elencada a participação dos governantes da época.

Adelaido Viana - Os administradores da cidade foram negligentes, eles compactuavam para convencer a população que a mudança seria a melhor alternativa. Faziam reuniões para mostrar vídeos e tentar convencer a população que o novo seria melhor para todo mundo.

Depois da entrevista o Sr. Adelaido fez uma publicação na sua rede social divulgando o vídeo que ele se referia (Figura)⁴².

⁴² Publicação disponível em: <https://www.facebook.com/100012028364751/videos/207578522986425/>

Figura 75 - Publicação do entrevistado Adelaido Viana sobre a notícia da implantação da Barragem de Sobradinho.



Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

Na mudança e adaptação na nova cidade surgem fragmentos enfáticos responsáveis pela construção simbólica da memória. Ao mesmo tempo em que havia em curso um processo de metamorfose para atribuição de “menos valor” à antiga cidade o sentimento de pertencimento a Remanso Velho foi aumentado. Em cada relato da memória sobre esse momento emerge memórias individuais, acontecimentos singulares associados ao nível de “memorabilidade”. A memória desse fragmento temporal é, também, uma relação material com o velho e novo. Existem as expectativas, a dor e a alegria, o momento é ambíguo, apresentado na ótica e individual e coletiva encontra sua lógica no processo de lembrar, esquecer e adaptar-se.

Cândido de Albuquerque – Houve primeiro um encontro com os prefeitos das cidades ((Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado))... Como prefeito... reuni os moradores no cinema da cidade para comunicar de fato sobre a mudança... Construiu-se Sobradinho em seguidas as cidades... Empregava-se preferencialmente nas construções os moradores de Remanso. Quando iniciamos o mandato não havia essa perspectiva da cidade desaparecer, ela surgiu aos seis meses de mandato... a notícia chegava aqui com o sentido até de piada...

Niolen Nascimento – Quando recebi a notícia da mudança eu tinha 18 anos... Eles montavam um palco e diziam:” vai ter filme!”... Enganavam muito a gente... Diziam que nesse lago ia ter peixe que não ia dá conta...Meu pai era oleiro, ele ficou desesperado quando soube dessa barragem... Ele se desesperou e foi embora para Brasília (...) acabaram com tudo, tudo que eles falaram não era verdade... o prefeito daquela época entregou a cidade pra eles...

Maria Lima - Minha filha... essa notícia da mudança ((tom de voz de lamento))... Você acredita que essa notícia da mudança pra mim/ quando veio... quando começou a fazer as pesquisas e tudo... eu até que não... Não maldei não... de jeito nenhum...

Maria Libório - quando chegamos aqui... estava ainda sem terminar, mas achei bom...diferente, achei bonita a cidade também, estava ainda sem acabar, mas... pra quem anda viajando em todo lugar se habita, se acostuma... é... depois que baixou o rio aqui não fui, fui não... eu só fui ali na:: ali cá na caixa d'água, estava ainda com muita água, agora depois que secou mesmo eu não fui não...

Francisca Oliveira - Nunca pensei em nada daqui, só mudei, sabe?!... Lembro que foi um dia de quinta-feira... Foi triste deixar a casa da gente. Lá em Remanso era muito melhor. Eu ficava lá na ilha, meu pai plantava. Era bom demais, eu tenho saudade daquela vida... os primeiros dias foi sofrimento... só de lixo..." A gente ainda ia fazer compra lá no Remanso Velho.

Edileide Evangelista - Meu pai foi o último a sair de lá. Eu me lembro do barulho da água "quebrando a caatinga", a gente na frente no carro da mudança e a água atrás. Tive medo.

Após análises dos recortes, das entrevistas, sobre a mudança e adaptação a nova sede, é notável que os relatos descrevam essencialmente o interior de um tempo íntimo, o tempo de acontecimentos que foram impostos aos moradores, levando a mutação do sentimento de origem que está atrelado a lugar e memória. São relatos, antes de tudo, que expressam um momento de impacto, positivo e/ou negativo, sobretudo de abalo identitário.

O gerenciamento e a modelagem dos sentimentos relacionados à mudança de Remanso Velho exerce um papel na constituição da memória e identidade dos cidadãos. A memória/identidade é expressão da história vivida. Com a observação da história podemos identificar os sinais de um "enfraquecimento da memória" do grupo e ao mesmo tempo o surgimento de memórias múltiplas e complexas.

A memória de uma origem comum e o sentimento de pertencimento à cidade que existia materialmente, e no imaginário, antes da notícia da mudança ainda é observada nas falas. Os sentimentos construídos ao longo do tempo oscilam entre pertencer à cidade antiga, e se orgulhar dessa origem, e valorizar o novo, se envergonhando do "atraso" da cidade antiga.

Após quarenta anos da mudança para nova sede a organização dos discursos relacionados à antiga cidade não é mais a mesma, o fato rememorado está sempre relacionado com o presente do entrevistado. A mudança e as novas conformações dos espaços da nova cidade parecem enfraquecer as grandes memórias organizadoras do laço social, o que implica no quase desaparecimento das manifestações culturais/folclóricas e da relação simbólica com

o rio, comuns na antiga sede. Esses acontecimentos representam um fragmento de tensão na história dos cidadãos, o que gera um transtorno social, a incerteza das suas identidades.

CAPÍTULO V – TARDE DA SAUDADE: MEMÓRIAS DA VELHA REMANSO; “FAIXA BÔNUS” DA PESQUISA.

As falas proferidas durante a realização das entrevistas constituíram um “material” rico. A cada informação os sentimentos e questionamentos surgiam, os relatos nostálgicos faziam brotar o sentimento de “ação”. Depois de ouvir sobre a saudade do reisado, da levada de santo, da marujada, das conversas nas calçadas, da rádio de poste, dentre outros, surgiu à ideia de promover o evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”. Neste capítulo, apresento as informações a cerca deste evento que compôs, gloriosamente, a presente pesquisa, e teve o objetivo de relembrar as ações culturais desenvolvidas em Remanso Velho, dinamizar o “espaço de memória” Museu do Sertão de Remanso e agradecer a todos que direta e indiretamente participaram e contribuíram com a pesquisa.

5.1 Surgimento da ideia

Durante as entrevistas a palavra recorrente era saudade. Alguns entrevistados não conseguiram conter as lágrimas ao lembrar-se da cidade que foi submersa. Dona Marisa Muniz - ouse dizer que uma das pessoas que mais externam a saudade da antiga cidade - durante a entrevista se emocionou ao relembrar os antigos hábitos da cidade:

“As conversas na calçada (Figura 76), o reis de boi, a levada de santo, o São Gonçalo (Figura 77)... tudo isso se fazia mais *lá*, sinto muita saudade” ((MUNIZ, Marisa: depoimento [out. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (2h: 03 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Uma Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Figura 76 – Mercê, D. Isabel e Antônio Januário de Moura, conversas na calçada em Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso – BA.

Figura 77 – Roda de São Gonçalo em Remanso Velho.



Fonte: Adelaido Viana, morador de Remanso – BA.

Memórias relacionadas às manifestações culturais em Remanso Velho foram salientes durante as entrevistas realizadas, como apresentado no capítulo anterior, porém a ideia de do evento se moldou como tal na finalização da entrevista de Marisa Muniz:

“um dos meus sonhos é reunir o pessoal de Remanso velho no Museu, sentar para relembrar as coisas de lá. Tenho muita vontade de ver isso, tem muita coisa lá de Remanso Velho, dá pra matar um pouco da saudade”((MUNIZ, Marisa: depoimento [out. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (2h: 03 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

A nostalgia dos entrevistados aumentava a curiosidade acerca das manifestações e o desejo de ter o poder de proporcionar um momento de “rememoração” aquelas pessoas que foram generosas ao me receber nas suas residências e partilharem suas memórias. Porém, realizar esse feito me parecia, a princípio, utópico.

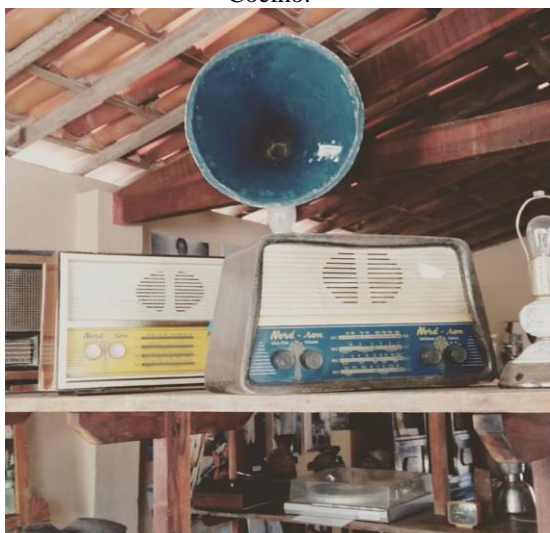
Após algumas entrevistas, consegui nomes de algumas pessoas que dançavam reisado em Remanso Velho e que ainda faziam algumas apresentações na cidade nova. Depois de fazer o levantamento sobre as práticas culturais que existiam na cidade velha e quais os moradores que ainda as praticavam surgiu à ideia de fazer o evento “Tarde da Saudade: Memória da Velha Remanso, um evento cujo público alvo foi os moradores saudosos da velha Remanso e as pessoas interessadas nas manifestações culturais local.

Ao entrar em contato com a primeira componente do grupo de dança folclórica a primeira resposta foi negativa, a justificativa era que as pessoas que dançavam estavam idosas e por conta da saúde dificilmente iriam dançar. Procurei outros moradores que ficaram

entusiasmados com a ideia do evento e assim aconteceram as visitas e os convites para que o grupo de moradores se apresentasse no evento.

Com a confirmação da presença dos moradores que iriam se apresentar e o interesse dos outros antigos moradores em ver as apresentações, se fez necessário pensar nos detalhes que poderiam proporcionar uma maior aproximação com os participantes. Partindo disto, fiz um levantamento sobre as comidas que eram servidas em reuniões e apresentações na cidade de Remanso Velho para que pudesse trazer mais esse “elo de memória” por meio do paladar. Ainda durante as entrevistas a “Difusora Primavera”, rádio de poste de Remanso Velho, foi muito citada como um ponto que aproximava as pessoas, que sentavam para ouvir as dedicatórias e músicas com familiares e amigos. Como existe um alto falante (Figura 78) remanescente da antiga cidade no Museu do Sertão Antônio Coelho, onde foi realizado o evento, um cenário para realização de um momento de dedicatória com mensagens e músicas, que costumavam tocar na antiga rádio de poste, foi pensando para compor o evento. Com a organização da estrutura básica do evento foram confeccionados convites (Figura 79) e distribuídos para pessoas que residiram na cidade de Remanso Velho, priorizando os entrevistados. Assim posso falar que a ideia do evento surgiu a partir dos relatos saudosos, alimentados pela a energia das pessoas interessadas e somadas à criatividade.

Figura 76 - Alto falante e antigos aparelhos de rádio remanescentes da cidade de Remanso Velho. Acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho.



Fonte: Registro da autora, 2016.

Figura 77 - Convite do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso” no Museu do Sertão Antônio Coelho.



Fonte: Imagem do vapor São Francisco de Lucíola Libório e arte de Gian Brasil.

5.2 Museu do Sertão Antônio Coelho: Acervo Marisa Muniz, a guardiã da memória.

O local onde foi realizado o evento é uma iniciativa de Dona Marisa Muniz (Figura 80) que, como costuma relatar, realizou o sonho de guardar um pedacinho de Remanso Velho ao “fazer nascer” o Museu do Sertão. Dona Marisa, utilizando as palavras dela, adquiriu os objetos estão em exposição no Museu comprando com seu “dinheirinho” e por meio de doações a fim de manter viva a memória da antiga cidade.

O Museu do Sertão Antônio Coelho: Acervo de Marisa Muniz foi criado em 2002 pela escritora remansense Marisa Muniz, como já mencionado, que homenageou seu padrinho e inspirador Sr. Antônio Coelho. O museu foi nomeado em primeira estância como Museu Art e Cultura com sede alugada localizada na Avenida Peltier de Queiroz. O Museu foi consolidando ao longo do tempo e ganhando apoio de outros remanses. Em 2004 foi doado, pelo Professor Alcides Ribeiro, 15 mil reais utilizados para adquirir o imóvel que passou a ser a sede permanente do já chamado Museu do sertão Antônio Coelho. No ano de 2007 foi criada a Associação de Amigos do Museu, que lhe conferiu natureza jurídica. Devido aos problemas na sua estrutura em 2015 a sede do museu foi reformada com financiamento da Secretaria de Assistência Social, antes da reforma o local não possuía banheiros, por exemplo, um fator negativo para receber visitantes e sediar eventos.

“Tenho que agradecer sempre ao Professor Alcides que me deu dinheiro para comprar essa casa e ainda manteve o museu por tempos com um salário que eu limpei, modifiquei o telhado, fiz *muro*, fiz piso e comprei muitos objetos... o acervo do museu... a maior parte dos objetos aqui foi comprado porque quem tinha pra jogar fora, já jogaram e quem guardou alguma coisa, guarda até hoje!... mas estou aqui dentro do museu, às vezes choro... as vezes eu tenho os meus momentos de alegria, as vezes eu tenho meu agradecimento a Deus...” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Figura 78 - Marisa Muniz em frente ao Museu do Sertão Antônio Coelho.



Fonte: Página oficial do Museu do Sertão Antônio Coelho na plataforma Facebook (<https://www.facebook.com/museu.dosertao>).

Durante a 8ª Semana Nacional de Museus (de 17 a 23 de maio de 2010) o Museu do Sertão Antônio Coelho promoveu o Colóquio sobre coronelismo e desarmonia social no auditório da Câmara de Vereadores de Remanso (Figura 81).

O Museu do Sertão Antônio Coelho foi um dos protagonistas do II Encontro Baiano de Museus⁴³ promovido pela Secretaria de Cultura do Estado, através da Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, nos dias 17, 18 e 19 de novembro do ano de 2010 na cidade de Salvador, o evento teve como tema “Inovação e Sustentabilidade” (Figura 82).

⁴³ Fala de Marisa Muniz sobre o Museu do Sertão Antônio Coelho disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=2857>

Figura 79 - Convite do evento Colóquio sobre coronelismo e desarmonia social no auditório da Câmara de Vereadores de Remanso - BA promovido pela direção do Museu do Sertão Antônio Coelho.



Fonte: Página oficial do Museu do Sertão Antônio Coelho na plataforma Facebook (<https://www.facebook.com/museu.dosertao>).

Figura 80 - Convite do evento “II Encontro de Museus”, 2010.



Fonte: Disponível em http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/2-encontro-baiano-de-museus. Acesso em janeiro de 2016.

Por meio do Edital 15/2013 – Setorial de Museus, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) o Museu do Sertão Antônio Coelho passou pela requalificação institucional, viabilizando a elaboração do Plano Museológico e projeto Museográfico pelos museólogos Simone Trindade e Aníbal Gondin. Após isso, a exposição “Memórias que emergem das águas” foi aberta ao público no dia 31 de março de 2016 (Figura 83).

Figura 81 - Convite da abertura da exposição “Memórias que emergem das águas” no Museu do Sertão Antônio Coelho, 2016.



Fonte: Página oficial do Museu do Sertão Antônio Coelho na plataforma Facebook (<https://www.facebook.com/museu.dosertao>).

Para apresentar mais intimamente a história e situação atual do Museu do Sertão Antônio Coelho, segue a baixo o relato de Marisa Muniz a idealizadora e realizadora desse espaço remansense, coletado dia 26 de novembro de 2016.

“Eu vi... eu senti o descaso dos remansenses com a velha Remanso... Quando eu falava em Remanso muita gente dizia: “que Remanso nada! Aqui que é terra... tem isso... tem aquilo”... Esquecendo que lá foi o nosso berço, que lá guarda as nossas origens. Então passou o tempo e eu fui com a ideia de manter essa lembrança... () como eu sou... aluguei uma casa por 100 reais e para manter a casa fui vender marmita... fui pedindo, comprando e as vezes pegando escondido das pessoas que eu tenho intimidade... Passaram-se dois, três anos em casa de aluguel, aí na Avenida Eunápio Peltier de Queiroz, e logo a dona me pediu a casa com muita insistência então eu tive que colocar tudo no *muro*⁴⁴ da minha residência... Foram dias horríveis de tristeza... de lágrimas... via tudo se acabando no sol e na chuva... Foi quando apareceu o Professor Alcides Ribeiro Filho, que é o diretor da UNIFAN⁴⁵, e sem eu pedir, sem chorar ou implorar, ele me deu um cheque de 15 mil reais para comprar uma sede para o Museu do Sertão. A alegria foi grande e a surpresa bem maior! Eu fui no Banco Bradesco e fiz uma conta no nome do museu... Foi a primeira conta do Museu do Sertão... Lá ficou o dinheiro e eu fui procurar uma casa. Eu não queria muito distante da minha por causa da minha idade e situação... Por sorte e agradeço a Deus, encontrei essa que fica próxima a minha residência... a dona me pediu dezenove mil reais, mas o dinheiro era quinze. Aí eu pensei e disse assim: “eu te dou doze!”... aí ela me disse: “eu te peço dezenove e a senhora vem me oferecer doze?”... Eu disse: “meu filho é dinheiro a vista!”... eu sei que acabou aceitando a proposta de doze mil... Eu tinha que ficar com um restinho de dinheiro para fazer a mudança e as modificações... Quando retirei o dinheiro paguei e fiquei com a casa. Não tinha muro, não tinha calçamento, não tinha nada... era só um vão. Aí entrei com unhas e dentes, recebi colaboração de alguns contraterrâneos que também me ajudaram, fui lutando e vencendo. No dia trinta e um de outubro de dois mil e oito entreguei a Remanso a sede do Museu do sertão Antônio Coelho. Hoje eu me sinto muito honrada e feliz por ter o nome do Antônio Coelho espalhado por todo o Brasil, porque ele já faz parte dos museus dessa nação. É muito orgulho, muito agradecimento a Deus e é muitas lágrimas também porque as dificuldades nunca se foram... continuam e eu estou lutando, mantendo e levando à frente o Museu do Sertão Antônio Coelho.” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Uma Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Mariza Muniz também fala acerca da sua luta atual para manter o Museu do Sertão Antônio Coelho de portas abertas e em boas condições para visitação:

⁴⁴ Refere-se a quintal.

⁴⁵ Faculdade Alfredo Nasser.

“O que deveria ser motivo de orgulho pra mim... nem tanto... nem tanto... principalmente porque as funcionárias daqui são mantidas pela a atual gestão da Secretaria de Assistência Social que está acabando... quem vai pagá-las? Quem vai segurar a vassoura do museu? Quem vai trazer “o limpo”? quem vai manter ele de portas abertas? ((choro)). O que era para ser de muita alegria para mim, é uma cruz... uma tristeza que eu carrego... Aqui está para os remansenses que amam sua terra a lembrança do bote, do filtro, da cama de solteiro, do penico que está lá embaixo, da modéstia, da simplicidade de uma terra que já se foi, dos anos que já se passaram... e são muitos... a modernidade chegou, está aqui, mas temos que lembrar das nossas dificuldades, temos que lembrar do nosso passado... temos que trazer a lembrança de tudo aquilo que fez parte do Remanso antigo... Hoje está aqui, no Museu do Sertão, uma história contada pela Marisa porque com meus 74 anos me sinto feliz em manter e lembrar essa história... Talvez pela presença do Museu, pela presença do seu acervo, mas mantenho a lembrança e esperança dentro do meu coração...” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

“2002... 2003...2004... quantos dois mil e tantos, enfim estamos em 2016... Quantos dias, quantos anos, quantos janeiros perdidos... eu até já me acostumei com as dificuldades, para mim já não é mais novidade... Tenho que comprar sabão, detergente, papel higiênico, pagar luz, pagar água, mantê-lo... como? Qual é a luz que eu tenho? Quem é que me ajuda? As pessoas visitam? Visitam! As vezes deixam, as vezes não. E assim o museu vai indo noite e dia, dia e noite, ano a ano percorrendo as estradas, os caminhos da vida...” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

“Estou com uma funcionária... tem duas, elas dividem o dinheiro, mas mantidas pela minha filha Maria Anália Macedo de Miranda... muito agradeço a Maria Anália, ela mora em Barreiras – BA mas está em Remanso a serviço... Foi em Maria Anália que eu encontrei um braço direito... as paredes estão limpas, a beleza dessa parede aqui... O santitÁrio! Eu pedi a Remanso, chorei, implorei a Remanso por um sanitário e não consegui! Maria Anália fez e fez bem feito ((sorriu))... “Ele” e “ela” e ainda colocou uma pia, torneira e filtro com água gelada... foi uma conquista, uma vitória para os meus dias de tristeza! Maria Anália, a quem eu agradeço de coração!” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Marisa Muniz falou sobre como os moradores da nova Remanso agem em relação ao trabalho desenvolvido no museu:

“Sinto uma dor profunda pelo descaso dos meus conterrâneos... o museu é reconhecido, lembrado e falado pelo povo distante, pelo povo de fora... por Remanso? São poucos os que reconhecem a missão do Museu do sertão. Gente! Aqui está nossa história! Aqui está a história dos nossos antepassados! Gente! Aqui está a nossa própria história! Tudo aqui é lembrança, tudo aqui é saudade! Por tanto, reconheçam o trabalho do Museu do Sertão... reconheçam a sobrevivência do Museu do Sertão, reconheçam as dificuldades do Museu do Sertão. Eu sou Marisa Muniz, esse meu nome vai ficar na história, tenho certeza, como ousada por manter, inaugurar, um trabalho como esse, que resgata a história dos remansenses. Eu cansei! Já pensei em baixar a cabeça, mas Deus Onipotente vai me dar força em quanto vida eu tiver. Já com os meus setenta e quatro anos de luta e labuta... há muitos anos com o Museu do Sertão nas minhas costas, mas ainda tenho que agradecer ao Alcides, a Maria Anália, aqueles que estiraram ou estiram a mão para o Museu do Sertão. Sei que estou por aí... quem vai ter o cuidado, o carinho que eu tenho com esse acervo? Quem? Mas enquanto vida eu tiver, estarei dando a minha última gota de sangue por este museu. As dificuldades são grandes, não resta dúvidas... água, luz, limpeza, detergente, papel higiênico... tudo, tudo isso precisa para o museu... e vem de onde? Da aposentadoria da Marisa, só! Às vezes as pessoas visitam e deixam ali qualquer coisa, mas muitos e muitos no momento não tem e assim eu vou passando... Que Nossa Senhora e Deus lancem o olhar sob esse trabalho que não foi um trabalho fácil...” (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Questionada sobre o que ela almeja para o Museu do Sertão Antônio Coelho, Mariza Muniz encerra o relato dizendo:

O que eu quero é manter o museu limpo, como ele está agora... as meninas que limpam aqui estão saindo ((choro)) quem vai pra vassoura? ((choro)) eu já não estou mais dormindo pensando... os ratos vão tomar conta, a sujeira vai tomar conta porque eu não posso mais limpar... quero que o poder público e os filhos de Remanso reconheçam esse trabalho que busca manter viva a nossa história, a história dos nossos antepassados ((choro)), a nossa própria história ((choro))... não aguento mais falar ((choro)) (MUNIZ, Marisa: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (34 min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Umas Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

Mesmo possuindo valor inestimável o Museu do Sertão Antônio Coelho passa por situações de instabilidade. O espaço, apesar das melhoras, ainda necessita de adequações para acondicionar adequadamente o acervo. Os relatos de D. Marisa Muniz revelam a preocupação

com o futuro do museu, mesmo senso considerado como bem do município pelo poder público do local, o museu recebe poucos investimentos para manter-se funcionando, falando, por vezes, o básico como água, energia elétrica e material de limpeza.

Aqui um pouco da história do Museu do Sertão Antônio Coelho teve espaço, também, para salientar seu valor patrimonial que transcende a materialidade, o espaço não acomoda apenas artefatos, ali uma gente, pouco conhecida, “revive” suas memórias mais felizes e chora a “morte” da antiga cidade, além de permitir que a História de Remanso Velho seja contada para outras pessoas, também, por meio da materialidade.

Aqui, meu agradecimento a Marisa Lúcia Santana Nascimento, conhecida como Marisa Muniz do museu, guardiã da memória de Remanso.

5.3 Realização do evento

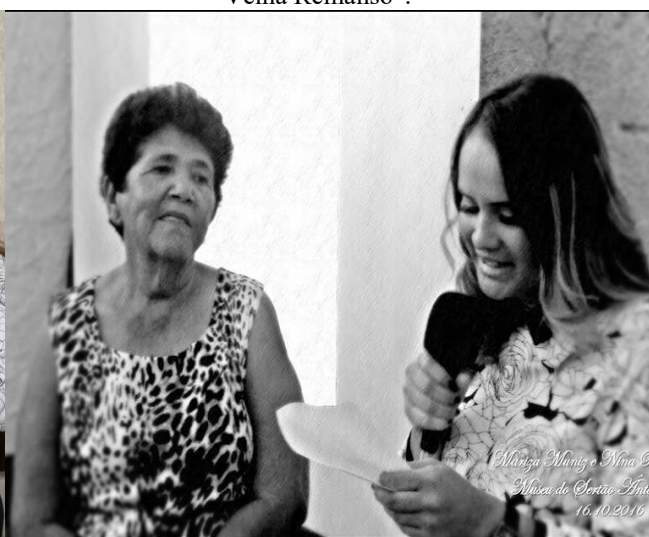
Por volta das 17 horas do dia 16 de outubro de 2016 foi dado início ao evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso” nas dependências do Museu do Sertão Antônio Coelho, acervo Marisa Muniz, na cidade de Remanso, Bahia. No primeiro momento do evento foi apresentado oralmente o que levou a realização do evento, assim como temas que envolvem Patrimônio, Arqueologia, Memória e Cultura da Cidade de Remanso (Figuras 84 e 85). O início também foi marcado pelos agradecimentos as pessoas que fizeram possível a realização do evento e posteriormente pela fala da Diretora e idealizadora do Museu do Sertão Antônio Coelho, Maria Muniz que falou sobre suas memórias da cidade velha e apresentou a história do Museu. Enquanto ocorriam as falas, imagens da cidade de Remanso Velho eram projetadas para que as pessoas presentes pudessem ver as fotos dos lugares que foram submersos, mas que fazem parte ainda do imaginário dos moradores de Remanso. Lúciola Castelo Branco (Figura 86), ex- primeira dama em Remanso Velho, também falou sobre suas memórias relacionadas à cidade e fez comentários positivos sobre o evento. É necessário salientar que a exposição ficou aberta durante todo evento para interação dos participantes com a cultura material da antiga cidade, esse ponto foi considerado muito satisfatório.

Figura 82 - abertura do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 83 - Marisa Muniz e Nina Rosa Ledoux na abertura do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”.



Fonte: Arqueóloga remansense Sarah Souza.

Figura 84 - Lúciola Castelo Branco no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”.



Fonte: Arqueóloga remansense Sarah Souza.

Após as falas foi dado início ao momento da “Difusora Primavera”. Este momento objetivou proporcionar a participação dos moradores presentes rememorando a rádio de poste da antiga cidade. Com ajuda de voluntários foi entregue aos moradores folhas em branco para que escrevessem uma dedicatória ou pedissem uma música (Figuras 87 e 88). Lembrando que os moradores mais idosos que não conseguiam escrever não foram prejudicados, duas voluntárias (Sarah Souza e Rafaela Ferreira) e eu escrevíamos os pedidos ditados para que também fossem atendidos. As mensagens foram lidas na “bancada” montada (Figuras 89 e 90) com alto falante antigo para representar a rádio de poste, pelo Professor remansense

Edywan Barbosa que sempre iniciava as mensagens com o bordão “Atenção, muita atenção povo de Remanso”, utilizado pelo locutor “Quinquinha” em Remanso Velho, segundo os relatos orais. O momento deu dinamismo para o evento, onde as pessoas participaram ativamente, pedindo música para um antigo vizinho, mandando mensagem de felicitações ou mesmo pedindo músicas para o “pessoal” dos antigos bairros que foram submersos como o “Capão de Baixo”.

Figura 85 - Participantes escrevendo as dedicatórias para serem lidas no momento “Difusora Primavera”, recriada no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Arqueóloga remansense Sarah Souza

Figura 86 - Momento “Difusora Primavera”, recriada no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



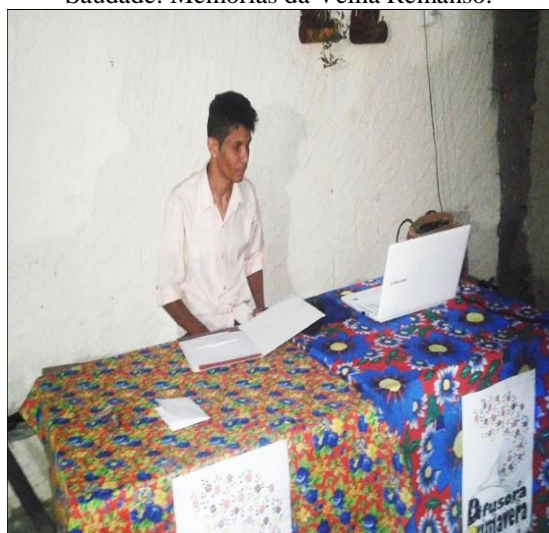
Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 87 - Momento recriação da “Difusora Primavera” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 88 - Edywan Barbosa na recriação da “Difusora Primavera” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Arqueóloga remansense Sarah Souza.

Após o momento da “Difusora Primavera” foram servidas algumas comidas típicas (Figuras 91 a 93) que, segundos os relatos orais, os moradores de Remanso Velho

costumavam oferecer em reuniões festivas: tapiocas, paçoca de carne seca, batata doce cozida, pomba de maroto (bolo frito de goma de mandioca), acompanhados de chá ou suco e pirulitos de mel. Esse momento foi nomeado como “lanche da saudade”, por se tratar de um momento de rememoração dos “sabores da velha Remanso”.

Figura 89 - Comidas típicas oferecidas no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 90 - Comidas típicas oferecidas no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 91 - Registro do momento “Lanche da Saudade” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Após servir o “lanche da saudade” começaram a organização dos participantes na área externa do Museu para as apresentações da Levada de Santo, São Gonçalo, Marujada e Reis de Boi. Essas apresentações eram comuns na antiga cidade, porém a transferência para a nova sede as práticas estão cada dia mais raras. Nos relatos orais algumas causas foram apontadas,

a primeira observada, durante a pesquisa, foi à perda de “conexão com o espaço”, isso se daria pela mudança da cidade velha para cidade nova, o cenário mudou, quase que repentinamente, deixando as pessoas afastadas das reuniões e manifestações comuns nos espaços da cidade velha. Outro motivo seria a falta de iniciativas que incentivem a cultura com caráter contínuo, algumas apresentações pontuadas de um grupo composto, na sua maioria, por idosos que já dançavam em na antiga cidade Remanso, acontecem, porém não existe, ainda, uma proposta de ação que busque sensibilizar as novas gerações para que haja inserção no meio cultural. Ainda existe a problemática que envolve a autoestima dos moradores, as memórias relacionadas à cidade antiga constituem um fragmento importante na identidade local, porém a imagem vendida e consumida por muitos moradores é que tudo relacionado à antiga cidade retrata o “atraso”, o passado doloroso que “morreu afogado” para dar espaço para o progresso, a memória que se constrói nesse cenário quebra a espontaneidade relacionada aos eventos culturais. Saliento, diante disto, a necessidade de promover e/ou incentivar a realização de eventos culturais que fazem a “manutenção” do sentimento de pertencimento utilizando tradições do passado para ratificar o presente.

Feitas as observações acima, é preciso falar que no momento das apresentações no evento Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso muitos moradores expressaram o sentimento de satisfação e orgulho. O espaço proporcionado foi como uma “Injeção de autoestima” nos participantes que se apresentaram e que assistiram as apresentações.

➤ **Levada de Santo**

A primeira apresentação feita foi a “Levada de Santo” (Figuras 94 a 96) esse momento proporcionou a participação de grande parte dos participantes do evento. Com velas acesas e ramos nas mãos caminharam em procissão acompanhando o Andor de São José pela Rua em frente ao Museu cantando. Essa prática era comum na cidade de Remanso Velho nas épocas de estiagem, o momento era oferecido a São José a fim de “pedir chuva” para a cidade.

Canto – Levada de Santo

Meu Divino São José
Aqui estou em vossos pés
Dai-me chuva com abundância
Meu Jesus de Nazaré
Quem quiser chuva na terra
Se apegue com São José
Ele é um Santo milagroso
Pela vossa santa fé.

Figura 92 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 93 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 94 - Registro do momento “Levada de Santo” no evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

➤ Marujada

A rua foi palco para segunda apresentação, a Marujada (Figuras 97 e 98). Os participantes do grupo folclórico se envolveram para fazer uma apresentação emocionante. A Marujada é uma festa folclórica em homenagem a São Benedito que é realizada nas primeiras segundas-feiras, após a Sexta-feira da Paixão (LIBÓRIO & XAVIER, 2014).

Muitos acompanhavam a Marujada vestidos de marujo, pagando a graça alcançada pela promessa feita ao santo africano, nessas promessas são em sua maioria de crianças e adolescentes, que também se trajam de marujo e descalços acompanhavam a Marujada. A exibição ligada a santidade católica era uma forma de mostrar cantos e

danças negras descriminadas pela população e uma maneira de participar da vida social da cidade ((LIBÓRIO & XAVIER, 2014, p. 19).

O livro *Acervo Cultural* (2014, p.17) construído com a colaboração de muitos moradores de Remanso, contém alguns relatos sobre a Marujada em Remanso Velho:

Moça, rapaz, casado, solteiro, nós brincávamos Marujada, dos alvorado, a noite toda, nós bebendo e comendo, no início a gente amanhecia o dia e o sol saía, cantando – alvorado, alvorado, alvorado sim senhor, alvorado capelas de flor, hoje é dia do nosso amor – aí, nós saía para as casas e cantava – saímos, saímos, saímos aqui agora, saiu p alvorado nesse instante, nesta hora – quando nós chegávamos nas casas nós cantávamos – cheguemos, cheguemos, cheguemos aqui agora, cheguemos o alvorado neste instante e nesta hora – a gente juntava era um bocado e moça e rapaz, era casado, solteiro, era quem fosse (ZILDA SANTOS, 2012).

No evento, “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”, as mulheres tomaram a cena na apresentação da Marujada. Cantando “ô marujo do mar, marinheiro sou. Eu também sou do mar, marinheiro sou” e tocando instrumentos o grupo de senhoras começaram a terceira apresentação do evento encantando os espectadores.

Figura 95 - Marujada no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso, 2016.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

Figura 96 - Marujada no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso, 2016.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

➤ São Gonçalo

A terceira apresentação do evento, e mais comum na cidade nova, foi a Roda de São Gonçalo. As rodas de São Gonçalo se apresentam como uma maneira original de festejar o santo, são dançadas para pagar graças recebidas por intercessão de São Gonçalo (LIBÓRIO & XAVIER, 2014). Na fala da moradora de Remanso Velho Terezinha Santos – Menininha – foi relatado como aconteciam as rodas de São Gonçalo na sua entrevista:

Olha... na realidade o São Gonçalo tem uma data específica, o dia dele é 10 de janeiro... eu não lembro qual a cidade daqui da Bahia que o

padroeiro é São Gonçalo... estou esquecida, mas São Gonçalo é assim... a pessoa que é *devoto* de São Gonçalo... se sente doente, ou alguém da família ou tiver algum problema, se apega com São Gonçalo. E se... São Gonçalo curar a doença daquela pessoa ou atender aquele pedido aí.. a pessoa que fez o pedido convida as pessoas que *dançam* o São Gonçalo em seu terreiro, no terreiro da sua casa e vai comemorar, pagar aquela promessa em rodas de São Gonçalo, é assim/ já tem os *dançadores*, só que lá no Remanso minha lembrança era essa: menino, se... se... nem podia chegar perto, até pelo preconceito que naquela época, no Remanso Velho, se tinha com criança, o ditado era esse: “menino, cachorro, fora!”... tinha esse ditado!/por isso existe a dança de São Gonçalo/São Gonçalo existe, tá lá no céu, como nós católicos reverenciamos... ele está lá no céu e quando a pessoa pede uma benção e é atendida por ele a pessoa vai fazer as rodas de São Gonçalo (SANTOS, Terezinha: depoimento [nov. 2016]. Entrevistadora: L. Nina Rosa. Remanso, 2016. 1 arquivo mp3 (52min.). Entrevista concedida ao Projeto Arquiteturas Sufragadas e Memórias Construídas: Uma Arqueologia da Memória na Remanso Submersa, BA.).

A dança ocorre a partir de duas fileiras compostas por homens e por mulheres que dançam diante do altar de São Gonçalo (Figura 99) segurando arcos adornados com fitas e/ou flores (Figuras 100 e 101).

Figura 97 - Altar de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 98 - Apresentação da Roda de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Christóvam Lopes Régis Júnior, 2016.

Figura 99 - Roda de São Gonçalo no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier, 2016.

➤ Reis de boi

A quarta apresentação foi a dos reis de boi (Figuras 102 e 103), comum na cidade de Remanso Velho, que mistura dança e teatro. No livro *Acervo Cultural*, também, explica a história que envolve a apresentação do reis de boi:

A história que envolve a dança e a seguinte: um rico fazendeiro possui um boi muito bonito, que inclusive sabe dançar. Pai Chico, um trabalhador da fazenda, rouba o boi para satisfazer sua mulher Catarina, que está grávida e sente uma forte vontade de comer a língua do boi. O fazendeiro manda seus empregados procurarem o boi e quando o encontram ele está doente. Os pajés curam a doença do boi e descobrem a real intenção do Pai Chico, o fazendeiro o perdoa e celebra a saúde do boi com uma grande festa (LIBÓRIO & XAVIER, 2014, p. 25).

Figura 100 - Reis de boi no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

Figura 101 - Reis de boi no evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

➤ Samba de *veio*.

Para finalizar o evento o grupo de dança presenteou a todos com uma roda de samba (Figuras 104 e 105). Essa hora contou com a participação de pessoas que estavam assistindo todas as apresentações.

O samba de veio trata-se de uma tradição secular, é uma das mais antigas e originais manifestações da cultura ribeirinha e é fruto da mistura de ritmos dos índios e negros quilombolas (LIBÓRIO & XAVIER, 2014).

O samba de velho foi como “a cereja do bolo” no evento “Tarde da Saudade”: memórias da velha Remanso, a espontaneidade do grupo em propor esse momento acentuou mais o saldo positivo do evento. Para os que se fizeram presentes era claro o envolvimento dos componentes do grupo com as manifestações culturais e, mais que isso, a felicidade de estar vivendo aquele momento.

Para ilustrar esse momento citarei a fala de Hilda Santos (2012) sobre o samba de veio, presente no livro “Acervo Cultural” (2014, p 23):

A gente *bate* samba de veio, canta batucada, aquela *toada*, depois da *toada* canta aqueles versos e aquele samba, tocando o tambor e aí elas dançando dando *umbigada* umas comas outras e *ai cai tudo dentro*, aquelas que não sabem dançar, sapateia, *arruma o pé no chão*, faz aquela roda ali. Outras que sabem dar *umbigada* não vão lá com vergonha de dançar, porque o samba, a pessoa que sabe entra, sapateia e dá *umbigada* pras outras e as que não *sabe* fazem aquela roda.

Figura 102 - Samba de *Velho*, finalização do evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

Figura 103 - Samba de *Veio*, finalização do evento “Tarde da Saudade”: Memórias da Velha Remanso.



Fonte: Moradora de Remanso Marinalva Xavier.

5.4 Impressões e resultados: Evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”.

Uma vez terminado o evento “Tarde as Saudade: Memórias da Velha Remanso” apresento de seguida um conjunto de elementos que, em jeito de conclusão, se revelam oportunos sinalizar. Desde logo, é importante destacar a abrangência e a mobilização conseguida pelo evento que superou as expectativas iniciais. O número de pessoas que participaram, contando com as assinaturas na Ata do Museu (em anexo), além das pessoas que entraram no Museu, mas não assinaram e as que só participaram das apresentações na área externa do Museu, demonstra uma adesão que ultrapassou o esperado, tendo em consideração a “novidade” associada ao evento e o pouco tempo para divulgação.

Outro aspecto que deve ser realçado diz respeito ao fato de ter recebido pedidos para que sejam realizados outros eventos desse tipo, o que espelha uma boa capacidade de abrangência da iniciativa e, simultaneamente, o potencial de atratividade da cidade de Remanso.

De um ponto de vista mais qualitativo, é importante destacar a diversidade de ideias que surgiram e podem surgir a partir desta ação, dando margem para implementação de um calendário cultural na cidade. Além disso, possível reunir um grupo de pessoas, composto não só os entrevistados, que responderam positivamente aos objetivos do evento o que podemos

inferir que existem um amplo interesse e mais pessoas podem vir a participar de eventos que tratem da memória e cultura da Velha Remanso.

Por fim, cabe ainda referir que o evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso” não marcou apenas o fechamento de um ciclo de pesquisa, ele foi um marco na memória das pessoas que participaram e abriu precedente para que outros eventos sejam realizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar, as considerações, relatando a experiência de desenvolver um trabalho num contexto traumático pelo viés da Arqueologia da Memória. Posso relatar que à medida que fazia as perguntas via sorrisos se abrindo, lágrimas rolando e olhares de esforço para lembrar. Gente que falou de maneira séria, gente que fez piada, que escutava pouco, que não conseguia mais escrever, gente que se esforçou para escrever, gente que se despediu como quem se despede de uma velha conhecida. Não se sai de uma pesquisa assim do jeito que entrou as memórias também são minhas agora, as memórias que ouvi, as memórias que construí e o pouco que levei de cada um. Um relato de perda, a felicidade de ter água encanada, a tristeza de ver os seus mortos submersos junto com a casa da infância, mexer com memória não é tão simples. É preciso ouvir sem influenciar, é preciso deixar se influenciar para entender e é completamente inútil tentar “se distanciar”, como é aconselhado em algumas bibliografias. A memória tem poder transformador, nela está à vitalidade da humanidade e diante disto posso ousar a dizer que a pesquisa arqueológica realizada em contexto onde se pode utilizar a memória, como fonte, e a negligência, não constrói muito conhecimento sobre “as coisas”, ou como gostamos de chamar sobre a cultura material, por que os protagonistas não foram ouvidos. Não se conta nada sobre o íntimo da “casa” se nada diz sobre o “morador”.

Esta pesquisa possibilitou entender “a casa” e o “morador” que teve que abandoná-la. De forma mais clara, os quatro momentos propostos para se fazer a análise da construção da memória da cidade de Remanso velho foram contemplados esclarecidos em todos os relatos ouvidos para esta pesquisa. As informações possibilitaram muito mais que o entendimento do evento que marcou a história e memória dos moradores da cidade de Remanso, nos permitiu saber como as pessoas se sentiram, não a partir de fatos engessados aptos para interpretação, mas como histórias de vida que permitiram a aproximação dos protagonistas com as pessoas que não viveram o momento.

O núcleo da pesquisa foi sedimentado na análise de momentos temporais distintos, é certo dizer que “fragmentar” foi necessário para fazer as análises. Primeiro entendemos através dos relatos que existe uma Remanso no imaginário anterior a notícia da criação do Lago de Sobradinho. Esse local é um “lugar de memória” que diz respeito à origem. Nesse local, no primeiro momento, se descreve com ilustrações positivas, momento temporal digno de atribuição de valor e referência identitária.

Posteriormente os relatos apontam para o momento do recebimento da notícia da mudança. Fica clara a mudança no cotidiano dos cidadãos e o nascimento da negação do

valor da antiga cidade. Isso pode ser explicado pela propaganda negativa e investimento para construção de uma memória negativa, feita pelo sistema de poder regente na época. As pessoas, antes disso, não se interrogaram acerca da estrutura e funcionamento do município, já que não tinha sido instaurada a ideia de “cidade antiga” e “atrasada”. Para conseguir submergir a cidade inteira, nas águas do Rio São Francisco, e vender o discurso do progresso, foi preciso prejudicar diretamente a autoestima dos ribeirinhos.

O momento de mudança para a outra sede e adaptação também é um fragmento da memória analisado nesta pesquisa. É nesse momento temporal que nasce o sentimento da dualidade. Ao chegar à nova sede e perceber a discrepância entre o apresentado e o real, as pessoas começam a questionar esse “lugar de origem secundário”. As reações são as mais variáveis, alegria por pela casa nova e água encanada, por exemplo, e a tristeza em deixar o local que nasceu e se construiu culturalmente.

Analisando os relatos sobre as impressões atuais, observei que o sentimento de pertencimento oscila. Assim como a origem foi modificada e a atribuição de valor a cidade antiga também, os relatos, numa ótica atual, se apresentam bifurcados. O sentimento de saudade é utilizado para falar sobre a Remanso do primeiro momento, anterior a notícia, onde as tradições e os laços de origem se mantinham intactos. Contrapondo a aceitação da nova origem, justificando com o discurso de progresso, que fora implantado no local desde a década de 1970.

Então, neste contexto quais os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva de Remanso-BA? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Depois, é preciso entender que alteração da ordem, de destruição cultural ou de perturbação de um suposto equilíbrio social, compõe um quadro de memória que implica na identidade do grupo, e essa identidade “unitária” se transformou de acordo com os acontecimentos. Porém, é comum que os grupos, em geral, se modifiquem ao longo de sua existência, é importante estudos que sinalizem as implicações sociais da mudança. Candau (2016) fala sobre a necessidade da sociedades em refazer o passado em alguns momentos, essa necessidade pode ser saciada porque o passado é modelável, assim como futuro. No caso do contexto de Remanso, a remodelação foi imposta, e depois a população tratou de passar pelo processo de adaptação. O momento de negação até o momento de aceitação também pode ser percebido nos relatos coletados para esta pesquisa.

O cenário atual expõe uma população nostálgica e desestimulada, e apresento alguns fatos podem sinalizar o desestímulo, consequente do enfraquecimento da memória. O primeiro

observado, durante a pesquisa inicial, foi à perda de “conexão com o espaço”, isso se daria pela mudança da cidade velha para cidade nova, o cenário mudou, quase que repentinamente, deixando as pessoas afastadas das reuniões e manifestações comuns nos espaços da cidade velha. Também podemos citar a problemática atual da falta de iniciativas que tentem fomentar as ações tradicionais da Remanso Velha e empoderar a memória, precisamos ter em mente que a necessidade de recordar é genuína, esse ato nos ajusta enquanto seres sociais, os resultados obtidos a partir do Evento Tarde da Saudade: memórias da Velha Remanso corroboram o acolhimento das iniciativas que tratem das memórias da antiga cidade de Remanso pelos moradores do atual município.

No trabalho de pesquisa aqui apresentado procuro tratar a mudança social como um fenômeno atrelado à construção da memória, e essa como fonte da ciência arqueológica. Os indivíduos, os grupos, em geral, se modificam ao longo de sua existência, e saliento que as pesquisas no âmbito da arqueologia podem verificar tais mudanças por meio das fontes da arqueologia histórica e entendendo a construção da memória. Alcançar a história e identidade a partir das narrativas dos moradores da antiga Remanso, não apenas reafirma o poder e a vitalidade de grupos sociais marginalizados ou excluídos dos centros de tomada de decisão, mas, também, contribui para que não se reproduzam discursos que distorcem e perturbam a memória do passado. Neste sentido, entender os significados da memória dos moradores da antiga Remanso, que em grande medida foi influenciados de forma incisiva a “transformar” seu passado, é abrir um caminho para compreender também a afirmação do seu futuro, em seus próprios termos. A memória não se limita a se relacionar com a morte, ela é o reviver do que já esteve e a certeza que permanecerá.

Para finalizar e utilizando “a chamada” da Rádio Primavera de Remanso Velho, queria deixar minha singela homenagem a Dona Ismênia, Dona Libório, Dona Izaulina e José Wilton:

“Atenção, muita atenção, povo de Remanso! Ismêmia, Libório, Izaulina e Zé Wilton partiram deixando muita saudade!”

Descansem em paz!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação getúlio Vargas, 1990.
- ANDRADE, Simone P.; SANTOS, Joaquim M. dos. **Sobradinho: espelho d'água e imagens de cidade**. Ecologia de Homens e Mulheres do semi-árido. Paulo Afonso: Fonte Viva. 2005. p. 147-156.
- ARISTÓTELES. **Da memória e da reminiscência**. Harvard University Press, Cambridge, Mass.1986.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 601p.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARICHELO, E. M. M. R. A **construção da visibilidade institucional pela mídia**. In: SILVEIRA, A. C. M. et al. Comunicação Midiática. Santa Maria – RS: Editora da FACOS – UFSM, 2002.
- BEAR, M.F.; CONNORS, Barry W. e PARADISO, Michael; “Neuroscience: Exploring the Brain” in: Memory Systems. Londres: Lipincott, Williams & Wilkins, 1996, pp. 514- 545.
- BARTHE, Stela Gláucia Alves. **VESTÍGIOS DO ART DÉCO NA CIDADE DO RECIFE (1919-1961): abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife – PE. 2015.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese**. UFSC. v. 2, n. 1, 2005, p. 68-80. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/search/resul ts>>. Acesso em: 26 maio 2016.
- BONI, Marcela. **História Oral temática: particularidades Metodológicas**. Janeiro de 2013.
- BORGES, J. L. **Otras inquisiciones**. Buenos Aires, Emece. 1960.
- BUNGART NETO, P. **O olhar proustiano de Augusto Meyer: memória como reinvenção**. Interletras (Dourados), v. 6-7, p. 10, 2008.
- BUNGART NETO, P.; PINHEIRO, A.S. (Org.). **"Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória"**. 1. ed. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012. v. 1. 226p.
- BRANCO, Lúcia L. C. **Remanso: Recordando minha terra**. [S.I]. [s.n]. p. il.12.1977.
- BRANCO, Lúcia Libório Castelo. **Remanso... uma cidade centenária que nem tempo conseguiu apagar sua história**. Salvador: EGBA, 2011.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto (3º ed.), 2016.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CASTELLANO, C. **La memoria**. Roma, Editori Reuniti, 1987.
- CASTRO, V. M. C. . **O uso do conceito de Identidade na Arqueologia**. CLIO. Série Arqueológica (UFPE) , v. 1, p. 170-188, 2008.
- COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO-CHESF. **Projeto Sobradinho Estudo de localização da Nova Sede do Município de Remanso HE 179-R3-0873**. São Paulo. 1973. p.il.171.
- CHAUÍ, Marilena. **Os Trabalhos da Memória** in: BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. São Paulo: EDUSP. 1987.
- CHAPOUTHIER, Georges. **Registros evolutivos. Viver Mente & Cérebro: Memória**. n.2, p. 8-13, jul. 2006. Ed. Especial.

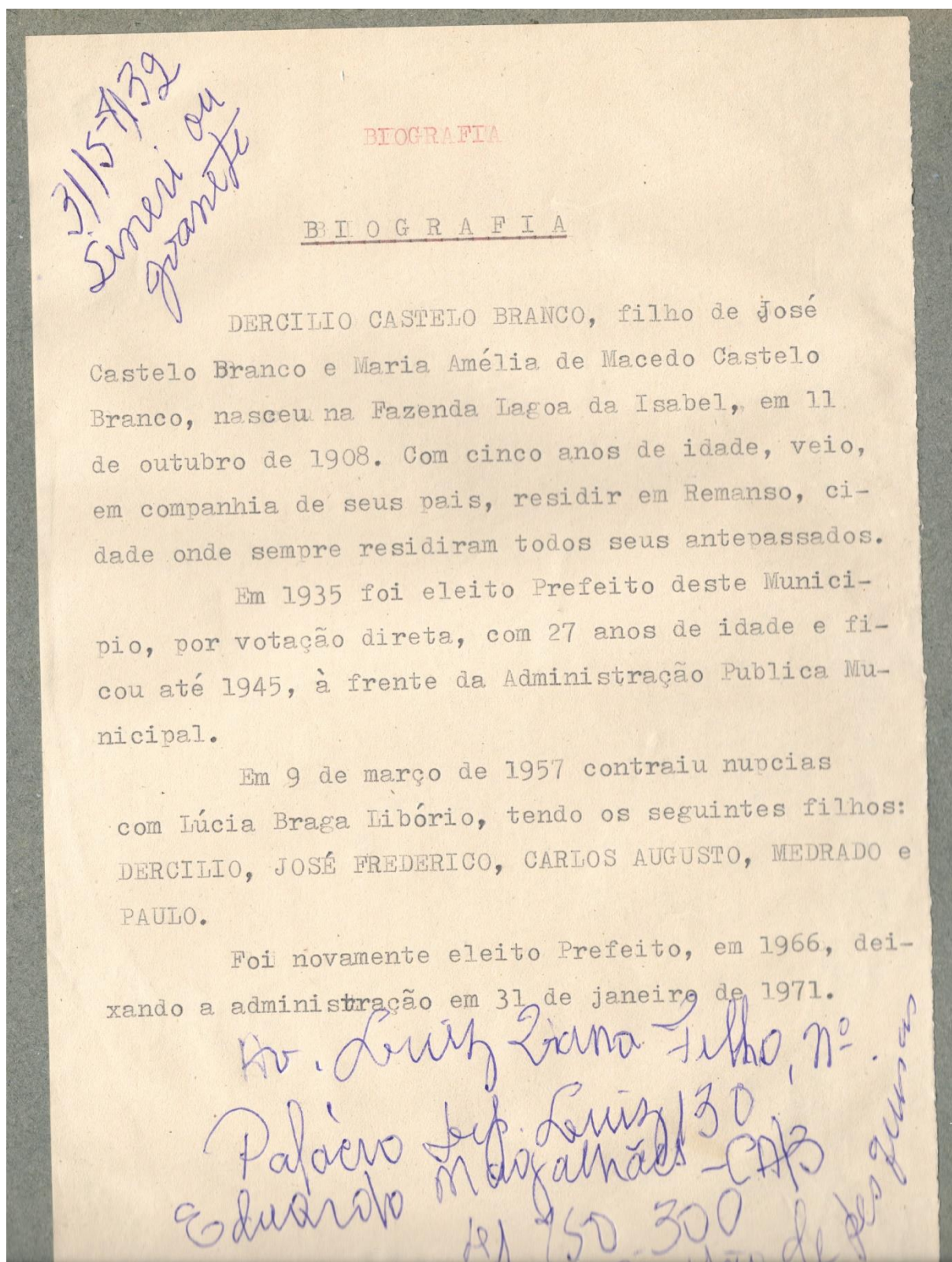
- DE FREITAS, Sônia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. Editora Humanitas, 2006.
- DELGADO, Lucilia de A. Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DINIZ, Nathalia M. Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado das ribeiras do Norte**. São Paulo, 2013.
- DYKE, R. M. V; ALCOCK, S.E. **Archaeologies of Memory: An Introduction**. Cowley Road, Oxford. 2003.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FIGUEIREDO, Maria Beatriz Braga: **Viajando com o passado pela história de Remanso**, 2002.
- FLETCHER, R. **The Messages of Material Behaviour: a Preliminary Discussion of Non-verbal Meaning**. *The Meaning of the Things* .(ed.) I Hodder, pp. 33-39. Harper Collings. 1989.
- FRANÇOIS, E. **A fecundidade da história oral**. Paris (4):33-42, junho 1987. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: 8ª ed, p.304, 2006 .
- FUNARI, P. P. A. **O amadurecimento de uma arqueologia Histórica Mundial**. Revista de História, São Paulo, n 135, p. 163-168, dez 1996.
- _____, P. P. A. **A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial**. In: Zarankin, Andrés; Senatore, María Ximena (orgs.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas**. Buenos Aires, Edicionesdel Tridente, 2002, p. 107-116.
- _____, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____, P. P. A. **Teoria e Arqueologia Histórica: a América Latina e o mundo**. In: **Vestígios – Revista Latino Americana de Arqueologia**, ISSN 1981- 5875, 2007.
- _____, P. P. A. **Arqueologia e patrimônio**. Erechim, RS: Habilis, 2007.
- FIGUEIRÊDO, Maria B. B. **Viajando com o PAS pela história de Remanso**. Juazeiro:. UNEB/DCH III.2004. p. il. 115
- GANDARA,G.S. **Pilão Arcado e Remanso : patrimônios que dormitam**. **Labor & Engenho**, Campinas [Brasil], v.8, n.3, p.05---18, 2014.
- GASPAR, M. D.. **História da Construção da Arqueologia Histórica Brasileira**. In: **Vestígios - Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 13, p.269-301, 2003.
- GHENO, D.A; MACHADO, N.T.G. **Arqueologia Histórica- Abordagens. História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 58, p. 161-183, 2013. Editora UFPR.
- GONDAR, J. **Memória individual, memória coletiva, memória social**. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13**, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOULART, J. A. **O ciclo do couro no Nordeste**. Ministério da Agricultura, 1996.
- GRAHAME, M. **The House of Pompeii: Space and Social Interacion**. Tesis de doctorado, Faculty of Arts, Departamento f Archaeology, Southampton University. Gran Bretaña, 1995.
- GREEN, J. D. **The hippocampus**. *Physiol. Rev.*, 44: 561-608.1964.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed. Universidade Cândido Mendes; Museu de Arte Moderna: 2000.
- IZQUIERDO, I. **Memórias**. Revista Estudos Avançados, Vol.3 no.6. São Paulo, 1989.

- JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.
- JOHNSON, Matthew. **Teoria Arqueológica: Uma Introdução**. 1.º edição. Editorial Ariel, S. A.: junho 2000.
- JONES, A. **Memory and Material Culture**. Cambridge University Press, 2007.
- JOUTARD, Philippe. **História Oral: Balaço da Metodologia e da produção nos últimos 25 anos**. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62.
- KESSEL, Carlos. ESTILO, DISCURSO, PODER: ARQUITETURA NEOCOLONIAL NO BRASIL. HISTÓRIA SOCIAL. Campinas – SP. 1999.
- LAKATOS, E. M ; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LEONE, M. **The New Mormon Temple in Washington D,c. Historical Archeology and the Importance of Material Things**. (ed.) L. Ferguson. Special Publication Series (2): 43-61. Society for Historical Archaeology, Arizona, 1977.
- _____. **Interpreting Ideology in Historical Archaeology: the William Paca Garden in Annapolis, Maryland**. *Ideology, Power and Prehistory*. (eds.) D. Miller e C. Tilley. PP. 25-35. Cambridge University Press. Cambridge, 1984.
- KESTERING, Celito. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho - BA**. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. 2007. 298 p.
- LIMA, Tânia Andrade. **Arqueologia histórica: algumas considerações teóricas**. In: Clio- – Série Arqueológica- Revista do Mestrado de História, Recife, (5): 87-99, 1989.
- LIMA, T. A. **Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 28, n2, p. 7-23, 2002.
- MAB. A Organização do Movimento dos Atingidos por Barragem. Coletivo de Educação. Edição 1ª - Brasília-DF: Janeiro de 2005. Caderno Pedagógico.
- MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- _____. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Org.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduep, 2003, p. 11-25.
- _____. **A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise**. Marília: UNESP, 2008.
- MARKUS, T. **Buildings and Power; Freedom and Control in the Origin of Modern Buildings Types**. Blackwell, Oxford. 1993^a.
- _____. **Buildings as social objects**. Companion to Contemporary Architectural Thought. Editado por B. Farmer e H. Louw, pp. 15:30. Routledge, Londres, 1993b.
- MARTIN, G. **Pré-história do Nordeste**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1996.
- MARTINS, José de Souza. **Uma arqueologia da memória social: autobiografia de um moleque de fábrica**. Cotia: Ateliê, 2011.
- MARSHALL, J. C. 1988. Sensation and semantics. *Nature*, 334: 378.
- MEIHY, J. C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996/2005.
- MEIHY, J.C. S. **História Oral no Brasil: Desenvolvimento e Desafios**. A revisão História Oral. 26,2 (verão-outono 1999): p.127.
- MELLO, Janaina Cardoso de; SANTOS, Ricardo da Silva. **Memória e Identidade Alagoana, a oralidade na constituição do Patrimônio Cultural do estado**. SAECALUM - Revista de História [18]; João Pessoa, jan/ jun. 2008.
- MENDES, E. S. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (Dissertação). Salvador, 2010.
- MESKELL, L. **“Archaeologies of Identify”**. Combridge, 2001.

- MINAYO, M.C.S.(org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MONKS, G. **Achitectual Simbolism and Non-verbal communication at Upp**. Er Fort Garry. Historical Archaeology, 26 (2): 37-57. 1992.
- MOTA, Fernanda Gomes da. **Tropeiros de São Lourenço do Piauí**. – São Raimundo Nonato, PI: UNIVASF, 2014.
- MUNIZ, Mariza. **Remanso pedaço de um chão**. Juazeiro: Gutenberg. 2000. p. il.166.
- NAJJAR, Rosana. **Arqueologia histórica: manual**. Brasília: IPHAN, 2005.
- NORA, P. **Mémoire collective em J Le Goff R Chartier e J Revel** (Org.). Paris: La nouvelle hiss vé Retz, 1978.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista do programa de estudos de Pós-graduação em História do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n.10, p.7-28, 1993.
- NORA, Pierre. **Le lieux de mémoire**. 7 vol. Paris: Quarto Gallimard, 1997.
- PARKER, M; PEARSON, C. R. **Architecture and Order. Aproaches to Social Space**. Routledge, Londres, 1995.
- PEIXOTO, Tatiana da Cunha. **OS MANDARINS DO SERTÃO: Os criadores de gado do São Francisco 1650-1750**.2006. 129 p. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais.
- PINHEIRO, Karol Jarryer de Jesus. **O Uso e transformação do espaço urbano: um estudo arqueológico da cidade de Remanso velho, BA**. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2010.
- POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- Projeto Ponto de Cultura Zabelê FM, Acervo Cultural. Remanso – Bahia. 2014.
- Projeto GCUCA – Colhendo ideias com as mãos – Remanso -2010.
- PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.
- OLIVEIRA, L. D. de; SYMANSKI, L.C. de. **Arqueologia Histórica no Sul do Brasil: um breve panorama**. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 259-261. Jan/jun. 1999.
- ORSER, C. E. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.
- ORSER, Charles E. **Introducciohn a la Arqueologia Histórica**. Buenos Aires: Asociaciohn Amigos del Instituto Nacional de antropologia, 2000.
- ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Coord.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. Prof. M. B. da Costa Freitas. Lisboa, 2001.
- SANTOS, J. F. **Do Fausto às Ruínas : subsídios para exploração arqueológica no engenho Ilha- Laranjeiras/ SE**. (Trabalho de Conclusão de Curso) São Cristóvão, 2003.
- SANTOS, Severino F. dos. **Remanso passado e presente**. Salvador: Secretária da cultura e turismo. 2005.171 p. il.
- SMOLKA, A. L. B. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Revista Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, 2000.
- SOUZA, Mariana Jantsch. **A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade**. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014.
- SOUZA, Sara Oliveira de. **ATRIBUTOS CONSERVADOS E MODIFICADOS NOS CEMITÉRIOS DE REMANSO – BA**. São Raimundo Nonato/PI. Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2016.
- SILVEIRA, A. C. M. **O arqueio das identidades pela indústria cultural**. In: SILVEIRA, A. C. M. et al. Comunicação e Sociabilidades. Santa Maria – RS: Editora da FACOS –UFSM, 2001.

- SOUZA, O. **FANTASIA DE BRASIL: As identificações na busca da identidade nacional**. São Paulo: Escuta: 1994.
- SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. **A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais**. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 23, p. 59-76, mar 1996.
- _____, Luis Cláudio Pereira. **ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO BRASIL: Uma revisão dos últimos vinte anos**. Ed. Annablume/Arcevo, 2009.
- TOURTUER-BONAZZI, Chantal de. **Arquivos: propostas metodológicas**. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- TRIGGER, Bruce G. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Tool and sign in the development of the child**. IN: *The collected works of L. S. Vygotsky*. New York: Kluwer Academic/ Plenum Press, 1999. 01-68.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. da Silva. **Sistemas Construídos e Memória Social: Uma arqueologia urbana?** Revista de Arqueologia, (ed. 2), p. 46-50. Belém, 1984.
- ZANETTINI, P. E. **Maloqueiros e seus palácios de barro: O cotidiano doméstico na casa bandeirista**. Tese (Doutorado em Arqueologia), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista**. São Paulo: UNICAMP, 2002. (tese de doutorado).
- _____, Andrés; SALERNO, Melisa A. **EL SUR POR EL SUR: Uma revisión sobre la historia y el desarrollo de la arqueología histórica en América Meridional**. Revista Vestígios, Vol. 1, 2007.
- _____, **“A persistência da Memória”... Histórias não-lineares de arqueólogos e fofoqueiros na Antártica**. Revista de Arqueologia, Vol 27, 2014.

Anexo 1 – Documentação do Ex Prefeito de Remanso Velho, Dércilo Castelo Branco do acervo pessoal da sua esposa Lúcia Libório.



Em 26 de julho de 1936 foi empossado
Prefeito.

Suas realizações:

Em 2 de outubro de 1938 inaugurou
luz elétrica, em substituição a iluminação
feita a querosene.

Construiu e inaugurou o primeiro
pavilhão do Grupo Escolar Getúlio Vargas,
em 1940.

Fez o primeiro mercado municipal,
cais, coreto no centro da Praça Duque de
Caxias, cercou toda a cidade .

Em 1945, depois de ter dirigido
o Município 9 anos , deixou a Prefeitura.

Prece feita por Dercílio Castelo Branco, Ex-Prefeito, no dia 31 de outubro de 1975, última festa de Nossa Senhora do Rosário.

Senhor, estamos diante de Vós para apresentar-Vos, tudo que fizemos e tudo que deixamos de fazer, durante toda nossa vida administrativa, à frente deste Município.

Queremos reviver nossos antepassados, fundadores do ARRAIAL DE NOSSA SENHORA, os quais enfrentando as lutas, com vitórias e derrotas, transmitiram a nós a responsabilidade de dirigir, por longos anos, o destino de nosso povo.

Procuramos sanar os ressentimentos, as incompreensões, os ódios, restituindo a paz, segurança e confiança a todos.

Ao alvorecer de minha vida, com apenas 27 anos de idade, fui escolhido para governar esta terra, o que fiz com o coração cheio de boa fé, coragem e esperança, de superar as dificuldades, que não foram poucas.

Desnecessário se faz, enumerar as nossas humildes realizações, porque estão aos olhos de todos, sobretudo, Daquele que vê até os nossos pensamentos.

Quando a força impulsora do progresso destruir tudo que conseguimos construir, com grande sacrifício, e que, desejava que ficasse para marcar nossa passagem na história administrativa desta terra, dai-nos força, Virgem do Rosário, para ver no sacrifício, o alvorecer de melhores dias para o povo.

Resta-nos apenas, a satisfação do dever cumprido, dando tudo que recebi, ao seu legítimo dono- o povo.

Para Remanso, que é parte integrante de minha vida, peço que este mar de lágrimas, brotadas pela saudade que irá deixar no coração de seus filhos, transforme-se em dias de paz, alegria e progresso para todos.

Rezemos ao Senhor.

DE 7 DE ABRIL DE 1967 A 31 DE JANEIRO DE 1971.

REALIZAÇÕES:

- 1- Praça Duque de Caxias
- 2- Mercado Municipal
- 3- Agência Municipal de Estatística
- 4- Junta de Alistamento Militar
- 5- Salão Nobre do Colégio Municipal Ruy Barbosa
- 6- Pavimentação dos seguintes logradouros da cidade:
Praça da Igreja, rua Cons^o Luiz Viana, Aurelino Leal, Santos Dumont, Quinze de Novembro, Joaquim Távora, parte da rua Cons^o Dantas, e sete travessas.
- 7- Barragem da Boa Esperança
- 8- " do Granito
- 9- Foram abertos 7 poços tubulares e 4 equipados
- 10- Mais de 500 km de estradas foram abertos.
- 11- Grupo Escolar Cel. José Castelo Branco
- 12- Grupo Escolar de Marcos
- 13- Convênio com a FSESP para o tratamento do serviço de água.

Anexo 2 – Termo de cessão de direitos sobre o depoimento oral.**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE O DEPOIMENTO ORAL À UFS – UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE**

1. Pelo presente documento, _____ com número de RG _____ e CPF _____, residente e domiciliado em _____, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à UFS. A totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral que é transcrito no protocolo de entrevistas prestadas no dia __/__/2016, na cidade de Remanso – BA, perante a pesquisadora Nina Rosa Pereira Ledoux.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário original do depoimento deste termo, terá indefinidamente o direito de exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois a UFS plenamente autorizada a utilizar o referido no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo os seus direitos a terceiros no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em duas vias de igual teor e para um só fim.

Remanso - BA, __/__/__

Entrevistado (a): _____

Entrevistadora: _____

Anexo 3 – Entrevistas apresentadas separadas em “eixos convergentes” durante as falas dos entrevistados.

MEMÓRIAS RELACIONADAS AO RIO.

Cândido Albuquerque - A infância foi muito boa na beira do Rio. A gente aprendia a nada sem auxílio dos pais, que estavam nos seus afazeres. A gente usava salva-vidas feitos de caboças. Não tinha água encanada, a água usada era a do Rio. Hoje o Rio está longe da gente. A nossa infância em Remanso Velho foi intimamente ligada com o Rio (...) a chegada dos vapores era um acontecimento, eles traziam as novidades... Era bonito... Espetacular a chegada dos vapores que traziam mercadorias... Levavam também.

Niolene Nascimento - O Rio era nosso palco cultural. A gente tomava banho, “*tirava pulo de tigelinha*” de dia e de noite. Tinha muitas plantações nas ilhas, agricultura familiar. Tinha muita fartura(...) a chegada do vapor era nossa diversão... A gente perguntava: “Sr. Zé Lima, que dia o vapor vai chegar?” ((sorriu))... quando vapor chegava era aquela alegria... Tinha a *Barca Cobal*... Era um tipo de supermercado... a gente juntava dinheiro para fazer compras quando a *Cobal* chegava... Ela era dividida entre cosméticos e comidas...

Veraneide, Izaulina e José Wilton - [Veraneide: o que a senhora fazia no Remanso Velho pra criar seus filhos? Conta para Nina] [Izaulina: meus filhos?] [Veraneide: vendia o que lá no mercado?] [Izaulina: eu:: eu vendia... muita coisa lá] [Veraneide: a senhora vendia buchada?] [Izaulina: não! Vendia não, buchada eu não vendia não] [Veraneide: vendia manga?] [Izaulina: vendia!] [Veraneide: onde a senhora ia comprar as mangas pra vender? Conta aí a Nina] [Izaulina: na beira do *rio*, com:: com o velho Severino, o velho Severino chegava com as mangas, a gente avançava tudo pra:: pra comprar logo ((sorriu)) e:: era *umas poucas* de mulher, *umas poucas* de mulher avançando pra comprar e eu era de umas que avançava ((gargalhou)) pra comprar, era... queria comprar as mangas pra dar meus filhos e aí (...)] [Veraneide: quem vendia as mangas pra senhora? Seus filhos iam vender?] [Izaulina: i::iam] [Veraneide: na rua, não era?] [Izaulina: ia vender na rua, este aí mesmo ia ((apontou para o filho José Wilton)) este aí mesmo ia] [José Wilton: (...) ia também, vendia manga, banana, goiaba...]

Carlos Ribeiro - A cidade e o rio se confundiam tudo acontecia ali... Vapores traziam e levavam pessoas e mercadorias... Tinham os barcos menores... os pacotes dos moradores de Remanso mesmo...

Noêmia de Souza - Tinha o rio de cima que ficava perto da igreja, quando secava ia pra coroa... meu pai tinha uma ilha que chamava Ilha do Souza, a gente atravessava o rio de cima pra ir pra lá... Lá era onde a gente brincava lá... Criança só vivia dentro do rio...

Ângela e Claudemira – [Ângela: a gente vivia no rio... nossa vida era lá minha filha] [Claudemira: tinha as plantações nas ilhas... a gente plantava tudo... a terra era boa... dava de tudo lá].

Maria Libório - O rio era pertinho, *nós* íamos lavar roupa na beira do rio, pegava água... e aqui ficou *desterrado* da beira do rio, se não for de carro, não vai... Vai de pé também, que eu tenho ido/dizer que é longe é... Eu ia assim... Na prainha, aqui no Remanso Novo... pra lá eu nunca fui de *a pé* não que é muito longe ((sorriu))... Lá quando a gente queria banhar no rio, banhava a vontade...era pertinho, era... tinha muita fartura naquele tempo, tinha as ilhas que dava de tudo... era o feijão verde, era batata, era abóbora, melancia, tinha o milho verde...

tinha de tudo, né?! Tinha aquele feijão que povo chama de arrancar () de arranca, né?! Eu *mesmo* arranquei um bocado!

Maria Caroá: Ô, *mermã!* Chega ficava de olho vermelho de banhar, de bater água... atravessava o rio... ia pro outro lado pra chupar melancia... lá::: onde tinha ilha do outro lado... quando rio estava seco, né?! Eles plantavam a vazão de cá, nós caia dentro d'água e “*tchum!*” pra chupar melancia () enxugava e voltava *de novo*. Eu pegava, nem que *seja* pra lavar três panos no rio pra eu poder banhar, eu era louca pra banhar no rio! E carregar água na cabeça?! Aqui... nós aqui *estamos* no céu, tem água encanada, mas lá era tudo na cabeça...(Figura 71) Nós *apanhava* ((no sentido de pegar)) pra vender pros ricos que não tinha... botava cinco seis lata na casa dessa aqui, cinco seis lata na sua... pra ganhar dinheiro.. tudo isso nós *fazíamos* em Remanso Velho!

Figura 104 - Meninas com lata d'água na cabeça em Remanso Velho.



Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

Christóvam Lopes Régis Júnior - Lá em Remanso Velho... sempre trabalhei... comecei a trabalhar com trezes anos no banco do Brasil... treze anos e dez meses, era o período que eles contratavam menor aprendiz... saía de casa, antes de ir pro colégio, quando eu saía do banco... gostava de ir no rio, dava um mergulho lá... antes disso.. a gente forçou muito a barra pra aprender a nadar lá... minha mãe e meu pai não deixavam a gente ir pra beira do rio... a gente ia escondido... as vezes se jogava com a roupa que estava e dizia que era os meninos que tinham empurrado ((sorriu))... Lá, em remanso Velho, o rio ficava praticamente dentro da cidade... tinha muita fartura, tinha as vazantes do rio, as coisas tudo em conta, tudo natural, nada com veneno. Em Remanso Velho era difícil ver uma pessoa morrer de câncer, a gente chamava lá era doença de rico! Aqui tá banal, é só o que você ver. Por que? É tudo envenenado! Lá você amanhecia o dia e dizia assim... ou bem de *tardezinha* você dizia assim: ouxe, eu vou tomar um banho no rio e esperar os meninos das canoas... quando você via era aquele monte de canoa, era melancia, era o melão, o beiju, a tapioca fresca, era o milho verde, abóbora... tudo! A macaxeira, a batata doce... tudo natural! Eles faziam era dar a gente, de manhãzinha no mercado () você levava cinco mil reis naquele tempo você trazia muita coisa...

Maria Magalhães – Era muito bonito ver os vapores... Lembro do Benjamim e do são Francisco... era bonito de ver lá no são Francisco... o povo viaja de Vapor... ia para Pirapora...

Carmelita Alves - Eu morava no Capão de Baixo, pro rio era lon::ge... era longe! O mais perto, onde eu morei, pro rio – não era pro rio grande – era o Capão de Cima, porque tinha um riacho que passava... corria assim de *fora a fora*, ali era onde as canoas *passava*, as lavadeiras lavava roupa, *panhava* água pra tudo... era lá, mas o rio mesmo do vapor, era longe! *panhava* água na cabeça, dessa *lonjura* pra colocar nos botes de beber... na cabeça... Morei perto do rio quando morava na Ilha, na Ilha era perto! A gente plantava tudo lá, vivia de roça... de plantar a mandioca, o feijão, o melão, a abóbora, a melancia, tudo! Plantava milho... Plantava e vendia em Remanso Velho no mercado, no Mercado Municipal, todo mundo das ilhas ia vender lá... Tinha muitos vapores também... quando os vapores chegavam corria era muita gente pra assistir... uns cinco vapores grandes... grandão... de três andares.

Adelaido Viana – Em Remanso Velho o rio era uma grande atração... lembro que quando chegavam os vapores todo mundo ia pro Cais ver... eu escutava o apito de longe...

Marisa Muniz – O rio era a nossa vida! Como era bonito ver os vapores chegar... a gente vivia porque o rio alimentava a gente...

Maria Wilma - Nos vapores vinham os passageiros, vinham de Pirapora... outros traziam cargas, eu cansava de ir com meu pai meia noite.. Os vapores ficavam num lugar chamado Angari em Remanso Velho, era um lugar muito fundo... aí chegava, meu pai recebia as malas que vinham de Minas... a gente pega as malas e vinha embora... Lá era bom demais! Quando era a noite mesmo, tinha aquela areinha branquinha – parece que estou vendo, fecho os olhos e vejo – na frente da casa, era todo mundo conhecido... então quando era de noite todo mundo dormia no terreiro, a lua clara com o dia e logo na frente era o rio.

Edileide Evangelista – a gente sempre brincava no rio... lembro pouco dos vapores, mas lembro que tinha e muita gente gostava de ir ver...

Francisca Oliveira - Eu não brinquei muito no rio porque mamãe era muito medrosa... toda vida tive muito medo do rio. As vezes mamãe mandava eu ir lavar roupa, mas eu só vinha se fosse com uma pessoa maior... minha mãe dizia assim: não é pra banhar no rio não! Só entrava no rio mesmo pra lavar os panos. Mamãe já viu o nego d'água, as presas eram enroladas... a coisa mais feia... Lembro dos vapores... o vapor era bem grande... quando ele chegava dava aquela *buzinada*... a gente saía e ia pra lá só pra ver os vapores... Parece que o maior vapor era o São Francisco... eu lembro desses três, Barão de Cotegipe, Benjamim e São Francisco. Uma vez morreu um rapaz, um tripulante... quando saiu o enterro o vapor começou a apitar... aquele apito tão lindo, chega a gente chorava... esses vapores quando chegava tinha gente que chorava...

Terezinha Santos - Eu mesma, eu nasci... no capão de cima. E.. e... Tinha o rio que era o rio que a gente chamava rio largo que era que passava os vapores as barcas grandes, as embarcações grandes... os vapores. Mas *tinha* os córrego e dentro de um desses tinha o rio de cima . o rio de cima (Figura 72) é um rio muito atrativo, ele desaguava numas ilhas que.. não tinha fim...No rio de cima a gente pegava água – era bem próximo mesmo do Capão de cima por isso que era rio de cima – No rio de cima se pescava, *se* tomava banho a hora que bem queria, lavava roupa... Era água corrente, era água corrente, por isso que se fazia tudo isso, lavava roupa, tomava banho, pegava água pra... “ da *labuta*”, como a gente chamava (...) casa, tinha animais, ia lá dá banho nos seus animais e... eu vi assim, que era assim, um rio saudável, não era um rio poluído, porque no meu conhecimento se tomava banho a qualquer hora, ninguém adoecia... como hoje que é assim.. aquela coisa de “*não pisa aí não, é contaminado*”, não! A gente ficava a vontade, até pegar os barcos *alheios* se os donos

deixassem lá com os remos e a gente que era... pouco mesmo *traquino*, a gente pegava mesmo sem a ordem dos donos, ia remar e nadar.. a gente ficava mesmo *a vontade*, era um divertimento pra gente, muito, muito gostoso, muito bom. É... quem sabia nadar muito até atravessava pra *tirar pulo* dos “*pés de árvores*” que tinha do outro lado. Eu tinha um irmão que ele ainda jovem, ele dava um mergulho do lado de cá e saía do outro lado, muitas vezes eu chorava... “meu irmão morreu”, cadê meu irmão?”, quando ele saía do outro lado os (...) diziam “hó o nego d’água ali, ô nego sem vergonha!”, era muito bom, muito bom... o rio era a área de lazer... peixe se pescava pra comer e ninguém adoecia, muito gostoso, muito bom! Eu mesma sinto muita saudade de lá! (...)lá tinha o “intrude” no primeiro dia de carnaval, as pessoas se reunia/aqueles grupos de pessoa amiga se reunia e ia no rio enchia as latas d’água, as pessoas que vinham eles derramavam água... bonito era quando a pessoa se zangava aí era que era água mesmo na pessoa ((sorriu)).o carnaval também tinha relação com o rio, e muita! O rio era perto, água a vontade ((sorriu)).

Figura 105 - Figura 64 - "Rio de Cima" em Remanso Velho, década de 1970.



Fonte: Disponível na rede social (<https://www.facebook.com/profile.php?id=100012028364751>) de Adelaido Viana, morador de Remanso Velho - BA.

MEMÓRIAS RELACIONADAS AOS LOCAIS CONSTRUÍDOS E TRADIÇÕES

Izaulina e José Wilton - [José Wiltom: tinha reisado, né mãe?!] [Izaulina: reisado, né?!... tinha reis, reis era bonito... reis era muito bonito. O reis era... a gente, a gente... quando dá de noite/vez que não era nem de noite, era de dia mesmo, de tarde assim a gente ia cantar o reis na praça, ia pra praça cantar o reis mais as mulher, mais as moças... e... ia homem também, ia também... era qualquer roupa, o reis era muito bonito, era muito bonito (...)Só dançava lá, eu nunca dancei aqui não.

Marisa Muniz – O lugar que marcou muito foi o capão... Praça Machado de Assis... um local que eu não posso esquecer é a Matriz... a igreja matriz... onde fui batizada, onde fiz a primeira comunhão, né?! Em destaque assim... a capelinha do Capão... Lá tinha o Remanso e o Capão e eram ligados por uma banca de areia... entendeu?! Eu trabalhei muito pela construção da capelinha do Capão... fazia os dramas ((apresentações teatrais)), feira chique, terno, reis de boi... muita coisa para arrecadar dinheiro para a construção da capelinha (...) tinha o colégio Ruy Barbosa que ficava no Capão... era quase em frente a minha casa...

Christóvam Lopes Régis Júnior - Em Remanso Velho tinha dois serviços de alto-falantes... Tinha o do Sarraiu, do cinema lá, e tinha o do Quinquinha, do Bar Primavera... Do Sarraiu era interessante porque ele tinha um locutor lá, o Juarez... quando era meio dia tinha uma música que ele colocava lá do Luiz Gonzaga, que tinha o jegue, né?! Ele dizia: “agora são mais ou menos, precisamente doze horas!” ((sorriu))... Isso era interessante... A do Quinquinha (...) a do Sarraiu lá era mais pra ele fazer os anúncios do cinema e anunciar também os comércios lá da cidade... já no Quinquinha... ele tinha serviço de recadinhos... o pessoal ficava mandando recadinhos () e anunciar os falecimentos da cidade... Na questão das danças culturais... não me lembro assim muito bem se era só na época das festividades porque tem... quadrilha... as quadrilhas faziam parte da normalidade... você tinha a época do São João e faziam... Já as outras eu não lembro se eram tão normais assim... Você tinha os reisados, tinha os ternos de vez enquanto, mas não era todo ano... Pelo o que eu lembro assim... as vezes as escolas faziam... eu lembro que tinha competição entre as escolas de lá pra ver quem apresentava a melhor quadrilha... Nas escolas tinha sempre apresentação de São Gonçalo... aqui na cidade nova desapareceu, a maioria dessas danças desapareceram na cidade nova... o ponto de cultura da Rádio Zabelê tentou reativar... tem apresentações quando o pessoal convida... o pessoal da Menininha com o reisado... terno... tem o samba de roda... samba de roda eu não lembro muito bem em Remanso Velho, mas acho que tinha...

Cândido Albuquerque – Em Remanso velho as pessoas participavam efetivamente das manifestações culturais... a proximidade era clara lá... As visitas eram culturais.. colocavam a cadeira na porta... as pessoas até pagavam as visitas. Por exemplo, se você me visitava hoje, outro dia eu ia até sua casa fazer uma visita para pagar.

Calos Ribeiro – Mudei com minha família para Remanso Velho em 1941, a gente veio de São João... no Piauí... A gente vinha por umas estradas que passava pela Serra da Capivara (...) em Remanso algumas personalidades foram marcantes... Professor Joel Andrade... era um intelectual negro... tinha a Dona Mariinha dos Pretinho que também era professora... os músicos da cidade... A Banda de música Municipal (Figura 73)(...) nos desfiles de 7 de setembro de Remanso Velho... eles vestiam uma roupa mais formal (...) Muitos eventos da cidade eram realizados no coreto... o ambiente da igreja era mais participativo... lembro dos sermões do Padre Heitor... se ele sabia que alguém tinha feito alguma coisa errada ele falava no meio dos sermões ((sorriu))... dia de primeira eucaristia era movimentado... evento importante na cidade!

Maria Caroá - Tinha um passeio muito bonito, minha senhora... Chama Rua Chile, a rua da Primavera... era assim () lá era uma avenida, a gente ficava no passeio do Capão de Baixo até a esquina da Banca e atravessava pra o centro do Remanso onde tinha o Bar da Hora, do Sarraiu, era outro passeio... aí ficava aquele pessoal com a suas namoradas, quem não tinha... passeava... Chamava-se Rua Chile, aí tinha a Rádio da Primavera, aí começava a passar a musiquinha... “fulano de tal”...Quando eu vinha mesmo do colégio, M.L.A.O vai viajar amanhã, vai partir pra outro estado... e começava a passar música, aí já sabia que era eu que ia embora no outro dia porque... era aquele passeio... olha, quando era sábado, era coisa mais... você não via briga, não via confusão não via nada! Esse bar da Primavera era do Quinquinha Teixeira... Era tão bonito () você tá aqui com nós e fosse viajar, quando chegava lá eu botava música e “arrastava o pau”, todo mundo sabia que você ia viajar, pra não citar seu nome, a gente colocava só as iniciais... Era bonito demais no Remanso! Eu vou comparar a diversão que nós tinha, nossa liberdade, a gente brincava sossegado sem confusão, sem briga... Nós dançava reis de bois, nós dançava marujo, nós dançava samba... samba de velho que chama... Era assim, quando tinha reza, sabe?! Tinha festejo – hoje aqui que o povo não reza mais – tenha terço nove dias, naquele último dia fazia o marujo e samba de velho que a gente chama e reis de boi que hoje aqui não tem, porque lá em Remanso os donos morreram tudo! Era muito bonito! Tinha o boi, a mulinha () tinha todo bicho, aquela Catirinha, a mulinha de

ouro, tinha tudo! Aqui só quem faz ainda () é aquela professora, como é o nome dela? A menininha! Ela ainda faz... mas no Remanso Velho era lindo! Três pessoas que tinha, era bonito... quando *tava* terminando que juntava os três reis de boi, era bonito demais lá em Remanso! ... São Gonçalo também tinha, sempre teve! Já fiz, já paguei!

Edileide Evangelista – Eu e lembro muito do SAAE e o hospital... eu morava na casa do meu tio para estudar no Remanso Velho e era perto de lá... meu pai morava no interior chamado Reis... Quando o rio subia a gente passava pela Banca... voltando da escola... para não molhar os livros a gente passava com eles na cabeça.... lá ficava cheio de água...

Niolene Nascimento – Eu estudei no Remanso Velho... no Grupo Escolar Getúlio Vargas... brincava muito com os amigos de lá... a gente brincava muito de polícia e ladrão...a gente cantava assim: “Soldado do exército não usa cinturão... só usa gorro branco e camisa de algodão” ((sorriu))... Lá a energia era de motor... nove horas dava o primeiro sinal.... aí a gente já sabia que ia apagar (...) Tinha também a levada de santo... a gente pega o santo escondido, enfeitava o andor e colocava num lugar distante.... Dona Felipa que tirava os benditos de São José lá(...) tinha opção de passear na Rua Chile... o Bar Primavera e a rádio do Quinquinha que a gente mandava os recadinhos... Quando estava muito parado a gente fazia os assustados... era assim, a dona da casa não sabia que a gente ia fazer festinha... agente chegava lá com o rádio de pilha para dançar no susto ((sorriu)) por isso que era assustad (...) tinha coisas lá que era muito mais bonitas que aqui... a igreja e a prefeitura eram mais bonitas...

Maria Magalhães – Lá no Remanso Velho tinham dois lugares... O Capão e o Remanso... eu morava no Capão de Baixo... tive dezoito filhos tudo lá... ia na igreja católica lá... aqui eu me converti, mas lá eu ia na católica... Tinha muita música... a gente fazia drama nos barzinhos com os colegas... eu me casei com o Tozinho... ele era músico no Remanso Velho... tocava violão... sanfona... eu pensei que não ia mais sair de festa depois que casei com músico... mas nada! Foi diferente...

Maria Lima - Eu lembro que lá acontecia... Tinha folclore, tinha reis de boi, tinha terno... Tinha penitentes na quaresma... Coisas que eu me lembro de ter terno, reis de boi, levada de santo, São Gonçalo... Eu sinto muita diferença, aqui não tem o que tinha lá... Aqui não tem mais penitente, não tem mais reis de boi... tem assim o que a Menininha faz, mas não é como era antigamente... Antigamente começava seis de até trinta de janeiro, às vezes ia até seis de fevereiro, todos os dias... só se não achasse uma casa pra chamar... eles saíam nas casas oferecendo: quer um reis hoje aqui? Você precisa ter um dinheiro pra... assim... cantar o reis... o reis que a gente diz é o...a... o primeiro batido de abrir a porta... Canta ali “ô de casa, ô de fora” até abrir a porta, abriu a porta... aí vai dançar o boi... o boi dança até um tanto ali aí os vaqueiros matam o boi... aí os vaqueiros vão tirar a língua do boi pra dá o dono da casa... ele vem com o pano assim... que é a língua do boi, mas é vermelho... aqui é de toda cor, mas lá no Remanso Velho era vermelho. Aí entrega ali... o dono da casa, quando vai pegar... ele amarra o dinheiro na ponta da linguado boi... pra entregar pro dono.... depois do boi dançava a mulinha... do mesmo jeito! Só que a mulinha não mata... aí eles cantam assim “joga o lenço, mula!”... aí a mula joga o lenço, o dono pega e é outro dinheirinho...na ponta do lenço... aí vem o babau, a mesma coisa... o babau é a mesma coisa... diz “joga o lenço, babau!”... ele joga o lenço... torna colocar um dinheirinho... antigamente só fazia quem tinha dinheiro pra colocar e quem não tinha...não iam dançar na casa da pessoa que não tinha... porque eles iam dançar era pra isso mesmo. Muita gente queria, mas não tinha condições de fazer... Aí tinha uma bebidazinha, um cafezinho com um bolinho, alguma coisa... Fiz muita paçoca pisada no pilão... Pois é, no Remanso tinha era essas coisas assim... tinha festa dia de domingo, domingo de tarde tinha as festas que a gente chamava de matinê, domingo de tarde... nas

casas assim de família... aquelas casas grandes, que tinham uma sala grande assim... Era uma festinha boa... a gente dançava até dizer chega... tanto era de sanfona como era de sax... Tinha zabumba, pandeiro triângulo...era isso... tinha as procissões do coração de Jesus, Nossa Senhora... Todo santo, todo mês... antes muito... tinha essas procissões... depois foi diminuindo, diminuindo e só ficou a da Nossa Senhora do Rosário... ainda hoje tem... dia trinta de outubro... Acontecia na igreja grande... na capela do Capão de Baixo era só a festa da sagrada família... Que era o nome da igreja. A igreja do Remanso Velho era mais bonita... bem grandona!... essa aí... as laterais da igreja do Remanso velho é o tanto que cabe nessa daí... o corpo da igreja lá, menina... você já viu nas fotos?! Não dá pra ver direito porque quando foram tirar ela já estava demolindo... Eu não gosto nem de falar... gosto nem de lembrar... Por Deus!... Frei Henrique dizia assim... em Remanso, tinham colocado o nome de remanso e em remansos ela ia se acabar... a cidade lá ia se acabar em remanso... como de fato... não virou rio?! Se acabou em remanso... ele disse que a igreja ia virar cama de peixe, mas mais tarde ia secar... mais tarde com o tempo ia secar que ia abrir cacimba aonde era o canal do vapor pra quem tivesse vivo beber água... Foi essa a história que escutei meu pai contar... ele carregou as pedras pra construir a igreja (...) Quando era dia de domingo a gente tinha a diversão da gente... tinham as matinês a tarde a noite a gente ia pra missa... a missa dos jovens era de noite da missa descia todo mundo lá pro Capão de Baixo, pra rua Chile ((sorriu)) ia todo mundo passear na rua Chile... tinha o alto-falante... tinha o bar... Bar Primavera... ali tinha muita música, muito alô, muita dedicatória... ficava uma formigueiro humano de gente passeando de lá pra cá... seus namorados abraçados, pegado na mão... quem tinha, quem não tinha ia com duas, três colegas... ia pra lá e pra cá ((sorriu)) era a coisa mais linda, eu nunca esqueci! Quando terminava o passeio, ficava até dez, dez e pouca da noite... porque a missa terminava cedo... todo mundo já descia logo pra rua Chile... saía lá da igreja e vinha pela Banca... aí ia passear... tinha o Bar Primavera, o bar do Epifânio, tinha o Bar do Pedrinho Régis... pra gente tomar picolé porque nesse tempo moça não bebia cerveja, não sentava em mesa pra tomar cerveja... sentava em mesa pra tomar um picolé, um sorvete... era isso... Não era só dia de domingo, tinha todos os domingos o passeio na rua Chile.

Noêmia Souza - Eu morava no Capão do Meio, era perto da usina.. ficava o motor da luz... Durava até dez horas, nos fim de semana era até meia noite. Lá tinha muita paz, a gente gostava dormir na porta... nas esteiras... contando história (...) Lá eu frequentei a Escola dos Operários, Reitor Edgard Santos e Ebenézer ...

Ângela e Claudemira – [Ângela: lembro que era dividida em Remanso e Capão... lá tinha muitas coisas bonitas... a igreja lá era muito bonito...] [Claudemira: era bonita.... mais bonita que aqui... tinha a capelão do capão... o mercado... era muita coisa que a gente lembra][Ângela: lá tinha um avião... como era o nome?!... eu fiquei doente e andei nesse avião... eu lembro disso...].

Adelaido Viana - Em Remanso Velho... Tinha os penitentes... eles saem na semana santa... Tinha o carnaval tinha nos clubes e na rua... saía nas ruas os mascarados, quem tocava era Sr. Hermes, o Tozinho, era os músicos que tinha em Remanso. Era um grupo de mascarados, vestia uma bata e saía pelas ruas... Tinha também a batucada... a batucada era um grupo de homens que saíam com instrumentos e tinha uma rainha... tinha uma moça bem vestida que ia na frente dançando. Então assim, o carnaval de Remanso Velho... as músicas tinham letras, melodias... bem diferentes das músicas de hoje... O centro da cidade era a concentração das casas mais imponentes... lá ficava a prefeitura, o Bar do Ó... Os lugares que fazem parte da minha memória... o Capão de Cima, onde eu morava... os lugares que estudei... Grupo Escolar Getúlio Vargas e o Colégio Municipal Ruy Barbosa.... A Companhia Telefônica de Remanso também, onde trabalhei...

Francisca Oliveira - Lá em Remanso Velho... A casinha da gente era pequeninha e era cercada de um pau chamado canudo. A casa da gente era perto do cemitério... Lá tinha a rua do comércio, tinha o mercado, a prefeitura... essas coisas... O colégio Ruy Barbosa era muito bonito... era grande, muito bonito... A prefeitura não era muito bonita não... o Mercado também não era feio... era uma coisa muito bonita, bem feita! A igreja era a coisa mais linda! A capela lá do Capão de Baixo, era muito bonita...as janelas tinha o sofrimento de cristo, desenhado... olha assim por dentro e você via. O quartel não prestava, era muito feio... o quartel era uma casinha, só segura bêbado ((sorriu)).. agora a igreja era muito bonita! Eu ia pra igreja e passava na frente de um brega... hoje falam brega, mas lá era cabaré... a gente passava e nenhum homem dava nem “psiu”... lá era muito tranquilo... os homens de lá respeitavam as pessoas. Lá as casas eram mais de taipa... só onde tinha casa de alvenaria era em Remanso grande, onde vivia os ricos (...) Tinha levada de santo quando demorava chover... quando demorava a chover o povo saia de casa 12 horas com aquele santo e aqueles litrinhos d’água na cabeça e ia até longe... com ganho verde e fazia prece pra chover... com ganhos verdes, velas... tinha vela de cera, cera de abelha... eles pegam uma tira de pano... pegavam a cera, colocavam num pau e passava no pano, assim... por dentro e por fora.. o pano ficava duro e faziam aquelas velas grandes...Cada dia faziam mais longe, faziam nove dia... pedindo chuva! O reis de boi era bom demais... dançavam muito bem... aquelas reiseira com aqueles chapéus bem enfeitados, cantavam e dançavam até o dia amanhecer... São Gonçalo era muito bom.. tão diferente do de hoje... lá era muito melhor!

Terezinha Santos – Quando aconteciam as apresentações em remanso Velho... eu corria atrás, até escondido, eu e minhas irmãs. Achava muito bonito o reis de boi de lá, da cidade velha... e... eu tenho muito conhecimento porque... uma das “reiseiras” da cidade velha/ o muro da casa dela era o muro da minha casa, lembro muito bem! As cantigas... tudo, tudo, tudo! As apresentações, lá mesmo eram... só no mês de janeiro , de 6 de janeiro a 31 de janeiro. Toda noite/ durante os dias eles procuravam a casa que iam cantar aquela noite. Chegava na casa, na residência/ “cê quer um reis de boi aqui?”, se a pessoa quisesse bem, se não quisesse eles iam procurar em outra casa, mas eles cantavam toda noite, durante o mês de janeiro/ as mesmas cantigas, os mesmos personagens/ os tamboretes, ao instrumentos eram sempre dois tamboretes, um pandeiro, um triângulo, uma viola, né?! E... o boi com o dançador, acompanhado de dois vaqueiros, na “Catirina” também, acompanhava a dança do boi, a mulinha, que a gente chama “a mulinha de outro”, o babau, o “Luiz caipora” e a nega da cesta... mas os cânticos são os mesmos de lá (...) o São Gonçalo...Olha... na realidade o São Gonçalo tem uma data específica, o dia dele é 10 de janeiro... eu não lembro qual a cidade daqui da Bahia que o padroeiro é São Gonçalo... tô esquecida, mas São Gonçalo é assim... a pessoa que é devoto de São Gonçalo... se... se sente doente, ou alguém da família ou tiver algum problema e se apega com São Gonçalo. E se... São Gonçalo curar a doença daquela pessoa ou atender aquele pedido aí.. a pessoa que fez o pedido convida as pessoas que dança o São Gonçalo em seu terreiro, no terreiro da sua casa e vai.. é... comemorar, pagar aquela promessa em rodas de São Gonçalo, é assim/ já tem os dançador só que lá no Remanso minha lembrança era essa: menino, se... se... nem podia chegar perto, até pelo preconceito que naquela época, no Remanso Velho, se tinha com criança, o ditado era esse: “menino, cachorro, fora!”... tinha esse ditado!/por isso existe a dança de São Gonçalo/São Gonçalo existe, tá lá no céu, como nós católicos reverenciamos... ele está lá no céu e quando a pessoa pede uma benção e é atendida por ele a pessoa vai fazer as rodas de São Gonçalo(...) a igreja do Remanso Velho, era muito bonita, uma igreja antiga, muito bonita, o altar onde ficava mesmo Nossa Senhora, muito bonito com aqueles desenhos antigos, aqueles anjos... assim, eu mesma quando menina, eu pensava que ali existia aqueles anjos, exista... muito bonito! E... ela era virada para o rio, a frente dela... era virada pra o rio, inclusive esse córrego que a água desaguava pra o rio de cima, passava na frente da igreja que se chamava... é... o rio de cima... não... tinha o rio do Capão de Cima e o rio de cima... era!... passava mesmo BEM em frente

da igreja... tinha aqueles arrecifes bem altos e a igreja ficava pra cá ((gesto com a mão))... tinha é... tinha o local onde se batizava, eu nem sei como se chamava ali, mas a gente chamava “a bacia do batismo”, aonde se colocava a água e o padre virava assim o padrinho ((gesto)) botava o padrinho mais a madrinha pra colocar a cabeça e jogava a água lá... era exclusivamente para batismo onde, aqui, a CHESF não fez, né?! Mas tinha, e... onde se assistia missa, é... e tinha aquelas entradas... tinha entrada que a gente chamava “entrada do lado do Remanso”, Remanso era um bairro que também/por nome Remanso, era o bairro dos ricos ((baixou o tom de voz)) e tinha a outra entrada que era do pessoal desse lado de cá ((gesto)), rua de cima, capão de cima, puarema... e os altares que colocava cada santo... muito bonito e assim, uma coisa que você olhava e sentia mesmo que você tinha temor aquele santo e tinha respeito... muito diferente dessa igreja daqui. Era maior do que essa daí, muito bem dividida mesmo, muito bem dividida! A capela do capão era pequena, mas também era bem divididinha... coração/ lá era Coração Sagrado de Maria, eu lembro! (...)A rádio primavera, era uma rádio muito divertida, muito bem divertida mesmo! Ela funcionava horário comercial mesmo... e... aquelas músicas muito bonita, aquelas antigas, e o que a gente mais... eu mesma, o que eu mais achava bonita era quando uma pessoa amiga ia viajar pra São Paulo: - “fulano vai viajar pra capital bandeirante!”. Aí fazia aquelas mensagens bonitas, aquelas dedicatórias e era o dia todinho, aquelas dedicatórias pras pessoas. Por exemplo, você ia pra São Paulo, eu era sua amiga aí eu fazia minhas mensagens e botava lá... “Atenção, muita atenção, povo de Remanso! Nina Rosa está indo pra São Paulo, para a capital bandeirante, deixando nossa terra natal, deixando muita saudade aqui para os amigos”, aí a mensagem continuava... “então eu te ofereço essa música”, aí passava a música, era muito divertido mesmo!/ e lá na rua era a Rua Primavera, era aonde também tinha assim... um passeio! Amigos e amigas, era assim, muito divertido também/ os namorados iam lá à ponta da rua e voltava, era aquele movimento... assim, como... eu vi assim... aqui evoluiu muito, a televisão entrou, mostrou o bom e mostrou o ruim... evoluiu muito! E... o que eu vejo mesmo, o que eu sinto saudades, era a confiança... que se tinha, acontecia as coisas ruins também, mas assim/ mais harmonia dos amigos com as amigas, dos namorados com as namoradas... você ia você voltava, você não tinha medo de ir, você não tinha medo de voltar... que hoje a gente tem medo de sair até na casa do vizinho com tanta coisa. Eu vejo assim, aqui evoluiu, aqui tem acontecido muitas coisas.. eu quando eu sai de lá já estava com os meus 22 anos eu NUNca em minha vida, nunca eu vi uma colega minha alcoolizada, nunca vi uma colega minha fumando e muito mais... ou, muito menos dizer “tá usando droga!” a gente nem sabia o que era droga. E hoje em dia eu fico triste quando vejo um jovem com um cigarro comum, o que é mesmo liberado, eu me entristeço... um jovem alcoolizado, é... porque lá não existia isso não (...) Existiam as matinês... as matinês era mais final se semana... sábado, sempre era com o Se. Hermes, você poderia fazer até na sua própria casa, o pessoal ia dançar, se divertia... e tinha até um “jogar de pimenta” quando tinha uma pessoa que era contra, eles jogava pimenta e o pessoal começava a tossir, a espirar e acabava a festa ((sorriu)), isso também existia lá, isso era um tipo de maldade, né?! Existia, mas... e tinha também os “assustados”, também era em casa de família, é... por exemplo dizia; “há, tal dia eu vou fazer um assustado lá na minha casa” e eu convidava as pessoas amigas, os jovens, as pessoas que queria ir/naquela época lá não tinha certos sons que tem aqui, esses sons de potência, era uma radiolinha com aquele disco e se colocava lá e a gente dançava até a hora que dava certo! Eram os assustados mesmo!

Maria Wilma - Nasci em Remanso Velho, minha família em Remanso Velho... Lá, nós, as adolescentes, brincávamos muito de “nego fugido”... saia um bocado de meninas pra brincar no pátio da Igreja Nossa Senhora do Rosário, na matriz.. lá era bem fresco, tinha uma sombra maravilhosa...a gente brincava de roda, de pular corda, de boneca... Quando chovia tinha uma várzea enorme... assim, entre Capão de Baixo e Rua de Cima... Eu morava na Rua de Cima.. Tinha outros bairros, Gameleira, Capão de Baixo, Capão do Meio e Capão de Cima.. aí quando chovia criava argila no meio, na várzea, aí juntava uma turma de coleguinhas pra

fazer panelinhas de barro... fazia moringuinhas, fogãozinho lá mesmo, de barro... A gente jogava bola envenenada, jogada Rua de cima contra Capão de Baixo... Tinha o Bar do Zé da Hora e Pedro da Hora, dono do bar da hora... Tinha um lugar perto de Remanso Velho chamado Alegria... quando era no domingo o pessoal ia pra lá, era uma área de lazer...

Carmelita Alves - Tinha o Mercado Municipal, tinha só um prédio chamado Getúlio Vargas, que era a escola (...) Lá no Remanso Velho, no antigo, não tinha nada! Era difícil, só formava os filhos os ricos que botavam pra fora... sabe quando veio ter colégio, hospital... no ano de 50 pra cá, que Dr. Marcelino que entrou como prefeito e fez o Hospital e o Colégio Ruy Barbosa. De 50! Lá em Remanso era perto do Mercado, na beira do rio mesmo, o Getúlio Vargas! Tinha o Cais e o mercado era na beira do rio mesmo e ele era assim... por de trás. Olímpio Campinho era um prédio que tinha lá...O prédio do Capão de Cima se chamava “Zé Castelo Branco” (...)A igreja do Remanso Velho era muito bonita! A do Remanso Velho era mais bonita! Não era muito grande não, mas era mais bonita... dos lados assim... A igreja que eu achei umas aparências com a do Remanso é a da Pompéia em São Paulo... agora só a que de lá era muito grande... a daqui era mais simplesinha, mas do lado... o corredor... Tinha a Capela do Capão de Baixo, quando eu morei no Capão de Baixo bem pertinho... dessa capela... Nós viemos em quarenta e sete do lugar que a gente morava, meu pai... morou lá, na casa de um irmão dele e tinha essa capela, parece que é até coração de Jesus (...)As apresentações de reis era como aqui... aqui eles tão fazendo... a diferença é que lá eles eram mais entusiasmado... as coisas... lá o povo participava mesmo, aqui o povo só vai mais pra ver a apresentação, mas lá o povo participava mesmo... São Gonçalo chega era aquele enxame... São doze pessoas com os arcos fazendo a dança... era interessante! Lá tinha também, no tempo que o povo não tinha a malandragem que tem hoje... os... como é que chama?... Agora eu esqueci, agora acabou... saiu da memória já... Que na semana santa fazia assim... OS PENITENTES! É... faziam lá também, era muita gente. Eles, as pessoas que iam... vestiam uma bata comprida, de branco, com a cabeça coberta... você não conhecia as pessoas não, se tampavam tudo... tudo... agora iam rezando... na paixão de cristo... levavam vela... cruz. Aqui ainda teve mas a malandragem é demais... os vagabundos saiam arribando a saia... diz pra ver quem era... se era macho... se era fêmea... não respeitaram... mas lá era gente boa... era bonito! Tinha também, na sexta-feira... serração ((sorriu))... era assim... se tivesse aqui nessa rua duas pessoas que fossem juntas, sem ser casado... só era juntos, aquela outra rua tivesse outra, aquela pessoa não era pra saber que eles iam passar aqui... eles chegavam na porta e tomavam a porta e ficavam cantando... dizendo coisa, uns com serrotes, outros com chocalho... com tanta coisa... o povo morria de sorrir! Iam e batiam assim ((fez um som)) batendo na goela ((sorriu)) e diziam... já esqueci a cantiga que eles cantavam... Eles tinham um bocado de cantiga... o casal não tinha ido na igreja, nem no civil... só amancebado... parece que a cantiga do amancebado era assim... que eles cantavam “amancebado, amaciado, amasiado, cuide logo em se casar... que a morte vem de repente não dá tempo...” esqueci já, meu Deus! a cabeça já tá... se arrepender, eu acho! Era risada demais, era risada mesmo que chega... era muita risada, era gen:::te que acompanhava, só pra dá risada... uma multidão de gente andando sorrindo... era interessante mesmo! (...) No Remanso velho não tinha especialidade... As casinhas tudo simples, de barro, feita de taipa... todo mundo tinha suas casas arrumadinhas, direitinhas... não tinha casa especial.

Maria Libório - Eu nasci em Remanso Velho... em 41.. 1941. Meus pais eram de lá. Era:: eles moravam assim... do outro lado do rio, tinham casa cá e lá...A gente tinha as casa na ilha.. era as roças... em Remanso Velho tinha um bocado de barro ((fazendo menção aos bairros))... de barro tinha por nome de Gameleira, o Capão de Cima, Capão do Meio, Capão de Baixo... Eu morava no Capão de Baixo () Gameleira.... era/eu morei primeiro na.. chamava Travessa 1º de Maio que era na beira do rio, aí depois -- que era a casa do meu pai -- aí depois eu fui morar no.... chamava Capão de Baixo, chamava/ o povo dava nome de Gameleira e era perto

do hospital, tinha o SAAE, era... Quando a gente ia um passeio dizia assim: vou passear ali na rua Chile... era semana toda, quando era de tardezinha e de noite... o povo ficava ali na frente do bar passeando pra lá e pra cá na calçada... Era muito divertido que tinha uma rádio grande... O povo botava aviso pra quando ia viajar, outros botava aviso pro namorado, pra namorada eu que não botava pra ninguém, escutava o que o povo mandava lá... era rua mais movimentada era essa (...).

MEMÓRIAS RELACIONADAS À NOTÍCIA DA MUDANÇA

Cândido de Albuquerque – Houve primeiro um encontro com os prefeitos das cidades ((Remanso, Casa Nova, Sento Sé e Pilão Arcado))... Como prefeito... reuni os moradores no cinema da cidade para comunicar de fato sobre a mudança... Construiu-se Sobradinho em seguidas as cidades... Empregava-se preferencialmente nas construções os moradores de Remanso. Quando iniciamos o mandato não havia essa perspectiva da cidade desaparecer, ela surgiu aos seis meses de mandato... a notícia chegava aqui com o sentido até de piada...

Maria Lima - Minha filha... essa notícia da mudança ((tom de voz de lamento))... Você acredita que essa notícia da mudança pra mim/ quando veio... quando começou a fazer as pesquisas e tudo... eu até que não... Não maldei não... de jeito nenhum...

Christóvam Lopes Régis Júnior - A primeira coisa que eu pensava era que: ERA MENTIRA! Muita gente não acreditava e só saiu quando a água estava subindo. Na época da notícia eu era bem jovem... era uma negócio que ficou bem abafado mesmo... o pessoal tentou esconder... quando surgiu a notícia lá muita gente não acreditava que ia ter essa inundação toda... e alguns ficaram com medo até... teve gente que até a última hora, enquanto a água não começou a subir não acreditava que ia ter essa barragem...

Francisca Oliveira - Teve as reuniões, mas o povo lá de casa não foi, era todo mundo broco todo mundo índio.

Maria Libório - Sei que saiu a notícia que era pra todo mundo... que ia mudar todo mundo de lá, ia indenizar as casas pro povo sair e era essa mudança pra cá... uns foi embora por aí, uns pra () outros pra () foi gente pra todo lugar, nós mesmo fomos mudar pra um lugar de nome Fartura, ficamos dois anos e veíamos embora pra cá de novo/ teve a casa que era do meu pai, que tem até hoje na quadra sete () Remanso Velho ((barulhos)) na mudança pra cá viemos ((barulho))... Eu acreditei porque todo mundo estava saindo e disse que era pra parar o serviço, nossa casa mesmo lá, meu marido disse que tinha indenização, mas antes de indenizar ele pegou e vendeu... tudo baratinho, dado... quando era assim só bota/ o homem disse que não era tempo ainda de indenizar... ele ((se referiu ao marido)) queria embora pra lá, pro interior, como fumo pro lugar de nome fartura, aí nós... depois que viemos embora pra cá e ele indenizou por mixaria, não sei se foi duzentos ou quatrocentos... não tenho nem lembrança mais... sei que não... só pra num dizer que/ ainda bem que quando nós votemos eu fui lá adquirir o que dava os terrenos pra fazer outra casa que nós morou () quem tivesse casa cá () eles davam outro terreno, com a maior dificuldade pra conseguir... todo dia eu caminhava pra lá com uma vizinha minha que chamava Angélica, até que o dia pegamos uma ficha – que era por ficha – só dava cinco ficha, que ele já tinha ido e de primeiro ele não adquiriu, elas perguntaram ele se ele morava cá na cidade e ele disse que morava no interior, aí elas disse: pois não tem não, esses terrenos aqui é pros que já morou aqui, colocar primeiro os do lugar, aí sempre que eu adquiri a ficha que elas me deram o terreno... Lá no interior nós tínhamos casa, mas lá é avulso, quem quiser fazer suas casas fazia... lá não tinha indenização não, era só aqui... no Remanso Velho, só tinha pro Remanso Velho, pra o povo vim morar aqui nessa cidade de cá... Lá era Remanso Velho e aqui Remanso Novo. Quando mudei pra cá já tinha feito as casas já, porque nós fomos embora pra lá, pro interior, né?! quando a gente veio de lá

o povo já estava era se mudando pra cá... tinha muita gente que já estava morando aqui, aí nós fomos pra lá e de lá que fizemos a mudança, que a casa que era do meu pai, acho que ainda não estava pronta... quando foi entregar lá que fizeram a mudança com nós pra cá... aí mudamos lá pra quadra sete, da quadra sete que vemos pra cá que ele ((se referiu ao marido)) construiu aqui, mas primeiro moramos na quadra sete, na casa do meu pai... Aqui ficamos distante, pra não dizer que/do Remanso Velho, tem aquela vizinha ali, Dona Odete do Cristóvão que era vizinha nossa no Remanso Velho, assim... a rua era tudo na mesma rua e os outro tudo distante. Não tive nada contra não, que ficou longe... quando eu quero ver, quando dá vontade de ver a gente se vê ou se encontra por aí, mas ficou longe.

Carmelita Alves - Primeiro eles andavam... vieram muito tempo percorrendo o mundo todo, falando, avisando as coisas e o povo não acreditava! Muitos pesquisadores, lá mesmo, na ilha andavam pesquisando, andando, falando, avisando, mas o povo não... não estava acreditando... Quando eles passaram avisando tudo, a gente já ficou surpreso que aquilo ia acontecer! Agora, muita gente não acreditou, teve gente que só saiu dos lugares quando a água já estava dentro de casa... Eles não queriam sair e nem acreditavam... Teve gente que foi tirado de avião! E as coisas que tinham a água levou... animal gado, muito animal de muita gente se perdeu ... por não acreditar!

Maria Wilma - Teve uma reunião, veio um pessoal de Sobradinho para avisar que ia inundar Remanso, Casa Nova, Sento Sé... e que iam indenizar as casas, quem tinha fazenda... Em Remanso Velho, quem quis indenizar a casa, indenizou e quem não quis fez a troca. Quem tinha casa lá podia trocar por uma casa em Remanso Novo e se você não quisesse, você indenizava e recebia o dinheiro. Lá em casa meu pai indenizou, ele comprou um terreno aqui e construiu... Algumas pessoas acreditaram outras não... Elas perguntavam: como vão conseguir inundar a cidade?

Marisa Muniz - Surgiu ideia da mudança... aceitei... com a dor de perder meu berço... minha terra... Quando recebemos a notícia da Barragem Remanso já estava caminhando pro progresso... era a notícia do momento... muita gente ficou alegre, só pensava na casa nova... A CHESF dava o que queria e todo mundo aceitou... as moças que vinham pela CHESF eram instruídas para enganar a gente... diziam coisas que nunca existiu... tinha muita gente ficou alegre, feliz com a notícia... muita gente só queria sonhar, só pensava na casa bonita...

Maria Magalhães - Eu achava que não era uma coisa muito boa. Às vezes pensava que era real, mas as vezes desacreditava... O jeito foi acreditar e seguir o barco... teve muita gente que não quis sair... Muitos ficaram animados e outros não... outros não acreditavam e falavam “onde é que iam achar tanta água pra ter que deixar ali...”

Carlos Ribeiro – A notícia da mudança não foi bem recebida por todos, houve uma maior resistência principalmente da parcela da população que já era idosa.

Veraneide, Izaulina e José Wilton - [Izaulina: quando chegou essa notícia eu não achei bom não... ninguém achou bom não, ninguém achou bom.(...)achou ruim, foi... todo mundo queria a cidade velha] [Veraneide: Por que?] [Izaulina: Foi ruim porque... sabe porque?!por que na cidade::: cidade velha tinha muita coisa boa, tinha o ginásio que cha::: chamava... aqui chamam colégio, é... mas lá chamava ginásio, hoje aqui chama colégio... o mercado... as coisas [Zé Wilton: tudo era tranquilo lá... né, mãe?!] [Izaulina: era... era...].

Ângela e Claudemira – [Claudemira: e primeiro... primeiro não achei ser verdade... muita gente não acreditou] [Ângela: eu também não... soube foi de gente que não acreditou e só saiu quando a água estava subindo].

Noêmia Souza – eu era muito pequena... assim... lá em casa no começo o povo não acreditava... depois chegou o pessoal para trocar... indenizar as casas... aí todo mundo foi acreditando...

Maria Caróá - Sempre nós tivemos notícia assim, que nós ia ter essa barragem... que ia a partir de 70 em diante ia acontecer, só que a gente não acreditava... que tudo ia mudar, que ia ter que mudar, que nós ia sair da cidade, que lá ia inundar... ninguém acreditava mesmo! Muitos mais velhos encucou muito, impressionou... muita gente tinha suas ilhas, tinha suas terra do outro lado do rio, tinha fartura, abundância de roça, de chuva e do rio... Ai quando começou quando mudou isso aí começou esse negócio de todo mundo que tinha sua terra no rio, todo mundo já “embolou a cabeça” a cabeça (...) Então quando apareceu o tal de... como fala o nome? ... o mapa! Nós não acreditamos, eu tinha minha casinha, era pequena... Eles disse: a senhora vai querer a casa ou vai indenizar? O terreno era meu, tinha comprado. O terreno eu tinha ganhado, tinha recebido... Minha casa era de taipa, mas meu terreno era 30 de frente e 60 de comprimento, eu tinha dois lotes. Eu ganhei do compadre Carlos, que foi prefeito, o pai dele foi quem me deu, deu pra mim e eu deu pra minha mãe e eu tinha documentado... aí eu fui e coloquei a minha casa – vi no mapa—recebendo uma de troca e recebendo outro lote aqui, recebi mesmo! () aí eu recebi, minha casa era pequena, era só uma salinha, um quartinho, um corredorzinho e a cozinha... Quando eu cheguei aqui já tinha meus filhos tudo, não tive filho na cidade nova...Nós mudamos pra aqui em 76. Quando foi mudar, foi fazendo aqui, a cidade, né?! E aí foi mudando... Primeiro uma parte da quadra 2, assim () quando chegamos aqui... você não ver assim, como tivesse chegando numa praia? Aquela barraca debaixo, aí você só ver água e bem assim nós chegamos aqui... era só a casinha! () Aqui era só mato e grude que nós não sabia nem por onde começava nem quando terminava aquilo, quando eu mudei pra aqui. Tudo ficou lá, não fizemos a mudança () eu fui das primeiras... eu mudei na segunda remessa, mas nós sofremos “o pão que o diabo amassou” nessa cidade nova! Porque não mudou todo de uma vez não, minha filha! Essa cidade passou muitos anos pra mudar! Teve gente que mudou com a água dentro de casa, perdendo tudo, carregando tudo porque não queria sair... e da onde eu morava era perigoso não.. eu carregava/por que quando o rio botava, ele arroteava e ficava bem assim, na frente de onde eu morava, fechava! Atravessava no mata burro debaixo da Banca e tocava no meio do mundo! Então lá onde eu estava eles mudava, né?! Então nós foi os primeiro que teve que sair porque se tivesse uma tromba d’água nós ia embora! Teve gente de lá que perdeu tudo, perdeu móvel, perdeu tudo, que a água carregou, ficaram animal, os bicho porque não queriam sair... impressionaram muita gente, foi muitos que forma embora! Ninguém queria vim pra aqui, aqui...

Terezinha Santos - Quando a CHESF chegou fazendo reuniões com os políticos, meus senhores e minhas sinhás, é... as pessoas quais não acreditava que ia acontecer... es mudança... quando começaram a fazer a derruba aqui da mata, é... pra fazer... a construir a cidade, mesmo assim, como aquela demanda, o pessoal trabalhando aqui e tudo, o pessoal não acreditava, muitos ficavam felizes porque eles falavam que ia ter fábrica, ia ter serviço, aqui a gente ia ter energia, água... assim, aquele tipo de... de... coisa que muitos se animaram, muitos não acreditaram, muitos não quiseram vim, venderam suas casas, foram morar em outra cidade, muitos foram e depois voltaram... e a gente acreditou assim, que tudo aqui ia ser melhor.

Niolene Nascimento – Quando recebi a notícia da mudança eu tinha 18 anos... Eles montavam um palco e diziam:” vai ter filme!”... Enganavam muito a gente... Diziam que nesse lago ia ter peixe que não ia dá conta...Meu pai era oleiro, ele ficou desesperado quando soube dessa barragem... Ele se desesperou e foi embora para Brasília (...) acabaram com tudo, tudo que eles falaram não era verdade... o prefeito daquela época entregou a cidade pra eles...

Adelaido Viana - Os administradores da cidade foram negligentes, eles compactuavam para convencer a população que a mudança seria a melhor alternativa. Faziam reuniões para mostrar vídeos e tentar convencer a população que o novo seria melhor para todo mundo.

Christóvam Lopes Régis Júnior - Foi um choque pra muita gente... eu gostei da mudança, mas a gente não tinha tanto tempo de vivência lá na cidade... Quando eu mudei mesmo pra cá eu já tinha 15 anos... 14 pra 15, por aí... Ainda deu pra ver muita coisa lá... Eu vim nas primeirasavas... meus pais ainda ficaram lá... eu vim pra cá por que já trabalhava no banco do Brasil e o banco mudou logo... aí eu mudei pra cá pra casa de uma senhora chamada Dona () eu ficava na casa dela aqui... Criou muita expectativa. Lá a energia só funcionava das 18 às 22 horas e depois desligavam. Mas muita expectativa foi quebrada porque a energia demorou a chegar (...). Muita gente veio aos poucos. As empresas grandes vieram primeiro. As pessoas comuns vieram aos poucos e outras vieram mais apressadas porque já foi prestes a acontecer a inundação (...) Quando começaram a construir o Padre José (Figura 76) e Dom Rodrigues vinham nas novas casas para fiscalizar.... as vezes só empurravam as paredes e elas desabavam... eles exigiam que refizessem...

MEMÓRIAS RELACIONADAS À MUDANÇA E ADAPTAÇÃO NA NOVA CIDADE

Maria Lima - quando as casas estavam todas feitas/ eu trabalhei muito aqui nessa cidade, eu vivia de um jeito que nem sono eu não tinha mais... eu me levantava três horas da manhã... duas e meia três horas pra fritar sonhos pra trazer pra aqui ((se referindo a cidade nova))... fazer beiju... eu fazia beiju, fritava sonho, fritava sonho e fazia beiju... eu e uma vizinha... quando chegava cinco horas colocava aquela caixa, cheia de coisas, num caminhão cheio de macho... vinha pra aqui vender... vinha pra aqui trabalhar, ali no prédio... antes de ir trabalhar ia vender, onde tivesse construção eu estava vendendo... Aí quando chegou/quando eu vi as casas prontas... aquele monte de casinhas nas ruínas tudo certinhas... que eu pensei comigo assim: Meu Deus! vou mudar da minha terra pra ir pra terra das aranhas"... porque isso aqui era onde a gente vinha pegar umbu... era bem aqui, menina! A gente saía do Remanso Velho pra pegar umbu aqui... era só a matona, caatinga fechada! Quando acreditei foi quando vi as casas prontas...Meu Deus do céu! Aí quando chegou o dia de dizer assim: “vai olhar a casa que você vai se agradar”... que eu vim com a titia... nós pegamos uma casa... olhamos uma na quadra três virada pro sol e ela disse: não quero!... olhamos outra e ela disse: “não quero! Além de ser virada pro sol é casa de esquina e eu tenho pavor a casa de esquina”... aí encontramos outra... quando chegamos aqui não tinha nada não... só poeira... só o vão, sem mato, mas só o vão e poeira na casa... Quando chegamos aqui estavam construindo a rodoviária (...)Quando disse assim: “Vamos mudar!”... Ô, minha filha! Apertou meu coração! Eu lembro do dia... eu lembro como se fosse nesse instante... nós íamos sair de lá numa manhã... era pra sair sete da manhã... eu não preguei mais o olho... “e nem o juízo”, como dizia o doido... passei a noite arrumando as coisas com a titia, minha mãezinha velha... as coisas... que a gente não tinha nada não... lá ninguém tinha nada não... tinha um moringueiro com um pote... duas cadeirinhas ou dois tamboretas... duas cadeirinhas daquelas que chamam “cadeiras de Januário”... umas que abrem e fecha que tem um tampo de couro... e... quem tinha cama tinha uma caminha dentro do quarto com um colchãozinho de capim... era só o que os pobres tinham... Quando nós chegamos aqui... nessa rua aqui que chama de Vila Garrancho... nessa rua aí só tinha casa de papelão e garrancho mesmo... a gente morava na quadra três... na rua Cidade Casa Nova... eu colocava um arroz no fogo e falava: “tia olha aí que eu vou buscar lenha”... e ia pegar fecho de lenha perto do cemitério (...) quando disse assim: “amanhã, sete horas da manhã, o caminhão está aqui passando pra pegar suas coisinhas”... não tinha nada!... tinha três camas, uma de casal e duas de solteiro, o berço da menina... eu morava com minha tia... um moringueiro, dois potes... outro moringueiro da

cozinha que era um buraco só de um pote... não vou dizer que tinha mobília... lá só quem tinha essas coisas era rico (...) quando foi assim a noite... eu me sente na porta da rua... tinha muita gente que já tinha mudado pra aqui, a quadra um já estava toda aqui... quase toda... e a dois, tinha muita gente aqui... (...) quando eu me sentei no batente lá de casa... que fiquei me lembrando que vinha pra aqui e ficar tão longe do Remanso... das minhas coisas... de tudo... do cemitério... da igreja... da onde meu pai e meus avós foram sepultados... ia ficar tudo longe... eu fiquei me lembrando assim...eu me sentei assim no batente da porta e amanheci o dia ali... quando foi cinco horas eu acendi o fogo, fiz o mingau da menina, fiz um leite, o café... na padaria perto tinha pão, compramos pão... tomamos o café... lavei ali... voltei a agasalhar as coisas e fiquei esperando o carro chegar... quando o carro chegou me amarrou o coração... “acho que não vou resistir não!”... parece que eu ia dá um troço ali naquela hora...subi no carro e cobri minha cabeça pra não ver a hora que saísse de lá... aí um dia sim um dia não eu ia lá em Remanso... mas tinha que ir mesmo, a gente ia comprar as coisas era lá...Eu vi muito sofrimento nessa beira de rio... teve muita gente que não quis sair... inclusive minha sogra velha... ela dizia: “não vou, não vou, daqui ninguém me tira!”... ela estava como o Frei Henrique dizia: “onde é que eles vão achar água?”... aí a gente chamava... O nome dela era Maria Clara, mas a gente chamava ela era Baô... a gente dizia: “Sinhá Baô, nós temos que ir”... Ela dizia “não vou, não vou”... aí passei uns quatro dias sem ir no Remanso... e ela ficou lá... aí passei uns três a quatro dias sem ir lá... aí recebi um recado, um homem mandou me dizer pra ir buscar ela porque ela já tinha feito até um batente na porta de areia pra água não entrar... a água já estava subindo... ela não veio de uma vez, ela foi subindo aos poucos... aí eu disse: Êta! E agora?!... aí eu falei com um rapaz que tinha um carro... vamos buscar? Vamos! Aí eu fui... tinha uma filha dela () aí nós fomos buscar ela... Quando nós chegamos lá ela tinha feito... ela enfiou quatro forquilha... dessa altura... colocou um colchão em cima... pra se deitar... e tinha colocado na porta... na porta da rua... ela colocou na porta uma ruma de barro dessa altura... a água já tinha entrado na rua... aí: “Vamos embora Sinhá Baô!”... ela dizia: “não vou, não vou...”/ nós tiramos as coisas dela e saímos pela porta do fundo... na porta da rua não estava mais passando... o caminhão não entrava mais... estava cheio d’água na rua... Tiramos ela na marra... ela chorando, mas teve que vim... eu tive muito medo de acontecer alguma coisa com ela... ela dizia assim: “Ô, meu Deus! saí da minha casinha, onde eu nasci e me criei pra ir viver lá...” ((sorriu)) ela dizia tanto nome... Teve muita gente que não queria...

Veraneide, Izaulina e José Wilton - [Izaulina: Eu Lembro! Lembro... achava... meu::: meu filho – ele não está aqui mais não, ele mora em Brasília-- ele quem fez a mudança da cidade velha... dessa cidade aqui... foi, não foi Neide?] [Veraneide: de que? Diga aí pra Nina] [Izaulina: botava as coisas no carro e:: a:: cheio, cheio de... de.... tanta coisa velha, boa e ruim ((sorriu)) tinha bom e tinha ruim ((sorrisos)) é... tinha coisa boa e coisa ruim] [José Wilton: Quando mudou a gente ainda ia em Remanso Velho, eu vinha vender as coisas aqui quando estava construindo, era pequeno...] [Veraneide: eu lembro também, eu era pequena... agente vinha vendia... brincava nas coisas da construção aqui e depois voltava pra Remanso Velho] (...) [Izaulina: Os vizinhos na cidade nova...Uns mudou, outros não mudou não...] [José Wilton: a maioria já morreram, né mãe?!] [Izaulina hein?] [José Wilton: a maioria dos mais velhos já morreram] é... Deus já levou, foi... não tem mais nada!].

Maria Libório - quando chegamos aqui... estava ainda sem terminar, mas achei bom...diferente, achei bonita a cidade também, estava ainda sem acabar, mas... pra quem anda viajando em todo lugar se habita, se acostuma... é... depois que baixou o rio aqui não fui, fui não... eu só fui ali na:: ali cá na caixa d’água, estava ainda com muita água, agora depois que secou mesmo eu não fui não...

Ângela e Claudemira – [Ângela: a gente chegou aqui tinha muito lixo... uma casinha aqui, outra acolá... não era desse jeito que está hoje... a gente sofreu] [Claudemira: foi... começou

ter violência... a gente não tinha mais a mesma tranquilidade...] [Ângela: foi bom porque a gente já era vizinha no Remanso velho, né comadre pequena?! [Claudemira: é... muitos dos vizinhos muitos são os mesmo... muitos mudaram].

Cândido de Albuquerque – Houve a sensibilidade de colocar muitos que eram vizinhos na velha cidade juntos na nova sede também. Houve preocupação com a população... A população, também, foi beneficiada com a geração de emprego... Começou a circular dinheiro... As ruas projetadas e a estrada para Juazeiro que foi asfaltada.

Carlos Ribeiro – quando mudou eu era gestor da cidade, ainda não tinha energia elétrica vinda da Barragem de Sobradinho... Para população não ser prejudicada... ficar sem energia... eu mandei puxar do Piauí, da cidade vizinha São Raimundo Nonato (...) Teve problema, também, com a quantidade de água liberada... Quando inundou a outra cidade a água chegou até o centro da cidade nova, mas isso foi questão de ajuste, eles arrumaram a quantidade de água e não tivemos mais problemas com isso.

Edileide Evangelista - Meu pai foi o último a sair de lá. Eu me lembro do barulho da água “quebrando a caatinga”, a gente na frente no carro da mudança e a água atrás. Tive medo.

Niolene Nascimento – Demorou muito para mudar de vez... qualquer coisa que tinha que resolver a gente ia para Remanso Velho... Hoje se fosse mudar ia ser difícil, as pessoas são mais informadas(...) eles indenizavam as casas baratas... nas ilhas que o pessoal plantava eles davam o preço que queriam... muita gente não aceitou e perdeu muitos animais quando inundou tudo(...) No início foi muito difícil... muita gente morreu impressionado...Ninguém queria sair...Teve um rapaz no interior... na Malhadinha... que não saiu... morreu afogado, o Sr. Vital (...) o dia da mudança foi muito triste, a gente saiu com choro... foi muito difícil me adaptar aqui... eu perdi muito peso... era muito difícil e cansativo...

Maria Caroá - Quando foi mudar, foi fazendo aqui, a cidade, né?! E aí foi mudando... primeiro uma parte da quadra dois, assim () quando chegamos aqui... você não ver assim, como tivesse chegando numa praia? Aquela barraca debaixo, aí você só ver água e bem assim nós chegamos aqui... era só a casinha! () Aqui era só mato e grude que nós não sabia nem por onde começava nem quando terminava aquilo, quando eu mudei pra aqui. Tudo ficou lá, não fizemos a mudança () eu fui das primeiras... eu mudei na segunda remessa, mas nós sofremos “o pão que o diabo amassou” nessa cidade nova! Porque não mudou todo de uma vez não, minha filha! Essa cidade passou muitos anos pra mudar! Teve gente que mudou com a água dentro de casa, perdendo tudo, carregando tudo porque não queria sair... e da onde eu morava era perigoso não.. eu carregava/por que quando o rio botava, ele arroteava e ficava bem assim, na frente de onde eu morava, fechava! Atravessava no mata burro debaixo da Banca e tocava no meio do mundo! Então lá onde eu tava eles mudava, né?! Então nós foi os primeiro que teve que sair porque se tivesse uma tromba d’água nós ia embora! Teve gente de lá que perdeu tudo, perdeu móvel, perdeu tudo, que a água carregou, ficaram animal, os bicho porque não queriam sair... impressionaram muita gente, foi muitos que forma embora! Ninguém queria vim pra aqui, aqui... quando nós chegamos aqui, aqui você não achava nada pra comprar, tinha que ir pra cidade velha. Tinha ônibus pra fazer corrida pra nós aqui... Joalina, uma hora tinha outra não tinha... você ia de pé e voltava de ônibus, ia de ônibus e voltava de pé... aí luz não tinha, era o tiçãozinho de candeeiro, os botequinhos que tinha aqui só vendia porcaria 9) você não achava um leite pra comprar, tudo tinha que ir pra lá.. uma légua, seis quilômetros e nós ficava nessa pendura! Eu mesmo sofri nessa cidade nova, não vou mentir! Foi difícil, nós ia de pé, voltava de pé... trazia o que comer na cabeça ((sorriu)) se era médico era lá... quando hospital mudou pra aqui não tinha mais graça... (...) a gente estendia as roupas aqui e ia pro Remanso Velho quando voltava tinham roubado as roupas das

meninas tudim que eu lavei... roubaram todinha! Não tinha quintal, você não podia deixar nada que levavam, aqui foi um sufoco quando mudamos pra aqui, aquiete!

Francisca Oliveira - Nunca pensei em nada daqui, só mudei, sabe?!... Lembro que foi um dia de quinta-feira... Foi triste deixar a casa da gente. Lá em Remanso era muito melhor. Eu ficava lá na ilha, meu pai plantava. Era bom demais, eu tenho saudade daquela vida... os primeiros dias foi sofrimento... só de lixo..." A gente ainda ia fazer compra lá no Remanso Velho.

Maria Magalhães – A gente sabia que tinha que arrumar as coisas em tal dia... aí vinha os carros para levar nossas coisas... não foi bom o dia de mudar... ainda bem que meus vizinhos... a maioria... eu mantenho amizade aqui...

Carmelita Alves - Quando eu cheguei aqui eu sofri muito, eu não tinha água encanada... vinha de carro pipa...foi difícil, foi difícil... um carro pipa quando pagava aí, era muita gente que ia... Eu carreguei água na cabeça da construção do banco, da construção da prefeitura, da construção da igreja, da construção da casa de Dr. Carlos... do mercado... de todo lugar que tinha construção a gente ia buscar água.... na cabeça! Luz já tinha... Eu me mudei dia 2 de julho de 1977... sai sabendo que não ia mais voltar, saí trazendo um bocado de bagulho... O carro cheio de bagulho... eu lembro como foi no dia. A gente ia lá e recebia um papel com tudo pronto, dizendo que dia vai... seus trens vai tal dia, você vai tal dia... Tantos dias vai passar pra levar, a casa também... eles trazia tudo no carro, os "trens" tudo da casa... telha, madeira... tudo, tudo... a nossa mesmo veio em dois dias. Eles mostravam um filme só com bondades... mas muito difícil ser igual...

Terezinha Santos – Quando mudamos foi muito sofrimento, muito sofrimento porque eles... a CHESF entregou as casas sem muro, os gados invadiam, entravam, as vezes a gente passava era a noite acordada pra tanger os gados... muitos animais e... eu vejo assim, foi melhor e termos de moradia porque eles deram essa casinha assim, mais ou menos... porque, eu não vou falar da casa dos outros, mas a casa dos meus pais, que minhas irmãs e eu morávamos era casa de barro, era casa de taipa. Lá a gente não tinha água... nós! Certas pessoas já tinham, mas a gente não tinha água, não tinha energia, é... uma geladeira lá era coisa rara, fogão? Só meus senhores e minhas sinhás que tinham fogão a gás... certos pobres iam até na casa de um rico pra ver como era que funcionava...

Marisa Muniz – na mudança foi uma vai e vem horrível... muitos carros... muitos acidentes... muitas vítimas... foi um movimento extraordinário... repentino... sei que quando a água estava chegando.. o Chiquinho... um rapaz que veio aqui... trabalhava na CHESF... ele passava dizendo: "Dona Marisa, a água está chegando"... porque ela foi subindo aos poucos... Quando a gente mudou não sabia qual era o lugar bom... quem era os vizinhos... fui parar na vila garrancho... eu mudei para aqui com um restaurante... com os filhos... com tudo... quando cheguei aqui não tive nem tempo de analisar... de sentir a dor da mudança... hoje eu sinto mais... deve ser remorso porque eu trabalhava fazendo comida pro pessoal da CHESF e não tive tempo para sentir nada.

Noêmia Souza - Na mudança... a minha avó mudou primeiro pra cá, aí... eu fiquei estudando lá, eu ia pra lá pra estudar... aí depois no outro ano e vim pra aqui morar com minha avó. A minha mãe mudou por último, uma das últimas pessoas que mudaram de Remanso Velho foi minha mãe... A CHESF fez uma enrolada... foi muita confusão pra minha mãe ganhar uma casa. Quando a gente chegou aqui era muito mata, quase não tinha casa aqui, era mais mato... Já tinha água encanada, mas não tinha luz não. Depois que mudou todo mundo é que chegou

luz! O povo tocou fogos, que eu lembro! Vim pra cá trouxe melhoras... todo mundo com sua casinha, cimentada, pintadinha... quem tinha isso lá?! Ninguém tinha!

Maria Wilma - Quando saímos de Remanso Velho pra cá, quando saímos de lá, a água estava entrando em casa... meu pai não queria sair... foi a maior dificuldade pra sair de Remanso Velho pra aqui... Um rapaz da CHESF foi lá em casa e conversou com meu pai: Olha, Sr. Jovelino não faça assim porque as águas estão subindo e está subindo muito rápido... aí no dia seguinte pegamos o caminhão, colocamos as coisas em cima e mudamos pra aqui. Aconteceu isso com muita gente! Teve gente que veio com a água já subindo mesmo... alguns carros já passaram dentro d'água... Quando nós chegamos aqui já tinha água encanada, energia... eu sou sincera em te dizer, eu Wilma, preferia ter ficado em Remanso Velho! Em Remanso Velho não tinha violência, você podia ficar até 12 horas da noite na porta da sua casa. Quando a gente chegou os vizinhos não eram os mesmos... Uns foram morar na quadra oito, outras na quadra cinco... Não tinha entrosamento, era completamente diferente. Nessa parte do desenvolvimento aqui é melhor, na saúde... o único meio de comunicação era a carta, o telegrama... nesse sentido aqui foi melhor! Eu preferia Remanso Velho! Lá você já tinha sua casa, sua roça, seu criatório, os amigos, sua família a seu redor... chegou na cidade nova se espalhou a família.. A família do meu pai se espalhou, aqui só ficou meu pai e um sobrinho... Por conta da mudança todo mundo foi embora pra Salvador, pra Feira de Santana... não quiseram ficar aqui...

IMPRESSÕES ATUAIS

Christóvam Lopes Régis Júnior - Acabou muita coisa que tinha lá em Remanso Velho... depredaram mesmo! Na primeira vez que o lago baixou o Cais ainda estava preservado! Hoje já derrubaram quase tudo... Na primeira vez que o lago baixou o pessoal *arrancou* muita coisa de lá... Não tinha consciência ainda... Na casa do meu pai tem uns dos bancos lá da praça da cidade velha... Minha mãe... ela observava muito... um dia vinham dois *caras* carregando o banco, ela chamou e perguntou: “Querem me vender isso?”... ela comprou e está lá, no jardim da casa do meu pai... Foi ela que comprou, não sei, mas deve ter algum outro por aí... o de lá meu pai mandou fazer a base e ainda está lá... De vez enquanto eu ainda dou uma *deitadinha* nele pra lembrar a velha cidade... Hoje o sentimento é de saudade! É muito bom *lembrar* de tudo, bate saudades!

Marisa Muniz - Hoje tenho uma terra madrastra o Remanso Novo. Remanso, Capão, Piseiro e Gameleira, ai como me dói essa lembrança! Foi em 1973 mais ou menos que chega a CHESF, plantava-se uma semente destruidora que em busca do progresso foi cultivada a tristeza, a alegria e muita dor. Foi a nossa terra, terra tão querida, hoje já quase esquecida em muitos corações... pequena, humilde e acolhedora, suas ruas praças e avenidas () entre Remanso, Capão, Piseiro e Gameleira... ai que saudade que eu tenho da aurora da minha vida, da minha terra querida que os anos não trazem mais. Entristece meu coração voltar em pensamento aquele pedaço de chão, foi nossa terra completamente destruída em prol de um progresso que pouco usufruímos. Aqui estamos conservando seu nome Remanso num deslize entre a saudade por quanto todo pesar dos seus filhos mergulha no adeus.... para nunca mais! E assim vou levando a vida, hoje faço uma poesia, decoro, declamo, amanhã faço outra... o tempo carrega...

Maria Lima - Minha vontade e minha saudade de Remanso velho não acaba, só quando eu morrer.

Adelaido Viana – Penso que tivemos que mudar por conta do regime autoritário... com certeza as coisas iriam mudar em Remanso velho... as tecnologias iriam chegar... infelizmente a cidade foi submersa... só ficou o sentimento de perda... de saudade!

Maria Caróá - Fui lá por agora, fui... há:: a recordação é grande! Fico bem assim, ó... com a mão no queixo chorando... onde eu morei, criei meus filhos, tinha minhas coisas, trabalhava, que eu dava aula... eu fico assim olhando a diferença de lá com aqui, é tão grande... Aqui ficou mais adiantado, a diferença de comércio... ficou mais elevado, maior, mais organizado porque lá era muito pequeno, tá entendendo?! Mas eu sinto saudade, eu sinto!

Maria Magalhães - Eu gostava mais do meu Remanso Velho, juntinho com meu povinho. Se tivesse escolha eu tinha ficado.

Calos Ribeiro – Como a população é de ribeirinhos... eu gostaria que a cidade tivesse sido construída mais próxima ao rio... até para respeitar os modos da antiga cidade (...)Aqui muitas pessoas tiveram a oportunidade de ter uma moradia melhor, por exemplo... A cidade é mais estruturada... água encanada, energia elétrica, ruas planejadas... têm mais qualidade de vida!

Francisca Oliveira - Nunca fui ver lá depois que eu mudei. Sei lá, me dói, sei lá. Meus filhos têm pelejado, parece que eu indo lá vai me doer tentar ver onde era minha casa. Eu tenho aí um “cd” lá de Remanso, Deus me livre! Tentei passar uma vez, não tive coragem, ver meu Remanso assim se acabando em água. Remanso é um lugar que eu nunca tiro da minha memória... Não considero essa cidade aqui minha história, só Remanso velho. Aqui é muito diferente... A gente conversando aqui foi bom. Lembrei quando era mocinha. Foi bom, às vezes a gente *esquece* de falar alguma coisa, mas é assim. Foi muito bom lembrar.

Carmelita Alves - Lá era muito bom porque a gente vivia tranquilo...

Ângela e Claudemira – [Ângela: a gente lembra muito de lá... sinto saudade... a gente ainda conversa é muito sobre lá] [Claudemira: é... o lugar da gente... eu sinto saudades]

Maria Libório - Eu não sinto saudade... não sei se é porque eu sofri muito lá... uma menina minha morreu lá... minha filha...aí não gosto de lembrar.

Veraneide, Izaulina e José Wilton - [Izaulina: Precisa lembrar da cidade velha.. eu nunca esqueço!] [Veraneide: Só saudade?] ((choro)) [Veraneide: minha velhinha] [Izaulina: lá era melhor, lá era melhor ((choro)))]... [Veraneide: minha velhinha sentiu saudades, não foi minha velhinha?] [Izaulina: foi... ((choro)))] [Veraneide: criou os filhos todos lá]...[Izaulina: criei meus filhinhos todos foi lá. É bom lembrar... é bom e é uma ferida, que::...] [José Wilton: eu era novinho e sinto saudade] Já fui ver lá depois... eu não me senti bem não, achei muito chato, não gostei muito não. Porque as coisas:: as coisas que a gente tinha mudou tudo, ficou tudo diferente aí a gente achou ruim, não achei bom não... não achei bom não].

Niolene Nascimento – acredito que se a gente não tivesse saído de lá as coisas teriam melhorado... lá já tinha até telefone... tiraram a gente lá... foi uma judiação... eu ainda sinto saudade...

Cândido Albuquerque - Sem dúvidas houve perdas que foram sentidas principalmente pelos mais velhos. Hoje o “cordão umbilical” de muitos jovens foi cortado... eles não tem vínculo direto com a velha cidade (...) a mudança tornou-se positiva em muitos aspectos, trouxe melhoria para a sociedade remansense.

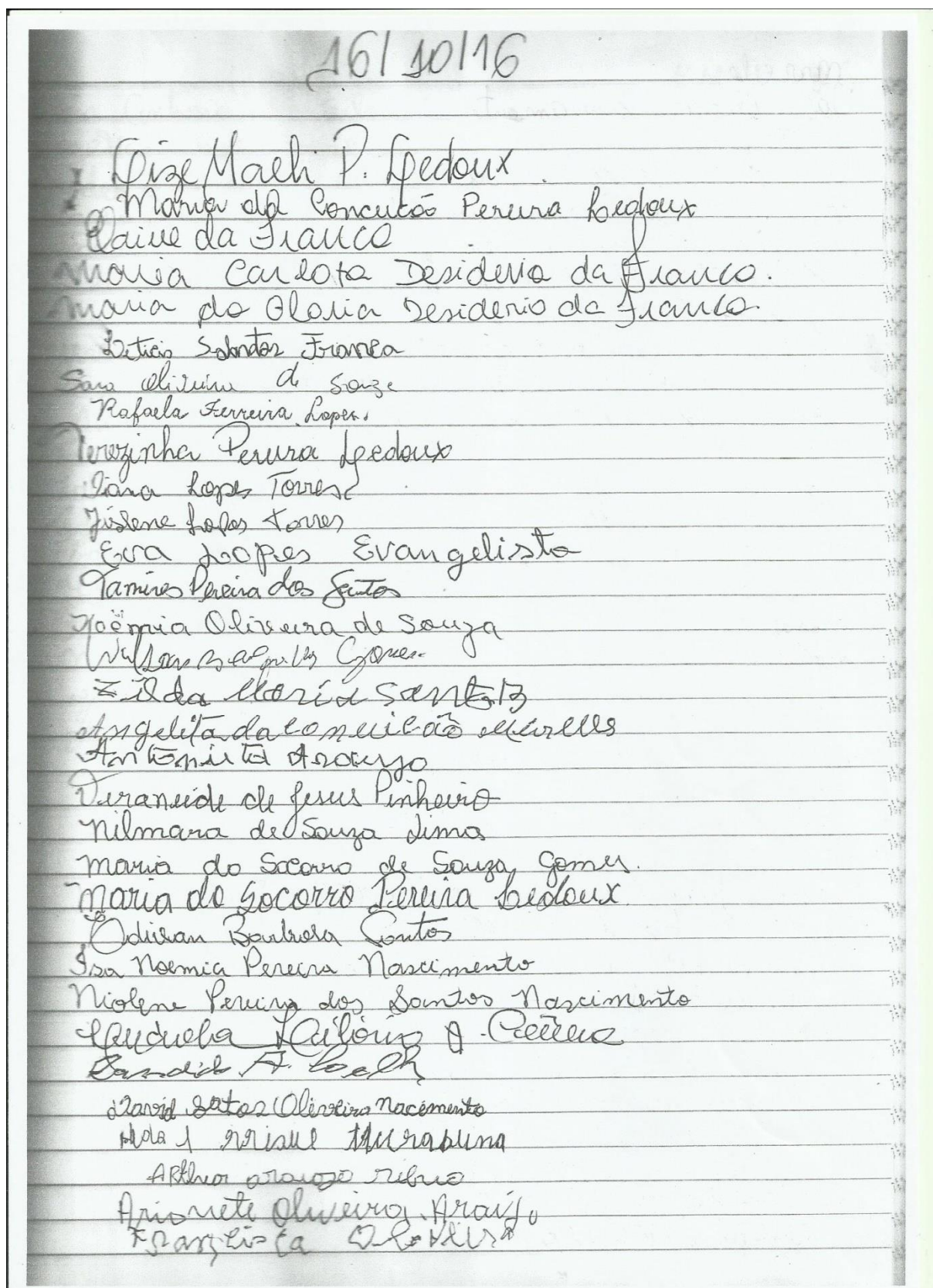
Edileide Evangelista – Assim... eu gostei da nova cidade... mas eu lembro muito de Remanso Velho... as vezes sinto saudades...

Terezinha Santos - eu vejo assim, essas melhoras teve, houve e tem, se hoje alguém dissesse “eu vou construir uma casa pra você lá no Remanso Velho, pra você se mudar pra lá”, eu não mudaria, ficaria aqui! porque lá só existia mais era pobreza, muita pobreza... Pois é, assim... meu pai mesmo tinha ilha, de tudo tinha na ilha de meu pai. Meu pai pescava surubim até de 70/80 quilos, que um homem só não colocava no barco, precisava de dois ou três homens pra colocar e eu não sei porque era tanta pobreza. Meu pai pegou o surubim que a panela que minha mãe/ a panela de ferro que minha mãe botava a comida no fogo pra torrar a banha do surubim, ainda hoje nós temos... e banha de surubim dava um litro de óleo, de gordura e é qui nós não... eu mesmo nunca mais vi, surubim do grande, a gente só ver daquele *surubimzinho* pequeno... tinha de tudo, tinha abóbora, na casa de minha mãe mesmo, na nossa casa, na primeira sala era *um canto* de abóbora, *um canto* de babata, dois/três sacos de feijão arranca, dois/três sacos de feijão de corda... mas como todo mundo plantava, todo mundo tinha, num tinha nem quem comprasse... tinha comida e tudo, mas não sei porque tanta pobreza... Quem era? Se contava com o dedo quem tinha uma casa de alvenaria... aqui eu acho bom... aqui só precisa só precisava que chegasse umas duas fábricas pros jovens.. aqui, qual a renda daqui? Quando se chove mais um pouquinho é agricultura, prefeitura, pescaria cada vez mais *apiorando*, né?!... mas se viesse assim, umas duas fábricas pros jovens trabalhar mais, envolver sua vida... é... seria melhor!

Noêmia Souza - Quando falo de lá vem mais as memórias negativas, a memória boa era só a paz que a gente tinha... Mas lá tinha muitas ruindades, lá a gente quase não comia carne, quem comia carne era *seus fulanos* ricos...mas eu sai de lá com doze anos.

Maria Wilma - Sinto saudades, era totalmente diferente! A tradição mudou muito porque mudou de Remanso Velho. Aqui apareceu muitas coisas novas e foi se perdendo a tradição... até hoje ainda não me acostumei nesse lugar!

Anexo 4 – Cópia da lista de presença do Museu do Sertão Antônio Coelho do dia do evento “Tarde da Saudade: Memórias da Velha Remanso”



Marcelo
 Dário Oliveira Nascimento
 João Vitor
 Yelandia de Souza Pereira
 Joice de Souza Pereira da Silva
 Maria Carla S. da Costa Silva
 Alberto de Sousa Pereira
 Wilma Nascimento
 Terezinha Santos Rocha
 Maria de Lourdes Antunes dos Rocha
 Graça Maria T. de Souza
 Marina Maria Xavier de Souza
 João Paulo
 Maria Maria de Almeida Sousa
 José Gomes Gomes dos Santos
 João Barreiros
 Joazezelle
 Maria Clara Almeida
 Lorinha Leizenia Ferreira
 Marlene Lopes
 Clotilde Lopes Junior
 Maria Fátima M. Silva
 Maria Maria Santos Nascimento
 Poliana Silva Barbosa
 Ana Paula Ap. Silva
 Gilberto Zeitoze da Silva
 Rosimundo Bernaldino da Rocha
 Vilma de Oliveira
 Raquel Ferreira Dias
 Ivonete Evangelista Lopes
 Guilherme Ferraz Dias
 Jádio Azeiteiro de Costa
 Ricardo N. Gomes
 Maria Baires
 Thelma Renato

50

16/10/2016

Maria Antonia da Silva
 Angelica Rodrigues Barbosa
 Aldemir Jose de Carvalho
 Maria Auxiliadora Santos
 Josuvaldo Batista de Souza
 Therezinha Rodrigues
 Eliana de Souza Silva
 Gerliana dos Santos Rodrigues
 Ana Raissa Rodrigues dos Reis
 Anna Genilci dos Santos
 Teresinha dos S. Rodrigues.
 Lourdes Barbosa de Silva
 Ademir Soares da Silva
 Floraneide C. Pereira Souza
 Jozianna Alves dos Santos
 Grinalva Rocha Cordeiro
 Maria dos Santos Oliveira
 Joana Batista de Franca
 Josuvaldo Batista de Souza
 Glacilene dos S. Marques.
 Imaculada das Neves
 Alexandre Gonçalves Santos
 Jose Roberto Silva Oliveira